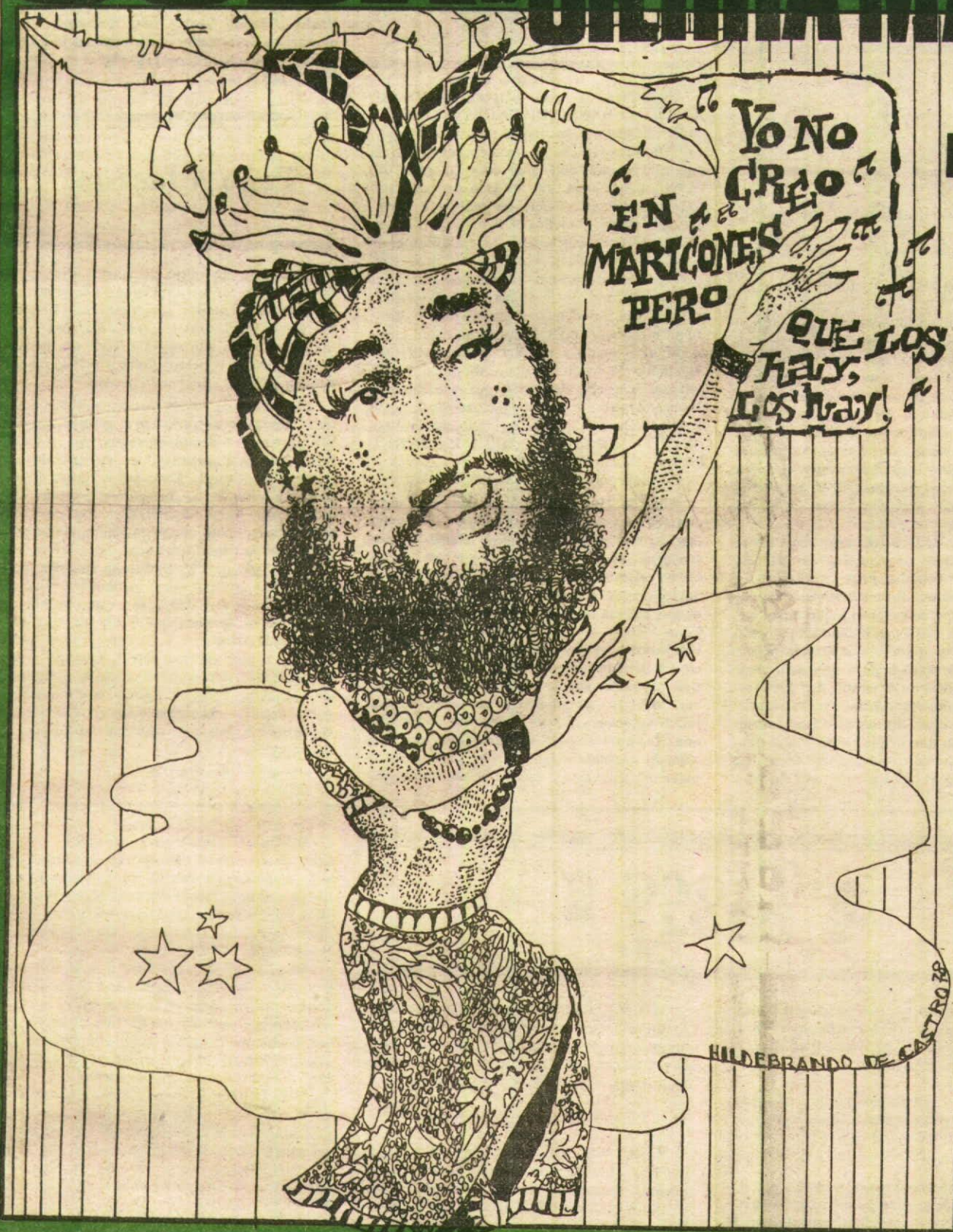
ANO 3 nº 33

LAMPIÃO da esquina

Rio, fevereiro de 1981 CR$ 50,00

• Leitura para maiores de 18 anos

CUBA: OS ÓRFÃOS DE SIERRA MAESTRA

■ Carnaval: Mauro Rosas de pão duro.

■ Hambre de sexo en Argentina.

■ MAS A VIOLÊNCIA DO SISTEMA PODE!

Cartas na Mesa

Sorveteira

Caros lampiônicos, Sinceramente, estou muito decepcionado com vocês. Acho que se vocês fizerem um balanço de fim de ano verão que estão regredindo. Eu esperava que o último número do **Lampião** de 1980 fosse ótimo, que vocês fechassem o ano com chave de ouro; porém a reportagem sobre a masturbação não poderia ser mais chata. Quanto trabalho para demonstrar o óbvio! Parece que na falta de outro assunto vocês escolheram a tal reportagem para "encher a lingüiça".

Embora desconheça o trabalho que os grupos organizados realizam, não concordo com as piadinhas que vocês fazem a respeito dos mesmos, principalmente do Somos. Outra coisa: acho um "saco" esses roteiros gays que vocês publicam, somente acessíveis aos pequenos burgueses como vocês, que possuem carros e podem passear onde e quando quiserem. Portanto, queridinhas, **Lampião** é dirigido às minorias, minorias privilegiadas como vocês. Peguem o seu jornalzinho e vão vendê-lo nos ambientes de luxo, OK? Atenciosamente,

Walmir de Souza Lima, Rio de Janeiro.

R. — Walmirete, meu amor, passa no Sun Shakes e toma um banana "split", tá? E não esquece de pedir pra pôr um pouquinho de castanha por cima.

Masturbação

Caros Lampiônicos, dizer que o "nosso jornal" está cada vez melhor é "chover no molhado". Este tipo de reportagens que vocês estão fazendo e publicando agora é um verdadeiro serviço de utilidade pública. Aquela sobre masturbação teve grande repercussão aqui em Porto Alegre. Inclusive alguns amigos meus, heterossexuais, adquiriram o jornal e discutiram muito o assunto. Fiquei estarrecido com a notícia sobre a morte do sociólogo Roberto da Rocha Leal. Coisas assim é que provam o quanto este mundo é desumano e cruel. E que família é esta, meu Deus! A irmã dele mais me parece um monstro.

Quanto ao caso do rapaz do Itamarati, não me causou surpresa. Ainda recentemente um amigo meu foi exonerado por ser HOMOSSEXUAL PASSIVO. Possuo um exemplar de "Balu". Só não sabia nada sobre o seu autor, por sinal, um homem bastante interessante. Há possibilidades de entrar em contato com ele? Gostaria de participar do próximo EGHO. Quando, onde e como participar? Sei que é muito difícil, que tal uma reportagem sobre homossexuais que venceram na vida, que conseguiram furar o bloqueio imposto pela sociedade de machistas? Serviria para mostrar que nem todos se sentem à margem da vida. Que alguns ousaram e venceram. E, não se sujeitam às imposições da sociedade (acho tão ridícula esta palavra — no sentido que lhe impuseram)! Certo de que continuarão atentos por todos nós, antecipadamente, agradecido, subscrevo-me atenciosamente,

Valtor Pereira — Porto Alegre.

R. — Obrigado pelos elogios, Valtinho. Vamos dar seu endereço pro autor de "Balu"; quem sabe ele lhe escreve? Quanto ao Egho, parece que os grupos do Rio não têm condições de realizá-lo. Sua sugestão de matéria será apresentada na nossa próxima reunião de pauta. Beijos pra você também.

Terceiro mundo

Caros Amigos: Há bastante tempo mandei um aerograma pedindo para incluir um aviso que estamos tentando criar um grupo "Terceiro Mundo" que entre outras coisas pretende ser um apoio ao guei e trabalho, orientação nos diversos casos que aparecem.

Já fiz aviso público nas boates daqui e a receptividade vai grande mas... o pessoal ficou com receio de que o negócio fosse mais "festivo que sério e se retraiu. Por isso resolvi apelar para uma caixa postal onde os interessados escreveriam e, depois de um contacto por carta, a confiança seria estabelecida. No entanto, vi no último Lampião que não saiu nada sobre o assunto e saiu um anúncio da Coliguey, cujo líder conheço, ótima pessoa, mas está interessado APENAS em futebol pois, como sabem, a Coliguey é uma torcida organizada do Grêmio.

Por outro lado, andei recebendo a visita do Sr. Paulo Bonorino mas as pretensões básicas dele estão totalmente voltadas para o cristianismo católico romano já que foi seminarista e não admite opiniões divergentes tanto é que numa entrevista para a F & F (Gente) ia tudo bem quando a coisa descambou para um mal-estar pois o Bonorino negou a validade de outras crenças espirituais principalmente o espiritismo e a Umbanda. Detalhe: não conhece nada sobre o assunto, nunca foi verificar "in loco" e fica preconceituado ao passo que o que pensa é que deve haver um entrosamento independentemente de ideologias ou crenças políticas. Por isso renovo o meu pedido para que coloquem o endereço e uma espécie de apelo para que entendam que o grupo, antes de mais nada, é de apoio mútuo. Sei que, pela mentalidade de gaúcho, não será fácil ir adiante, mas resolvi ir até o fim nem que leve um tempo longo e, pelo que vi quando expus a idéia na buate "Number One", muita gente se interessou mesmo. Depois, haveria os naturais contatos com a Coliguey e outros que porventura aparecerem.

Endereço: Terceiro Mundo — Caixa Postal 10.350 90000 — PORTO ALEGRE. Por hoje é isto, um abração para todo o mundo daí. Com carinho C. Carlos Schorr — Porto Alegre.

R. — Longa vida ao Terceiro Mundo, Carlinhos. A gente te conhece, de cartas, desde o comecinho do Lampa. Beijos procê.

Muito repúdio

Os membros dos grupos SOMOS/RJ, AUÊ/RIO e BANDO DE CÁ/NITERÓI discordam radicalmente da posição assumida pelo Jornal Lampião número 31, quando centraliza em um único indivíduo (no caso Marcelo do Auê/Rio) toda uma ação tomada em conjunto. Esse procedimento, além de reduzir e personalizar a vontade coletiva de todos os participantes do grupo, pode inclusive sugerir a aplicação de leis anti democráticas, e colocar em risco a segurança pessoal e profissional dos que, por várias razões, acham-se mais vulneráveis à exposição pública. Não podemos silenciar diante desta manifestação de poder profissional anti-ético, ainda mais tendo a matéria sido assinada por Aguinaldo Silva, um dos donos do jornal e coordenador de edição. Esperando que esta carta seja publicada integralmente como expressão do nosso mais veemente repúdio, subscrevemo-nos GRUPO SOMOS/RJ, GRUPO/AUÊ/RIO, BANDO DE CÁ/NITERÓI.

Rio de Janeiro, 27 de dezembro de 1980.

Nós, do Lampião, positivamente não acreditamos naquela máxima segundo a qual, "quem tem cu, tem medo" (aliás, Rafaela Mambaba, personagem que não existe, e que, por isso mesmo, existe, costuma dizer que um dos reservatórios da nossa coragem é o esfincter). Por isso, não entendo que alguém tema ver seu nome impresso neste jornal. Entre os nossos colaboradores existem funcionários públicos, professores universitários, etc., e nenhum deles, até hoje, sofreu qualquer tipo de pressão por ter seu nome no Lampião. Se o Sr. Marcelo Liberalli prefere não ser citado num jornal homossexual, tudo bem. Mas não é justo que ele, aproveitando as imunidades que este cômodo anonimato lhe confere, passe a manipular das sombras __ como uma eminência parda, um golberi — o movimento homossexual carioca. A história do grupo Auê nunca foi inteiramente contada, mas, a meu ver, sua fundação em menos de 24 horas, após um racha no Somos/RJ, teve, principalmente, um objetivo: garantir ao mesmo Marcelo Liberalli a liderança de um grupo, e um lugar na mesa do encontro que o Lampião promoveu em 1979.

Nunca, neste jornal, pretendemos ensinar aos grupos homossexuais como promover seu ativismo. Por isso, não posso admitir que alguns grupos queiram me dizer o que é ético ou não, em matéria de jornalismo. Anti-ético seria escamotear dos nossos leitores as informações sobre o insólito diálogo travado por Marcelo Liberalli e este editor do Lampião perante várias testemunhas (vide Lampião nº 31). Quanto ao propalado repúdio da "frente única" ao Lampião, ele deveria ser comunicado ao Jornal do Brasil ou ao Globo, por exemplo, jornais que, ao contrário de nós, não são "inimigos" do movimento homossexual carioca. A hidrofobia de alguns ativistas homossexuais me pareceria cômica, se não fosse trágica. Vendo tanto ódio destilado, tanta adrenalina derramada, eu fico pensando no que essas bichas seriam capazes se algum dia chegassem ao poder...

Pega o ladrão!

Pois bem, no início de janeiro cheguei de Brasília, onde resido, e fui lembrar os bons tempos em que vivi no Rio. Dirigi-me ao Sótão certo de que poderia me divertir com segurança e sem problemas. Mas que engano! Tudo um horror! Para começar, o preço proibitivo. Tudo bem, afinal a inflação atinge todo mundo.

Lá, depois de tomar os dois drinques a que tinha direito, pedi um outro a um dos garçons. Ele me trouxe e desculpou-se por não ter troco. Iria trocar o dinheiro e me devolveria logo a seguir. Engano meu. Duas horas depois dei-me conta da ausência do dito garçon e quando fui reclamar ele fingiu não entender. Reclamei com insistência e, como que por milagre, ele se lembrou e pediu desculpas. Ainda bem que eu não estava bêbado nem atracado com ninguém, porque se não acabaria sem o dinheiro. Depois, fiquei sabendo que isso já se tornou um hábito, pois o Careca, que fica na portaria, às vezes também não dá o troco.

Mas o pior ocorreu depois. Quando estava para sair senti falta da minha carteira. Sim, havia sido roubado. Procurei a gerência que a conseguiu encontrar. Lógico que sem dinheiro e um cheque de Cr$ 5 mil, mas felizmente com os documentos.

Gilberto — Brasília, DF

EUROPEU procura bons amigos para amizade e um amor sério. Tenho 30 anos, 1,78m, 65 Kg, olhos azul-verde, cabelos louros, de boa apresentação e cultura geral, discreto, independente, sério. Gosto muito do Brasil viajo muito para aí. Conhecimento de várias línguas. Vivo alguns meses em Portugal. Por favor, foto na 1ª carta. B. V. Henrique de Huesing Hoge, Rua Prof. Lima Bastos, 75 — 3º Dptº P 1000 Lisboa — Portugal.

RAPAZ SOLITÁRIO, 26 anos, 1,75m, 65kg, procura jovens entre 19 e 26 anos para troca de correspondência, amizade e, quem sabe, muito carinho. Cartas para GGM, Rua Joaquim Silva, 11, s/704 — CEP.: 20.241.

VOCÊ NÃO TEVE SORTE NO AMOR, foi esquecido pelo tempo, é sozinho, parecido com Telê Santana e ainda quer ser de alguém, escreva-me, porque estou disposto a comprometer-me a ser inteiramente seu. Tenho 23 anos, tipo Jerry Adriani. Sérgio B., Av. São João, 1063, aptº 11. São Paulo — SP — CEP.: 01.035.

GAÚCHA, 20 anos. Desejo corresponder-me para relacionamento sincero. Carla, Rua Ramiro Barcelos 1670, aptº 403. Porto Alegre — RS — CEP.: 90.000.

QUERO corresponder-me com entendidos discretos, dispostos a dar e receber amor e carinho. CANEGAL, Caixa Postal 1927. Rio de Janeiro — RJ — CEP.: 20.000.

PROCURO contato com garotos de idade máxima de 20 anos. Tenho 21 anos, cabelos e olhos castanhos, 1,77m. Vilson Felini, Caixa Postal 962. Cascavel — PR — CEP.: 85.800.

DESEJAMOS manter correspondência com mulheres entendidas que, como nós, tenham um caso numa boa, para relacionamento social e troca de idéias e experiências. Somos discretos, e gostamos de música, arte e muito sexo. Escreva para André S. Garcia, Caixa Postal 50.054. Rio de Janeiro — RJ — CEP.: 20.170.

VIAJADO, culto, 40 anos, boa situação sócio-econômica, discreto, procura jovem ativo, muito bem dotado, de qualquer raça ou credo, que seja gente. Nuno, Caixa Postal 5512. São Paulo — SP — CEP. 01.000.

ESTUDANTE de Serviço Social, romântica e discreta deseja corresponder-se com pessoas sensíveis, simples e discretas. N. F., Caixa Postal 2383. Porto Alegre — RS — CEP: 90.000.

SOU ENTENDIDO e estou com problemas e para resolvê-los preciso me casar. Para isto estou procurando uma entendida de 18 a 26 anos, que também tenha problemas com a família, para chegar a um acordo. Daniel Gustavo, Av. São João, 1113, 1º andar, aptº 4. São Paulo — SP — CEP. 01.035.

EUROPEU, 32 anos, 1,77m, 70kg, curso superior, funcionário federal, casado (quero máxima discreção). Aceito militares, negros, etc BART, Caixa Postal 188. Passo Fundo — RS — CEP.: 99.100.

CARIOCA, 23 anos, 1,80m, olhos verdes, amante dos prazeres da vida, deseja corresponder-se com rapazes até 28 anos, de qualquer cor ou crença, para amizade ou algo mais. Curto som, praia, esportes, patins e sexo. Responderei a todos. Alfredo L., Caixa Postal 2894. Rio de Janeiro-RJ — CEP: 20.000.

JOVEM, 20 anos, quer se corresponder com gays acima de 25 anos para amizade ou futuro compromisso. João Rolemberg — Av. N. Sr. Copacabana, 836, s/1 — Rio de Janeiro — RJ — CEP: 22.050.

DISCRETO, simpático, 22 anos, 1,71m, 62kg, deseja manter diálogo com rapazes até 35 anos e que sejam entendidos. Curto cinema, teatro e shows. Possibilidade de compromisso sério. Responderei a todas as cartas. Edson, Av. Maracanã, 1905, aptº 716 — Bloco D. Rio de Janeiro — RJ — CEP.: 20.530.

SOU PARDO ESCURO, boa aparência, bom nível cultural, alegre e a fim de amar. Desejo corresponder-me com rapazes ativos, solitários, de qualquer cor, altura e com idade até 40 anos. A beleza não importa, contanto que seja romântico e alegre, capaz de formar um laço de amizade sincero e duradouro.

SOLITÁRIO, 22 anos, 1,65m, gosto muito de ler e aos fins de semana costumo ir à casa de minha namorada. Desejo corresponder-me com rapazes entendidos, discretos, pois onde moro não tenho amigos. Olívio M. Sales, Rua Palas, 131, Jardim da Granja. São José dos Campos — SP — CEP.: 12.200.

.....

Agora quem quiser ter seu anúncio publicado nesta seção, terá que mandar uma xerox da Carteira de Identidade anexa ao texto do anúncio. Não se assustem, pois é uma mera precaução contra babados.

Atenção para esta novidade: Se você quiser ter sua foto (3 x 4) publicada junto de seu troca-troca, basta enviá-la com um cheque de 500 cruzeiros, para a ESQUINA, Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda. Use e abuse de mais este serviço do Lampa.

Veredas tropicais

Crônica de uma rápida viagem ao Nordeste encetada por um senhor de barbas brancas e seu amigo muito querido e de bigodes.

Estando com férias atrasadas, meu caso decidira passá-las em parte nas quase Minas Gerais onde mora a família. O restante do mês seria para a praia de São Vicente, ou ainda "para ficar sem fazer nada", como disse ele, "dormindo até tarde, aqui mesmo por São Paulo." Porém São Vicente ainda em recesso de sol e dormir demais faz mal à beleza; portanto, à sua revelia decidi que viajaríamos para Fernando de Noronha. E para lá fomos. Desnecessário falar da lindeza que é a ilha com suas praias douradas, seu mar turquesa, seus tubarões (inofensivos) e seus golfinhos que vêm se exibir nadando ao lado da gente. **Lampião** não é um guia (convencional) de turismo, mas recomenda Fernando de Noronha principalmente para quem gosta de muito sol, vida rústica e de ações decorrentes, como trepar (!) sobre rochedos de origem vulcânica.

No aeroporto, à espera dos turistas, encontramos uma figura folclórica da ilha: o "Cabra Galo Branco", de 93 anos e que fora para lá prisioneiro em 1918. Galo Branco participou, segundo diz, do bando de Lampião, foi preso e, mesmo após ter cumprido a pena, nunca mais voltou ao continente, receoso de que algum inimigo pudesse "apagá-lo". A estória desse personagem singular tem dois senões: ele esquece que muito tempo se passou, portanto todos os seus inimigos já devem ter morrido; e depois, que só posteriormente a 1918 Lampião organizou o seu grupo famoso. Porém, verdade ou imaginação do velhinho, resgistrei-me numa foto, como um bom lampiônico da nova geração, ao lado de outro — talvez o último, da geração contestadora anterior.

Em Recife ou mais propriamente em Olinda quis conhecer dois núcleos de ativismo homossexual: o grupo GATHO e o "VIVENCIAL DIVERSIONES". O Gatho tem uma orientação visivelmente político-partidária ligada ao PT (posso estar enganado, então me desculpem...); tanto que suas reuniões, como a que solicitei, são realizadas na sede do partido, num casarão antigo de Olinda. Devido a essa orientação de política homossexual partidária, em oposição à minha (que não aceita objetivação com partidos), imaginei que eles iriam pelo menos me massacrar. Porém para minha surpresa os jovens gathos foram bonzinhos e até condescendentes, talvez pela falsa impressão de idade que demonstro devido às minhas solenes barbas brancas. Reclamaram (e com razão) entre outras coisa por não termos citado no **Lampião** a sua ação de esclarecimentos contra os preconceitos junto à grande imprensa e ao povo em geral, por ocasião dos crimes contra homossexuais ocorridos em Recife. Desculpei-me e volto a fazê-lo aqui. Falou-se também de política homossexual específica e da engajada, porém a meu ver sem o entusiasmo e o aspecto polêmico que eu pretendia, o que fez com que o esperado diálogo se transformasse num quase monólogo. Por quê será que me respeitaram tanto? Imagine que devido a um problema do edifício a luz se apagou duas vezes e ninguém tentou, nem mesmo por gentileza, me bolinar...

Eu conhecia o "Vivencial Diversiones" pela matéria que publicamos no **Lampião**, porém, o contato direto com o grupo excede as expectativas. Para quem ainda seja virgem de "Vivencial", aqui vai o seu "dossier": Guilherme Coelho ainda era monge (isso mesmo: monge!) há cinco anos mais ou menos, quando foi encarregado de fazer um trabalho social nas regiões pobres de Recife. Dessa raiz sociológica e vivencial surgiu a idéia e o nome de um grupo teatral, aproveitando o talento em bruto e a experiência de vida de um agrupamento social discriminado, homossexuais e principalmente travestis. Guilherme obviamente deixou ou teve que substituir a vida no convento por um trabalho que se poderia chamar de uma nova escola (?) de teatro, propositalmente escraxada, provocativa e contundente. Assistindo o espetáculo, ocorreu-me remotamente os Dzi-Croquettes ou a experiência do Royal Bexiga's, de São Paulo, porém, a colocação é toda outra, apenas o visual às vezes, se assemelha, pela sátria e ironia.

O "Vivencial" foi subsistindo com espetáculos esporádicos em teatros alugados no Recife, o que o obrigava a passar por censura prévia que quase sempre castrava o que ele tinha de melhor e de mais irreverente — até que lhe foi possível comprar o próprio chão, que pelas características de localização e marginalização funciona como um território livre. Isto acontece em Olinda — não na fidalga vila antiga nem nas suas praias empalmeiradas — mas, numa região pobre, num espaço roubado do mangue. Platéia e palco foram levantados (e continuam sendo ampliados e melhorados), pelos atores participantes, sendo que alguns deles, inclusive o Guilherme Coelho, moram no próprio teatro. Não se espantem: bicha no Recife pode ser boneca à noite, mas de dia

O visual do Vivencial Diversiones, meio puxado pro rococó

trabalha duro de pedreiro sem qualquer problema; e silicone e hormônios são guloseimas que os travestis nordestinos só consomem quando emigram para o Sul.

Houve tempo, contaram-me, na época das chuvas, em que o palco se transformava em cascata iluminada. Mesmo atualmente o local não é nem pretende ser confortável. As banquetas da platéia, por exemplo são pequenas e duras, mas nem por isso a burguesia entendiada de Pernambuco deixa de marcar ponto nos fins de semana. Por causa da aceitação que recebe desse tipo de público, o "Vivencial" vem sendo injustamente acusado de servir o prato ao sabor da "classe dominante". Mas o que é isso, minha gente? Os do "Vivencial" estão cumprindo a deles, sem concessão, pô! Se as pessoas convencionais têm um prazer mórbido em se verem satirizadas, o problema é delas, não do espetáculo. O que existe de intencional, isto sim, é uma intelectualização do texto em contraposição ao visual, que é o meio mais popular do popular de rua, e onde a improvisação proposital e o espontâneo funcionam como um "sujo" de carnaval em que cada imagem faz o seu comentário social. A intenção desse contraste no espetáculo fica patente no discurso integralista do início, nas sátiras à religião, na derradeira declaração de Getúlio Vargas, etc. O deboche maior está na cena em que o Papa (feito por um travesti) ao beijar solenemente o solo brasileiro, transforma-se em Pomba-Gira.

Nos meios homossexuais fala-se muito, atualmente, de ativismo — ou melhor: só se fala de ativismo. Redigem-se manifestos, determinam-se diretrizes, cobram-se posições. O "Vivencial", não participando de qualquer política partidária, não se considerando um grupo de discussão, sendo mesmo algo bastante abstrato como ideologia, conforme diz o seu fundador, está cumprindo uma função dinâmica dentro do Movimento Homossexual. É importante que o "Vivencial Diversiones", embora não estando rotulado como um grupo de discussão, seja convidado a participar do II Encontro.

Ainda uma informação aos que forem a Pernambuco e que certamente irão assistir o "Vivencial": o primeiro espetáculo começa às 21h30m ("All Star Tapuias"), mas a noitada continua pela madrugada porque acontecem mais dois shows. Fica-se de bunda quadrada de tanto estar sentado nos tais banquinhos, mas vale a pena. "All Star..." tem texto e direção de Antônio Cadengue, Guilherme Coelho e Carlos Bartolomeu. Os outros shows da noite são criações coletivas.

Minha etapa seguinte foi Maceió, uma cidade que — saí convicto — nunca deve ter ouvido falar em ativismo sexual, muito menos homossexual. É plácida, interiorana, acomodada (assexuada?). Na minha passagem de um dia e meio tentei sem resultado encontrar alguém nas Alagoas que quisesse ou pudesse, pelo menos, representar o **Lampião**. Como é, alagoanos, vamos desenrustir e movimentar essas cabecinhas loucas? Escrevam para o **Lampião**, tá?

Aracaju, bem ao contrário, anda fervendo de assumidos e de ativistas em embrião, sem falar nos travestis e em algumas **minibichas** adoráveis — numa agitação geral do nosso jovem e esforçado representante, o Wellington Andrade, que organiza coisas, contrata espetáculos, apresenta pessoas, exige entrevistas, badala, pinta e borda. Num encontro organizado por ele para que eu tivesse contato com pessoas, conversou-se durante duas horas sobre sexualidade, repressão, ativismo de grupos, etc. Os sergipanos sem dúvida estão dispostos a levantar bandeiras. Contem conosco: o **Lampião** está aqui para isso. **(Darcy Penteado).**

Darcy Penteado e o ex-cangaceiro Galo Branco: duas pessoas lampiônicas

Mauro Rosas:

pão duro, amor e fantasia

Entrando todo apressado, porta a dentro, segurando uma dessas bolsas enormes de nylon, portando um bem talhado avental branco onde se lia em letras garrafais a insígnia Pão Duro e ostentando um abaloado chapéu de cozinheiro na cabeça, lá estava Mauro Rosas, nosso entrevistado, bem no centro de nossa redação, a pedir desculpas pelo atraso e a entoar euforicamente seu recente sucesso para o Carnaval de 81, a marcha do "Pão Duro" (Não confundir com Pau Duro).

Depois de uma longa distribuição de discos, autógrafos e coisitas mais, aquele homão (?) de 1,83m, 98 kg, um verdadeiro Viking, campeoníssimo do carnaval carioca, pôs-se a falar feericamente diante de nossos reluzentes olhos. Francisco, deslumbrado, não se contém e catuca Aguinaldo, dizendo: "Mas ele é o Mark Berkowitz (um bem apessoado artista plástico, residente no Rio), sem tirar nem pôr. Que maravilha."
As demais lamplônicas (Aristides, Alceste, Adão e eu, naturalmente) acotovelavam-se ao redor da mesa esperando o momento glorioso de poder desfilar com suas perguntas. Enquanto isso, Mauro Rosas fazia caras e bocas para nosso fotógrafo, Ricardo Tupper, que saracoteava por toda sala à caça dos melhores ângulos, chegando a gastar toneladas de filmes. Durante nosso longo bate papo, Mauro Rosas escancarou o verbo falando desde sua triunfal (sic) queda de um cargo alegórico da Unidos de São Carlos, em pleno desfile na Marquês de Sapucaí, até sua profunda paixão por Emilinha Borba, aos 13 anos de idade, quando se masturbava loucamente. Leitores, caiam de boca nesse pão. (Antônio Carlos Moreira)

Francisco — **No último Carnaval, você disse que não ia desfilar mais em Escola de Samba. Quais são os seus planos para o Carnaval de 81?**

Mauro Rosas — Eu disse que não ia desfilar porque eu estava muito magoado com a Diretoria da Unidos de São Carlos, que até hoje não me deu um telefonema pra saber se estou bem. Só se preocupou o presidente de entrar no CTI, lá no hospital, e dizer que eu não culpasse a Escola de nada, e que estava trazendo um abraço do Miro Teixeira e do Chagas Freitas. Não sei se aquilo foi pra mim ficar com medo dele, e não acusar a Escola. A culpa da minha queda foi a falta de dinheiro pra poder fazer um carro onde eu tivesse proteção. Além disso, o rapaz do trator não teve cuidado e deu uma arrancada tão grande que eu fui jogado pra trás.

Francisco — **O Lampião em peso assistiu a tua queda, que aliás foi sensacional.**

Mauro — Deram mil gritinhos? Aaaaaaai! (risos) Eu recebi mais de dez mil cartas no Hospital da Lagoa, no Souza Aguiar, e quando fiz uma reportagem pra Fatos e Fotos, eles colocaram meu endereço. Eu pensava em responder a todas, mas infelizmente não deu.

Francisco.— **Mas quais foram as fraturas que você teve com a queda?**

Mauro — Eu quebrei oito costelas em quatorze lugares e furei o pulmão do lado direito. O único defeito que ficou foi no diafragma, no lado direito, que está um pouco alto. Mas nem por isso eu estou deixando de cantar o Pão Duro por aí, que já está fazendo o maior sucesso (**Mauro se levanta, joga os braços pro alto como se recebesse uma gloriosa ovação. Risos gerais**).

O que me apagou a má impressão que eu tive da Diretoria do São Carlos foi a ajuda do Carlinhos Maracanã da Portela, do Miro Garcia da Vila Isabel, do Castor de Andrade de Padre Miguel, do Anísio e do Nelson da Beija Flor e do Luizinho da Imperatriz, uma Escola em que eu desfilei três anos. Eu estava com uma dívida de 160 mil cruzeiros de roupa, material, profissionais que trabalham pra mim e eu ia pagar isso tudo com os desfiles depois do Carnaval, a época em que eu ganho mais dinheiro. Eu tinha cerca de 40 contratos assinados, que foram anulados porque não tinha condições de estar presente. Então nesses quatro meses após o Carnaval, eu fui obrigado a ficar parado, porque fratura de costela não tem operação, não tem colete, não tem nada, é descanso até o osso solidificar novamente. Então esse pessoal me deu 190 mil cruzeiros, e ainda sobrou 30 mil pra eu reformar o meu gabinete. Além disso o Aguinaldo Timóteo fez um **show** pra mim, não podia esquecer disso nunca.

Aguinaldo — **Mas você vai desfilar esse ano?**

Mauro — Vou sim. Vou sair no Império da Tijuca, na Vila Isabel e no Viradouro de Niterói. Como eu sou uma pessoa muito mística, vou sair na parte religiosa da Vila Isabel. É a forma que eu encontrei de agradecer ao público pela fé e a corrente que eles fizeram pra mim e que foi uma coisa muito positiva para o meu restabelecimento. Eu venho de Cavaleiro Cruzado.

Antônio Carlos — **Mauro, como é que surgiu essa idéia de você desfilar em Concursos de Fantasias?**

Mauro — Em 1960. Foi tudo por vaidade. Eu via Clóvis Bornay, o Evandro, o Jorge Costa, todos desfilando, e dizia pra mim mesmo, você tem condições de fazer uma roupa igual e fazer o maior sucesso. Então eu fiz, mas entrei pelo cano porque desde aquela época já tinha sacanagem nos concursos. Eu tirei em terceiro lugar, mas no mínimo teria que ter tirado em segundo. Eu era aquele único homão, de 1,80m, tinha um corpo bonito, e impressionei muito as mulheres, como impressiono até hoje. O que eu vou fazer? Elas gostam. Quando eu desfilava elas gritavam, "tesão, tesão", e eu, pra não deixá-las frustradas respondia, "maravilhosas, gostosas"... Engraçado, eu agrado a homens e mulheres. Pros homens eu gosto de bancar o moleque, o sacana, nunca faço o viadinho, o fresco, sou sempre moleque. A prova disso é que joguei muito futebol, fui um tremendo goleiro. Deixei de jogar, porque uma vez defendi um pênalti nos culhões, fiquei meia hora sem falar. Aí nem quis saber mais de bola.

Aguinaldo — **Que horrrrrrooor!** (risos)

Francisco — **Mas o pequeno acidente não chegou a afetar tua capacidade copulativa, né?** (risos pelo "copulativa" de Francisco)

Mauro — Imagina! (**Com ares de garanhão. Risos**) Mas vou dizer porque comecei isso tudo realmente. Quando eu tinha treze anos, fui rádio-ator da Tupy e da Rádio Mauá, e cheguei a fazer alguns filmes para a Atlântida. Um deles foi **"Também Somos Irmãos"**, onde eu fazia uma pequena ponta contracenando com Grande Otelo. Continuei seguindo minha carreira de rádio-ator até a época de servir o Exército, com dezessete pra dezoito anos, aí o meu velho morreu. Eu tinha papai cheio da grana, e se dependesse da rádio, tava fudido. Quando saí do Exército eu disse, não dá pra continuar fazendo rádio-teatro, vai ser foda. Tinha me formado em Contabilidade na época do Exército, então fui ser auxiliar de contador, ganhando salário mínimo. Pensei que não ia sair daquela porra nunca; foi quando eu vi no jornal um anúncio: **"Dr. Scholl procura aprendiz de pedicure. Salário mínimo mais 25% de comissão, após o curso."** Falei, é aí que eu vou entrar, profissão liberal. Fiquei trabalhando lá nove anos, depois dei uma porrada no gerente, porque ele se meteu com a minha vida. Fiz curso de cabeleireiro e comecei a trabalhar por conta própria. Eu havia entrado no Carnaval em 60, quando pintou minha primeira foto na Manchete e no Cruzeiro. Pô, legal, eu pensei, isso vai me tornar conhecido e vai abrir a oportunidade de chegar aonde quero, ser ator, cantor... Mas foi uma merda, aquilo me viciou, fiquei preso àquele trabalho.

Francisco — **Você chegou a fazer curso de ator?**

Mauro — Eu fiz um curso de três anos na Martins Pena, e vários cursos livres também.

Alceste — **Mas você continua exercendo o trabalho de pedicure?**

Mauro — Pedicure e cabeleireiro masculino. Porra, sem isso eu tava fodido.

Francisco — **Onde é teu salão? Vamos fazer uma propaganda.**

Mauro — Rua Álvaro Alvim, 48, sala 215. Tiro calo, unha encravada...

Alceste — **É bom avisar pros leitores que você só cuida de calosidade nos pés.**

Aguinaldo — **Por que, existe calo na bunda também? (risos)** Mas Mauro, dizem que você é um mestre neste ramo, porque não é qualquer um que faz um tratamento desses.

Mauro — Dizem que eu sou o maior pedicure do Brasil. Os meus clientes que vão à Europa, Estados Unidos, Japão, dizem que não encontraram lá fora coisa igual.

Aguinaldo — **Tem uma coisa que você falou, no início da entrevista, que acho muito importante a gente abordar. Eu me lembro que você fazia fantasias lindíssimas, era realmente a figura mais bonita nas fotos da Manchete, mas sempre tirava em terceiro lugar ou segundo. Eu me lembro que teve um ano em que o Evandro fez uma fantasia de índio americano, que era uma das coisas mais pavorosas que eu já vi, tinha uma machadinha toda de pedrarias e ganhou. Tinha marmelada sempre?**

Mauro — Tinha marmelada não, tem. Mas nesse ano eu não estava concorrendo com o Evandro. Tanto tinha marmelada que eu saí, o Simão Carneiro saiu, Carlos Valente, Augusto Silva... Eu ainda era filho da puta, chegava lá e desmanchava o negócio em cima. Mesmo com todas as armações, pude mostrar que tinha talento. Tirei 157 primeiros lugares, aí depois virou um vício, um profissionalismo, desfilar depois do Carnaval pra faturar uma grana, apesar da sacanagem dos empresários, que ficavam com 80% da grana dos contratos. Por essa e por outras, resolvi abandonar em 77, mas tirei os meus primeiros lugares, fui capa de revista 14 vezes. Agora vou ser capa do **LAMPIÃO.**

Alceste — **O desfile de fantasias, que já esteve em uma época muito ruim, parece que entrou numa certa decadência, acho que em função do término do desfile do Municipal. Você não concorda?**

Mauro — Entrou em total decadência, sim. Talvez nem tanto pelo término dos desfiles do Municipal, apesar de ter influido bastante. Era aquele status: Teatro Municipal; Teatro Copacabana; Quitandinha...

(Antônio Carlos Moreira)

Entrevista

Francisco — **Vocês iam para Recife, Porto Alegre....**

Mauro — Íamos pra tudo quanto é lugar.

Alceste — **Dava pra faturar nessa época?**

Mauro — A gente ficava puto porque, como eu disse, tava tudo armado, cerca de 80% dos concursos, mas mesmo assim ganhávamos alguma coisa.

Alceste — **Mas você ganhava muitos concursos.**

Mauro — Sim, porque eu conseguia desmanchar na hora. Então quando chegava no momento da comparação, o bom é que ganhava, e foi assim que ganhei. Eu nunca armei nada, eu sempre ganhei por desarmar o que tinham armado. As marmeladas é que foram acabando com os grandes concursos, porque os concorrentes desacreditados foram saindo todos.

Aguinaldo — **Mas você não acha que houve um excesso de luxo nos desfiles, que acabou quebrando um pouco a imaginação? Antigamente as fantasias não eram tão luxuosas, mas eram bonitas. Hoje em dia não, quem botar o rabo maior, com mais pedras, ganha o desfile.**

Alceste — **Inclusive eu acho que as tuas fantasias de originalidade são mais criativas do que as de luxo.**

Mauro — Eu sou uma pessoa versátil. Sou o único campeão de fantasias de originalidade e luxo. Eu ganhei doze primeiros lugares em originalidade, não dava pra ninguém, nem na sacanagem, ganhar de mim, porque eu entrava e deixava todo mundo de queixo caído.

Aguinaldo — **Me diz uma coisa, você guarda as tuas fantasias?**

Mauro — Porra, se eu guardasse eu estava fodido. De 60 pra cá, participei mais ou menos de quatorze desfiles por ano, imagina guardar aquilo tudo. Eu prefiro guardar as fotografias, é a mesma coisa.

Alceste — **Você deve usar o material de uma fantasia na do ano seguinte, pra não ficar muito caro.**

Mauro — Não, nem sempre. Às vezes é muito fácil vender pras bonecas que desfilam lá no Ceará, em Minas, entendeu? (risos) Elas chegam lá, usam e ganham.

Alceste — **Você mesmo é quem desenha as fantasias?**

Mauro — É. Eu rabisco, sou um criador. Eu também sou bordador, faço a matriz e ensino às meninas o bordado. Antigamente era mamãe quem bordava tudo, agora ela está com um problema de vista e não não pode bordar mais.

Francisco — **Você mora com sua mãe?**

Mauro — Moro, sou muito família (risos).

Aguinaldo — **Você falou aí em cima da tesão que as mulheres e os homens sentem quando você desfila. Você atribui isso a quê? Será que os fantasiados, de alguma maneira, despertam algum tipo de sonho nessas pessoas?**

Mauro — Em certa parte sim. Inclusive mesmo sem fantasia. Quando passo na rua, os homens cutucam as mulheres e dizem, "olha lá o Mauro Rosas", e elas gritam, são ataques... Comigo sempre foi com simpatia, nunca com deboche. Eu agora fui contratado pela Rádio Tupi, estou fazendo "**Mauro Rosas e os Truques do Forno e Fogão**", de sete às oito da manhã, aos domingos, no **show** do Ênio Carlos. E hoje, antes de vir pra cá, um homem na rua chegou pra mim e disse, adorei aquela rabada a la Dercy Gonçalves e o Pudim de Frutas a La Chacrinha.

Da esquerda para a direita: Antônio Carlos Moreira, Mauro Rosas, Aguinaldo Silva, Francisco Bittencourt e Aristides Nunes

Aguinaldo — **As pessoas sempre gritaram e manifestaram esse tipo de emoção quando você desfilava. Houve ocasiões em que esse tipo de emoção tenha chegado a um certo grau de intimidade?**

Mauro — Xi! Mas como! Mas aí a gente não pode atender a todo mundo, é muita gente, gente famosa, gente da alta. Aconteceu um troço muito engraçado, que eu não posso nem citar nomes. Se minha mãe ler, vai ser um auê. Eu fui desfilar em Brasília, em 66, tava duro que só vendo.

Alceste — **Dois anos depois da dita gloriosa.**

Aguinaldo — **A Revolução**

Mauro — Ah, é! Inclusive influiu muito na minha apresentação, porque eu estava vestido de Tiradentes... A roupa era bem pobrezinha, uma túnica branca, com aquela corda e uma bandeira: Libertas Quae Será Tamen. Ganhei o prêmio de melhor traje histórico autêntico. Aí eu estava no meu apartamento, no segundo andar do Hotel Nacional, em Brasília, quando recebi um telefonema: — **"Mauro Rosas? Aqui quem está falando é fulano de tal"**. E eu disse, ah, sim, mais quanta honra (risos). Então ele falou que eu fosse ao apartamento dele, pois queria falar muito comigo. Essa história é conhecidíssima no meio radiofônico. Aí eu disse, acontece que se eu for ao seu apartamento você é uma pessoa conhecida, e eu ainda estou vestido de Tiradentes, vai chamar muita atenção. Então ele perguntou qual era o meu apartamento, e desceu. Aí nós começamos a conversar e bá bá bá... Vocês sabem que eu me senti tão prostituta, porque a pessoa tirou uma grana, botou na mesinha de cabeceira e disse que era pra mim comprar um negocinho, uma lembrança. Eu como estava duro, e o que ele havia me dado era quase o dobro do prêmio que eu ganhei... Aceitei né? Aí nós começamos a transar, e na hora que estava chegando aquele bichinho chamado esperma, e eu vestido de Tiradentes, o cara deu o maior grito: "**Viva a liberdade, eu nunca sonhei em transar com Tiradentes.**" (gargalhadas na redação). Esse foi um dos muitos casos engraçados que já aconteceram comigo. Uma vez eu fui a Campos, aí eu tinha acabado de transar com uma pessoa muito conhecida da cidade, e nisso me entra uma bichinha chorando, coitadinha. "**Você transou com o grande amor da minha vida. Por que você fez isso? Há anos que eu quero e não consigo.**" (imita os choramingos da bicha) Aí eu disse, mas meu amor, santo de casa não faz milagres (risos). Mas têm mulheres, também, que dão em cima de mim. Quando eu fui em Buenos Aires, em 66, as mulheres me agrediam na boate. As putas me agarravam, me beijavam, e queriam me passar na cara de qualquer jeito.

Aristides — **E os argentinos?** (num tom curiosíssimo)

Mauro — Eu consegui um milionário argentino. Pra variar, eu e o pessoal que foi pra lá, estávamos fudidos. Acontece que o empresário fugiu com a nossa grana. Aí, eu invadi o apartamento dele, enchi ele de porrada, pra ver se ele me dava pelo menos as passagens de volta. Mas como eu dou uma sorte, só pego milionários, gente estabilizada, não tive muitos problemas. Pedi auxílio à Embaixada, vendi minhas roupas pra um empresário chileno e salvei muita gente de passar fome. Aí eu virei pro meu milionário, que tinha um palacete em Bariloche, falei que estava sem dinheiro, que o empresário tinha fugido sem pagar a gente e tal. O camarada pensava que nós fôssemos ricos. O Clóvis ia nos jornais e na televisão, cagava uma goma! "**Porque yo soy millionário, yo soy el dueño de la campañia**", e o cacete. Então todo mundo pensava que nós éramos ricos, milionários. Aí esse cara me comprou roupas, me comprou botas, luvas e nunca que transava. Muito fino! (risos). Eu pensei, qual é a desse cara, será que ele é positivo ou negativo? Então um dia nós estávamos no Hotel Plaza...

— Mas acontece que teve que sair todo mundo corrido de lá, porque ninguém da companhia tinha dinheiro. (risos) Então na hora da transação, eu e o meu milionário, ele viu que não ia dar certo, foi muito fino, porque dois bicudos não iam se beijar, e é uma merda, não ia dar pra entender nós dois, sabe? Mas ele me alimentou e me deu muita grana para pagar minhas despesas.

Antônio Carlos — **Você estudou em colégio interno, não foi? Conte-nos essa experiência.**

Mauro — Eu estudei no São José de Petrópolis, era foda. De noite você só ouvia os nhecos-nhecos das camas. Tinha um cara chamado Touro, fortão, que era o fanchonão da turma. Um dia, de noite, ele queria me comer, e eu menino moço começei a chorar, buááááááá. Aí veio o inspetor e acalmou os ânimos, ficou todo mundo numa boa, mas quando o pessoal dormiu, eu fugi. Peguei um ônibus, eu sempre tinha uma graninha no bolso, cheguei de madrugada em casa, bati na porta e minha mãe começou a gritar, "**o que é que houve? O que é que houve?**" Aí eu falei pra ela; um cara lá na escola quis botar na minha bunda e eu tive que vir embora. (**Todos riem com a cara que Mauro faz de menino à beira do estupro**)

Antônio Carlos — **Você falou, antes de começar a entrevista, que em 56 ganhou um concurso de pernas. Como é que foi o lance?**

Mauro — Tinha um jornal chamado "Diário da Noite", dos Associados, então eles resolveram fazer um concurso das melhores pernas torcedoras do Rio, e eu fui candidato pelo Flamengo. Era apaixonado pelo Flamengo, fazia parte da Charanga do Jaime de Carvalho e tudo. Então o pessoal do clube resolveu me lançar, falavam que eu tinha umas pernas muito bonitas. Aí eu disse tudo bem, raspei as pernas, peguei um bronzeado, e coloquei um puta biquíni, de pele de onça, e olha que naquela época não tinha essas coisas. O único homem a concorrer era eu, o resto era tudo mulher, e eu acabei ganhando o concurso. (risos)

Aguinaldo — **Mauro, quando você estava servindo o Exército e que ia fardado nos lugares, as bonequinhas te davam cantadas?**

Mauro — Puta que pariu! Eu só não vou falar mais nada, porque vai ser um desrespeito à época em que eu servi à Pátria (gargalhadas). Agora, dentro do quartel jamais, eu me segurei muito. Fora eu fiz muito michê. Tinha uma bicha conhecida minha, que tinha um rendez-vous, e eu tava com um corpo bonito. Então ele me arrumava os programas. Para uns ele dizia que eu era gaúcho, pra outros catarinense. Aí eu ia, fazia o michê e tal. A situação tava horrível, pretíssima.

Aguinaldo — **Você nunca teve uma ligação duradoura?**

Mauro — Não, nunca tive. Eu consegui não me apaixonar por ninguém. E quando eu sinto que o negócio vai chegando, a ponto de paixão, eu corto. Eu não tô a fim de sofrer. Eu acho que lutar pela vida, pela tua sobrevivência, já é uma coisa muito grande pra você botar mais essa coisa na cuca. Então esse lance eu deixo de lado.

Aguinaldo — (ninfômanamente) **Mas você transa sempre?**

Mauro — Não, às vezes eu passo um ou dois meses sem transar, nem é comigo. Mas também quando chega a hora do cio, saí de baixo, porque é uma merda.

Francisco — **Você tem um tipo muito bonito, parece um Viking. Você é descendente de quê?**

Mauro — Portugueses. Meu pai era da Ilha da Madeira. Eu tenho um tio de 2,10m, por isso eu saí grandão assim.

Francisco — **E o pau é muito grande?** (pergunta de olhos brilhando)

Mauro — É uma merda. (risos) É meu complexo.

Alceste — **Mas é pra mais ou pra menos?**

Mauro — Pra menos. Que merda, é muito pequenininho. Nem a Maria Bethânia. (**gargalhadas histéricas na redação. Fim do babado**)

O bofe do sapato grande

No show "Gay Girls", substituído no Teatro Alaska por "Gay Fantasy", a **divine** Marlene Casanova contava esta impagável história, "verdadeira", segundo ela:

Duas bonecas encontram-se no Baixo Leblon e uma diz pra outra: "Você sabia que todo homem de pé grande foi abençoado por Deus?" A outra finge grande espanto, quase cai pra trás, mas se recupera logo quando vê ao longe um bofe calçado sapato número no mínimo 44 1/2. Despedidas rápidas e a bichinha que se fingiu de perplexa sai na pista do homem. A calçada é longa: O homem, sem destino, foi parar em Copacabana, depois de tomar café suco de fruta e chope, sempre acompanhado pela bicha (que detesta todas essas bebidas).

Mas eis que, já na beira do desespero, a bicha vê o bofe entrar no mictório do Miquel Angelo e lá vai ela atrás. Mas, oh decepção, os azulejos são foscos, nada dá para ver e o bofe está segurando o paletó para esconder a pica.

Não se contendo, a bicha pergunta: "O senhor tem horas?" O bofe larga o paletó e, enfim, mostra a arma, enquanto responde: "São 17 horas. Está certo?" E a bicha, furiosa: "A hora, sim, mas o sapato, não."

Bixórdia

No nosso último número, na matéria sobre a festa do Lampião no Teatro Rival, citamos, en passant, **nossa desafeta, a delinquente Elza, também conhecida como a Lacraia de Passo Fundo. Pois bem: mal acabou de ler o Lampa nº 32, Elza cortou uma veia do antebraço e, com o sangue, escreveu um bilhete que nos enviou: "Ainda hei de ver a caveira de todas vocês,** suas marditas!" **Tá legal, queridinha; mas, antes, vais ter que fazer muito** trottoir **aí na** Galeria Alaska. Cem anos de solidão pra você, meu bem...

"Gay Fantasy" é a nova super-produção de João Paulo Pinheiro, a ser inaugurada dia 2 de fevereiro no Teatro Alaska, tendo como estrela a divina Rogéria, acompanhada de Jane, Eloina, Veruska, Cláudia Celeste e Marlene Casanova, e com um grupo masculino de apoio escolhido a dedo pela diretora Bibi Ferreira.

A coreografia está a cargo de Fernando Azevedo, que vem de outros musicais de grande sucesso, o cenário e a concepção visual do espetáculo é de Joãozinho Trinta, que não precisa de apresentação, contando com a colaboração de Marco Antônio Palmeira, que idealizou os figurinos. O texto é de Arnaud Rodrigues.

Com essa mistura realmente sensacional, todo o grande público que foi ao Alaska para ver o espetáculo anterior irá com certeza encher o tradicional teatro das bonecas por alguns anos.

●●●●●

PENSAMENTO DO DIA

Um bofe, por mais malicioso que seja, nunca dirá nada tão bom nem tão mau de uma bicha, quanto ela pensa de si mesma. (Glauco Mattoso, in A Gazela Esportiva)

●●●●●

Atenção freqüentadores da sala de descanso da sauna Unicus (Rio): não se assustem se no momento da dança amorosa ou do acasalamento surgir da sombra uma figura glabra e de mãos ágeis, de idade indefinida, que os ajudará com massagens e toques sensuais que parecem ter grande efeito erótico. Além de tirar a sua casquinha, a boa samaritana faz o que ela chama "um parto agradável, rápido e sem dor". Seu grande prazer está nos seus "olhos de lince", capazes de ver na escuridão total o sagrado momento da entrada. Por mais indesejável ou constrangedora que essa "ajudante" possa parecer aos tímidos, ela tem de fato auxiliado muita gente com dificuldade de ir até o fim do caminho. Trata-se de um **maricón** argentino que está sendo conhecido na sauna como "Mãe Coragem".

Goze muito: pode ser o último carnaval

Fotos: Ricardo Fragoso Tupper

Na Praça Tiradentes, até o guarda é alegre.

Apesar do clima brochante às vésperas do Carnaval, não deixe as primeiras impressões levá-lo para outras bandas. Pense que este vai ser o maior Carnaval de todos os tempos. Para isso, **LAMPIÃO** preparou um incrementadíssimo roteiro da folia momesca, com as mais recentes descobertas desta cidade. Delicie-se.

Nesta época uma das coisas mais difíceis é encontrar um local gostoso para se tomar, calmamente, aquela cervejinha ou aquelele mel. As dicas que se seguem fogem às já bastante tradicionais, mas sem dúvida, são os melhores lugares deste Carnaval, no centro da cidade.

O **Serrador**, que fica na Alcindo Guanabara, em frente ao Teatro Dulcina, é uma ótima pedida para quem faz o gênero **Siriema** ou **Menina Moça.** Funciona de segunda a sábado, até a hora da Gata Borralheira. Fofe com o guardador de carros que fica em frente ao bar. No carnaval funcionará só até sábado.

Moringuinha e **Tangará**, dois bares da Rua Álvaro Alvim, 36 e 26, respectivamente. Lá você pode tomar uma cachaça do norte (?), que é irresistível, ou ainda uma das várias batidas da casa, delícias de dar água na boca. Se você gosta mesmo de um chope, não hesite, saboreie o mais gelado de todos, que só se encontra lá. Se a fome apertar e você estiver no Tangará, aproveite para provar a deliciosa muelinha de galinha (60 cruzeiros). Se estiver na Moringuinha, coma lingüiça frita na chapa (60 cruzeiros também). A freqüência destes dois bares é basicamente de boêmios, mariconas, bichinhas carcará, simonetas e a turma do Lampa, as lampionetes. Funcionarão só até sábado de carnaval.

Caminhando em direção ao Campo de Santana encontraremos dois excelentes bares, que funcionarão durante todo o carnaval, em regime de 24 horas. O primeiro é o bar da Visconde do Rio Branco, esquina com Lavradio. Lá a cerveja corre frouxa e a freqüência é das mais ecléticas nesta época, variando desde o travesti da Tiradentes ao nada ingênuo e desarmado bofe tijucano.

Mais adiante, na esquina de Visconde do Rio Branco com República do Líbano, fica o **"Caldeirão da Vovó"**. Um bar bastante aconchegante que funciona, normalmente, as 24 horas do dia. Seus donos prometem um estoque interminável de bebidas e cerveja, com preços acessíveis. Além disso, os quitutes são saborosos, aproveite e prove a sopa da vovó.

Quanto aos vetustos Amarelinho e bares da Galeria Alaska, nenhuma novidade, a não ser o Michelângelo, que está de roupagem nova, cobrando os olhos da cara.

Até vésperas do Desfile de Escolas de Samba, na Marquês de Sapucaí e Av. Rio Branco, no dia 1º de março, um domingo, as Escolas estarão ensaiando seus samba-enredos, todos os sábados a partir das 22 horas. Ainda são os melhores lugares para se divertir, gastando-se pouco, e pode-se fazer uma ligeira pegaçãozinha.

A **União da Ilha** ainda continua sendo o melhor lugar pra quem gosta de garotão ou **Baby-face.** Os ensaios são realizados no Esporte Clube Cocotá, na ilha do Governador, com ingressos a 150 cruzeiros.

Com um lindo samba, exaustivamente tocado nas rádios, **Portela** promete mexer como nunca, as arquibancadas da Marquês de Sapucaí. O Samba-enredo **"Das Maravilhas do Mar Fez-se o Esplendor de Uma Noite"**, tem seus ensaios no Portelão, em Madureira, com ingressos a 100 cruzeiros. Curta a pegação da porta.

Mas o grande espetáculo fica por conta da **Unidos de São Carlos,** a escola das minorias. Com um samba-enredo sobre os velhos tempos da Praça Tiradentes, a turba de estigmatizados da São Carlos promete reviver a glória da antiga praça, em plena Rio Branco. os ensaios são na quadra da Rua Miguel de Frias, ao lado da Zona, com ingressos a 100 cruzeiros. Cuidado, a Elza anda a solta pelas redondezas.

Quanto ao desfile da Marquês de Sapucaí, desista, é perda de tempo. Prefira a Av. Rio Branco e veja a São Carlos e a magnífica Quilombo.

A República Independente de Ipanema pode ter acabado, mas a **Banda de Ipanema,** nem morta! Não se atreva a perder uma das coisas mais gostosas do que restou do Carnaval de rua. Por volta de 15 horas começa a concentração, em frente ao Bar Garota de Ipanema, na Vinícius de Morais. Às 17 horas a banda sai espalhando alegria por todos os lados. Muito cheiro, muita lança, muita alegria.

No domingo de Carnaval a atração máxima fica por conta da **Bolsa de Valores,** com o seu debochado desfile de travestis e caricatas. Os próprios freqüentadores, daquela faixa de Copacabana, em frente ao Copacabana Palace, organizam o evento. O desfile começa por volta de 11 horas, e depois todo mundo cai na água e desfralda a fantasia.

Outro desfile, imperdível, é o do **Paulistinha,** ainda uma das maiores manifestações udigrudi do carnaval carioca. Sexta, por volta das 22 horas, a multidão ja se concentra no quarteirão da Gomes Freire, entre Constituição e Visconde do Rio Branco.

O Decadente **São José** apresenta, na sexta-feira, o seu carcomido **Baile dos Enxutos,** com um ainda badalado concurso de travestis. Nos últimos anos a freqüência tem sido a pior possível. Este ano a entrada custa apenas 1.500 cruzeiros. Não há bicha que resista.

Mário Valle reserva surpresas para a **Rainha do Carnaval do Elite** e o Concurso de **Rainha das Caricatas** (uma inovação). Gente muito colunável vai estar lá. O concurso é quinta-feira, dia 26, e o ingresso custa só 400 cruzeiros. Me aguarde!

Elite, São José, e agora o **Casanova,** são as únicas opções para quem curte um baile gay, com música ao vivo. O **Elite,** na Frei Caneca, ainda é a melhor pedida deste Carnaval. A freqüência é das melhores do Rio, cada coisa, hum!! Os pré-carnavalescos estão fervendo com entradas a 400 cruzeiros. No carnaval o preço aumenta um pouquinho apenas no sábado e na terça, passa para 500 cruzeiros. Nos demais dias o ingresso permanece a Cr$ 400. O Baile começa às 23 horas, mas chegue cedo, senão você corre o risco de passar o Carnaval do lado de fora.

O **São José** acena com seus bailes freqüentados pelas moscas. Seus donos querem mais é dinheiro, fodam-se as bichas. Os pré-carnavalescos, todos os sábados, estão por 400 cruzeiros. No Carnaval a entrada passa para 500 cruzeiros.

A novidade fica por conta do **Casanova,** que pela primeira vez resolve fazer pré-carnavalescos. A Banda é da melhor qualidade, o preço o mais barato da praça, 200 cruzeiros. Tentando dividir o público do Elite, o baile é às sextas, mas poucas pessoas sabem da novidade. No Carnaval, ainda não está confirmado, deverá funcionar apenas no sábado, com ingresso a 400 cruzeiros.

Aproveite ao máximo a folia. Não deixe para o ano que vem a loucura que você pode fazer agora. E por falar em loucura, nada melhor do que passar o carnaval na praça. A Cinelândia, a exemplo do ano passado, terá coreto e tudo. Dê um pulo na Tiradentes ou então vá pras ruas de Madureira. Seja um folião da calçada.

Antônio Carlos Moreira

Na porta do São José, a boneca dá uma de Raquel Welch.

Nada Ainda Começou

Evoé Momo: Preparem-se todas, porque aí vem o mais louco de todos os acontecimentos, a mais excitante e liberadora das orgias, a grande e única folia dos corpos, a libidinosa festa da carne (sic): o Carnaval.

Na verdade, nem todo mundo está devidamente estimulado para engatar uma quarta na loucura deste período pré-carnavalesco. Ares estranhos tomam conta da, quase ex, Cidade Maravilhosa. Não bastasse a desavergonhada crise econômica, que paira sobre nossas cabeças, transformando nossos míseros cruzeiros em reles centavos, ainda somos infernizados pelo terrorismo psicológico da Grande Imprensa, que nos deixou com medo de uma suposta onda de violência. Coisa com que, até então, convivíamos pacífica e serenamente.

Muitos estão desanimados, ao entrar em pleno fevereiro e ver penosamente que o clima momesco não é tão evidente como outrora, e sequer existe. Alguns vão mais longe e dizem que o Rio de Janeiro morreu e que não passa de um blefe. Infelizmente, sou obrigado a concordar com observações tão pessimistas, e quase sentenciar que **"este ano não vai ser igual àquele que passou"**. O exuberante carnaval da Abertura, pelo visto caiu em esquecimento.

Onde já se viu, no auge da noite de um sábado de fevereiro, não se encontrar viva alma pelo centro da cidade? E pasmem, a zona sul, que já esteve na crista da onda em velhos carnavais, encontra-se às moscas e aos cucarachas, evidentemente. Para onde foram todos? Tenho certeza que ninguém está se furtando dos rotineiros prazeres carnais. Mas então, onde estão?

Nossa loucura centrocidadesca vive atualmente, de um único dia, a sexta-feira. Neste, os bares do centro da cidade ficam abarrotados de nem tão comportados senhores evadidos dos vários escritórios da redondeza. E olha que o sururu é incapaz de permanecer noite adentro. Logo, logo, as maletas 007 são recolhidas e tudo volta a ser como antes, um verdadeiro cemitério. Resta-nos, nessa noite, apenas uma única saída, o velho Elite, visto que os babilônicos buracos causam arrepios, com a crescente onda de policiamento que os assola. O Elite sim, parece não se abalar com a estranha epidemia que tem afugentado as pessoas das ruas, e vai até altas madrugadas, com seus bailes apinhados de gente, fazendo com que os baratos da última lança, não sejam liberados em vão.

Nilson, do Casanova, anda desesperado, pois desde o seu primeiro pré-carnavalesco, em janeiro (acontecimento inédito no Casanova), até hoje, não conseguiu colocar mais do que trinta pessoas dentro do quase centenário cabaré. E olha que a orquestra, composta de músicos da Banda do Leme, é uma das melhores que já pude ouvir por estas bandas.

Para alegria repentina de muitos e muitos, o dia de São Sebastião foi capaz de introduzir, no ânimo dos foliões incontestes desta cidade, uma grande e grossa dose de otimismo. Ai! O baile promovido pela Riotur e a Fundação Rio, e realizado na Cinelândia, simplesmente foi o maior sucesso já visto por aquela praça, desde sua recente reurbanização. Milhares de pessoas se espremiam no quadrilátero, entre a Câmara dos Vereadores e arredores do Cine Odeon. Os botequins tiveram que fechar mais cedo, pois todo seu estoque de cana foi consumido em segundos. Grupos de caricatas enfeitavam a festa, além dos costumeiros travestis, enquanto a pegação corria solta e rasgada. Nunca me senti tão emocionado e apalpado, ao mesmo tempo. E, caiam p'ra trás, isto aconteceu numa terça-feira, véspera de um tenebroso dia de trabalho para a grande maioria dos que ali pulavam e saracoteavam.

No mais, o jeito é esperar a hora, quando saberemos realmente qual é a desse Carnaval. Bolas de Cristal não têm funcionado muito, por isso previsões mais confiáveis são impossíveis. Logo, aconselho todas a, imediatamente, vasculharem seus baús, apanharem as gloriosas baianas, destituí-las de seu bolor e, num quase esquizofrênico gesto, rodá-las desde já pelas mórbidas ruelas de nuestra ciudad (cruzes!), porque senão, queridinhas, nosso Carnaval vai ser a maior merrrrrda. Afinal a praça ainda é nossa, como diria nossa amiga e irmã, Castra Alves. (**Antônio Carlos Moreira**)

...Mas a violência do sistema pode

A grande imprensa tem a sua versão sobre o que é violência, e insiste nos últimos tempos, não se sabe com que propósitos, em divulgá-la. Nós temos a nossa própria versão. Bem diferente, como vocês verão a seguir. E o Juiz Álvaro Mayrink, da 7ª Vara Criminal do Rio de Janeiro, concorda conosco.

Violência, pra mim, é alguém guardar pela vida a fora, num cofre escondido em sua sala de jantar, milhões de cruzeiros em dólares, jóias e dinheiro vivo. Por isso, quando leio essas notícias de assaltos às mansões do Cosme Velho, Leblon, Barra etc., e vejo a quantidade de dinheiro que os assaltados mantinham em casa, é esse detalhe o que mais me choca. De qualquer modo, tenho a minha própria versão para o que seja violência. Por exemplo: o genocídio na Baixada Fluminense; quando você, bem posto cidadão, ler no seu jornal burguês preferido que foram encontrados mais cinco mortos na Baixada, e que a polícia atribui às mortes da "briga de quadrilhas", desconfie. Se alguém se der ao trabalho de fazer uma estatística, vai descobrir que 80% dos mortos da Baixada têm menos de 18 anos; e que, destes, a maioria tem menos de 14. Eu mesmo, quando era repórter, vi, certa vez, dois cadáveres, um com 15 tiros e outro com oito; os dois eram de crianças de onze anos.

Neste genocídio, cujo objetivo (não me venham com amenidades sociológicas, por favor) é exterminar os filhos de uma população marginalizada e carente (seriam, todos, assaltantes em potencial), atuam com êxito, há anos, bandos organizados de matadores, sustentados pelos pequenos comerciantes da Baixada, ou pelas grandes empresas de cigarros, de gás, etc., cujos caminhões de entrega, sob a proteção dos mesmos bandos, cruzam a região. De vez em quando estes bandos transcendem esta missão mais simples, e só aí é que, às vezes, se dão mal. Exemplos: foi um grupo de extermínio da Baixada quem matou, a troco de muito dinheiro, aquela senhora de classe média que era diretora do Fluminense, lembram? E foi outro desses grupos que matou agora, certamente também a troco de muita grana, esta estranha figura do submundo de Copacabana a quem chamam "Cabo Júlio". Na Baixada, são milhares os mortos, e centenas os matadores. Esta é a verdadeira violência, a mais terrível. Mais fique tranqüilo, bem posto leitor: dela, você dificilmente lerá alguma notícia no seu jornal diário. (**Aguinaldo Silva**)

O equívoco de sempre: confundir aparato policial com segurança pública. Pelo menos é isso que os jornais da grande imprensa andam pedindo para acabar com a "onda de assalto e violência que toma conta do Rio". Não sei que tipo de preocupação tem movido os nossos grandes jornais nessa sistemática campanha. Sei que se desculpam afirmando defenderem o direito dos cidadãos, logicamente os da classe média e sobretudo os da classe média endinheirada, de circularem livremente pelas ruas. Mas será que é só isso?

Eu, ao que me consta, jamais vi o JB ou o Globo denunciando as violências cometidas durante o período mais duro da ditadura. E diante das torturas perpetradas nos porões da repressão, a violência que os oprimidos se vêem na contingência de usar para salvar o pão de cada dia ou para consumir o que os meios de comunicação nos incentivam, é pinto. Sim, porque a violência é algo presente em nossa história, na vida brasileira. Ou não será violência a inflação de 113 por cento ou mais? Ou será violência os meios de transportes que obrigam os cidadãos a viajarem como gado? Ou não será violência a especulação com gêneros alimentícios, como ocorreu recentemente com o feijão preto? Ou não será violência jogar cadáveres coléricos no rio Paraguai para infeccionar a população de Assunção, como se fez durante a Guerra do Paraguai? Ou não será violência reprimir com sangue as revoltas populares do século XVIII e XIX ?

Alega-se hoje que só com mais polícia na rua se conseguirá controlar a violência que aparentemente se expande. Ora, é só olhar os crimes que mais sensibilizaram a opinião pública nos últimos dias - os sequestros de Luís Carlos Jatobá e Misaque e o assassinato do Cabo Júlio - para se descobrir se realmente mais policiais na rua é a melhor solução; os suspeitos são integrantes das polícias civil e militar. Mais polícia na rua significará mais prisões de negros e bichas para averiguações, mais violência institucionalizada contra os oprimidos. E garanto que a presença de mais policiais na rua não diminuirá nem o pequeno roubo. Passará duas ou três semanas e o oprimido descobrirá a melhor forma de voltar as ruas. Assim é a criatividade que dos desprovidos da sorte usam para continuar a luta de classes e ganhar o pão de cada dia. **Alceste Pinheiro**

Na "cidade do crime" — como chama o Rio de Janeiro uma refugiada moçambicana, que considera a África do Sul o país mais seguro para se viver —, eu faço parte daqueles vinte e pouco por cento da população (segundo estatísticas recém-publicadas) que não têm medo de sair à rua por causa de assaltos ou violência. Não me sinto menos seguro aqui do que em quaquer outra cidade do mundo e vejo na campanha desencadeada pela imprensa burguesa para acabar com a "violência" carioca uma simples manobra oficial para disfarçar as verdadeiras causas dessa violência, que são a miséria, a vergonhosa distribuição da renda e a inflação.

E por que o Rio foi escolhido como o bode expiatório dessa incrível campanha? Todos sabemos que o Estado do Rio de Janeiro é o único da Federação com um governo de "oposição". Não ficaria bem colocar o Maluf, por exemplo, como um incapaz perante a opinião pública, quando ele é tido e respeitado como o "isqueiro mais rápido da República", sempre pronto a acender o cigarro de qualquer autoridade, de ministro para cima.

Dou esse exemplo de São Paulo porque é o que está mais próximo e sobre o qual deve-se meditar demoradamente, principalmente para não segui-lo. Sim, porque é lá que os famosos rondões do Delegado Richetti, voltados exclusivamente contra uma população marginal e indefesa, aterrorizam muito mais que os ratos de praia que infestam a Zona Sul do Rio.

E o que dizer das grandes cidades do mundo, cada vez mais violentas e assustadoras Em Nova Iorque, todos sabemos, o metrô não pode mais ser usado depois das dez horas da noite por pessoas desarmadas; bairros inteiros foram abandonados como resultado da miséria e da violência (os jornais deram que a falta de calefação matou recentemente duas mulheres de um bairro pobre de Nova Iorque). E na Europa, numa Londres (para não citar Roma) cheia de bombas, não se tem mais segurança. Uma inglesa de quem levaram a bolsa numa churrascaria aqui no Rio foi vítima de um golpe que é muito aplicado em Londres. Segundo uma amiga minha, uma brasileira passou pela mesma coisa na civilizada Albion. Então não é apenas o Rio que é violento. (**Francisco Bittencourt**)

A classe média está apavorada. Também, pudera, com o terrorismo psicológico instaurado pela Grande Imprensa e os demais meios de comunicação em torno da violência urbana(o mais novo casuísmo nacional), não há fariseu que resista. Enquanto a violência se restringia à Baixada Fluminense, tudo bem. Agora que ela toma conta dos mais reguardados lupanares da Cidade Maravilhosa, a ordem é descer lenha.

Sair às ruas, representa hoje um grande feito de coragem, mesmo que os perigos não sejam tão grandes como se apregoa nas primeiras páginas dos vetustos diários. Vários amigos meus, amêdrontados com o clima de guerrilha instaurado no Rio, deixaram de fazer seu costumeiro trotoar pelo centro da cidade, principalmente os buracos.

Preocupado com a crescente mistificação da violência urbana do Rio e com as famigeradas propostas para seu controle, procurei o Juiz Álvaro Mayrink da Costa, uma das poucas pessoas sensatas neste cenário de imediatismos e casuísmos, e num agradável papo por telefone consequi o seguinte depoimento:

"O Cidadão urbano tem que aprender a conviver com a violência contemporânea. Não existem medidas de curto prazo. Há necessidade de desmistificarmos a violência, pois esse estardalhaço todo não passa de mais um pacote, que tem como objetivo — único e exclusivo — desviar a atenção do povo da grande crise sócio-econômica em que vive o país. O povo está tão alienado culturalmente, que se preocupa com o desempregado que comete um furto de dez cruzeiros, esquecendo-se que as financeiras e os bancos dão golpes de milhares de cruzeiros na poupança popular, e sequer são punidos. A violência hoje serve para justificar tudo.

O problema da criminalidade urbana é a velha questão da desorganização cultural e social. Pagamos hoje o custo social do crime com as nossas vidas e com nosso patrimônio, porque os tecnocratas brasileiros não investiram na infância desamparada.

Outro ingrediente alimentador da onda de violência é a corrupção, principalmente quando o povo desacredita nos órgãos que têm dever legal de protegê-lo.

Quanto a colocar destacamentos do Exército na rua, isso não passa de uma intervenção. O papel das Forças Armadas não é esse. Às Forças Armadas cabe a segurança externa, a segurança interna cabe à polícia dos estados. Nós não estamos em Estado de Sítio. Não devemos combater a violência institucionalizando-se a violência, mas sim dando condições culturais e sociais ao povo para que ele possa exercer, democrática e efetivamente, as suas atividades no meio urbano.

Não adianta procurarmos medidas imediatistas, nós temos que trabalhar para os anos 90. Nesses anos do processo de desenvolvimento econômico brasileiro, o grande esquecido foi o homem, daí essa crise. O Governo Federal tem por obrigação dar auxílio para o aparelhamento dos órgãos de segurança pública, através de recursos humanos e materiais.» (**Antônio Carlos Moreira**)

Querem capar as lampiônicas

Pelo que eu li no nº 31 do Lampião, me parece estar em jogo a liberdade de expressão e a nossa posição dentro do jornal. Aguinaldo Silva, Francisco Bittencourt e João Silvério Trevisan me mostraram que, depois de pressionar alguns negros, a Convergência Socialista procura catalisar para si a força dos grupos homossexuais. A partir do que eles escreveram, compreendi que a CS procura colocar os grupos homossexuais mais atuantes contra o jornal. Para mim, este fato é eticamente semelhante às táticas estalinistas e/ou fascistas, que justificam e legitimam qualquer pressão sobre a imprensa independente.

No diálogo entre Aguinaldo e Marcelo vi, da parte de Marcelo, a imaturidade do militante que se entrega às tarefas sem examiná-las em profundidade. Chamar o Lampião de anarquista por não querer aceitar este cabresto é não saber o que significa a palavra anarquismo. É desconhecer que a origem da esquerda, no Brasil, foi dentro do anarco-sindicalismo, de nascimento europeu. É utilizar a tática estalinista de bloquear, acuar, pressionar uma entidade, uma pessoa ou um jornal independente. E o pior é quando não aceita curvar-se a essa tática, continuando em sua trajetória dialética, a pessoa ou entidade objeto de pressão é, imediatamente, vítima de difamação. A história está cheia desses exemplos.

A Convergência Socialista me parece mais uma cópia de organizações européias para travar o último gesto de libertação dos oprimidos brasileiros; o que ela quer é canalizá-los para outros interesses, que não são os seus legítimos e iniciais, aqueles nascidos da dor como prática. Nós não queremos a continuação, invertida, dos mesmos valores; queremos é que eles desapareçam. Utopia? Oscar Wilde já havia compreendido, muito bem, a dinâmica da sociedade, ao concluir, após reflexões, que "o progresso é a realização das utopias"; e lembro que foi graças ao sonho de Ícaro que a humanidade chegou ao avião.

O fato é que esse tipo de pressão fascista sobre comunidades e grupos que lutam pela sua libertação fora do contexto "marxista", por táticas estalinistas ou decorrentes delas, justifica a repressão neonazista sobre todos. E quem sofre mais, exatamente, são as comunidades e os grupos autônomos. Porque sabemos que na hora de repartir o poder, elementos vindos da ala esquerda na tradição burguesa da social democracia alemã, adotada por Lenine (1), são tranqüilizados e acomodados, na prática, dentro do sistema que, teoricamente, eles atacavam (de uma maneira geral, mas até certo ponto); o que os leva muitas vezes a abstrações e contradições incríveis.

O jornal de emigrantes árabes **Sans Frontières**, de 25 de março do ano passado, debate o colóquio que houve em Paris sobre racismo, sionismo e anti-sionismo. E lembra no seu artigo que "para justificar e valorizar a penetração colonial foi necessário diminuir e reduzir o esquema de organização de um povo a formas rudimentares de organização" — quer dizer, os vestígios de tempos antigos deveriam ser integrados ou "civilizados". O marxismo também partiu para esta mesma deformação: considerando o capitalismo como etapa última do desenvolvimento, riscou com um traço as dinâmicas específicas comunitárias, na África, por exemplo.

Então, os homossexuais, como seres que nem entram nas catalogações dessas comunidades (ou, se entram, nem se fala), desaparecem completamente dentro da consideração das teorizações e preocupações dos pensamentos revolucionários progressistas (e/ou reacionários). Por que então eles, como os outros, devem servir simplesmente de meros instrumentos (não como seres com decisão) de luta, como o fuzil? Ou de simples pedaços de papel, como o voto?

O filósofo Althusser, ligado ao PC francês, honestamente, com o seu espírito independente, reviu o marxismo do seu partido, e nos obrigou a uma nova leitura de Marx. Mas acabou de assassinar sua mulher em Paris, estrangulando-a. Ora, seu próprio sistema, que procurou corrigir falhas do marxismo, fracassou diante da vida. Então, o que está em cheque agora não é só o pensamento burguês, mas também o pensamento marxista. Isto é: o grande império da civilização ocidental, racista, fascista, machista, patriarcal. É o momento de as minorias (?) do nosso país, que ainda não está envelhecido, partir para a colocação de questões originais em relação ao nosso futuro. E nós, aqui de fora, nos associamos à resistência do jornal Lampião. Porque o destino de todos nós está em jogo. (**Celestino**, de Paris)

(1 — "Le Socialisme des Intellectuels", de Jan Waclav Makahiski, apresentado por Alexandre Skirda, Editions du Seuil, 1979, Paris)

Chofer é a beleza do mundo

John Brosseau é um canadense louquíssimo que passa parte do ano no seu país, dando aulas a uma classe de bem comportados alunos, e as férias viajando pelo mundo, tirando fotos — centenas, milhares delas — de garotões. Na Tailândia, no Cambodja, em Acapulco, na Barra da Tijuca, em Cabeza de Lobo (Espanha), no furico do mundo, lá está John com sua câmara à caça de garotões. Numa de suas passagens pelo Rio (onde fotografou Deus e o mundo — tudo nu), ele se tornou nosso amigo, e nos forneceu centenas de cópias de suas fotos, nos autorizando a publicar, se quiséssemos. Escolhemos estas duas fotos de Serge, um canadense que, quando não está tomando banho de cachoeira, é um **truck-driver** ou seja (gozem, motorizeldas!), um motorista de caminhão.

Bandeirante Destemido

Uma boa idéia do grupo Outra Coisa de São Paulo: um guia guei paulistano, com 35 páginas, xerografado, inédito no Brasil. O guia, intitulado "O Bandeirante Destemido" que os próprios autores consideram incompleto, por ser a primeira publicação do gênero no Brasil, pretende orientar os visitantes nas ruas, bares, boates e saunas da capital paulista.

O guia está dividido em três seções: programas, indicando bares, restaurantes, cinemas, casas noturnas, mictórios, saunas e via sacra (as ruas); serviços, com uma pequena introdução sobre a situação do homossexual e do cidadão "normal" na sociedade brasileira e endereços de advogados que podem defendê-los em caso de repressão policial; e relações, com endereços de grupos gueis de São Paulo e do resto do Brasil.

O guia é de fácil leitura, posto que pretende ser pedagógico — há inclusive um mapa da cidade de São Paulo. Tem uma simbologia toda especial, o que se torna o mais curioso da publicação. Há 10 símbolos: um homem de gravata representa local mais fino; o de bigode, com gravata, local mais ou menos fino; de barba, local freqüentado por intelectuais ou quase; um jovem com cifrão simboliza um michê; com máscara, pessoa perigosa; com quepe, polícia; salto alto indica freqüência de travesti; chupeta, rapazes menores e bengala, velhos.

É um exemplo que deve ser seguido por outros grupos gueis do Brasil.

Lima Barreto, um símbolo negro

Felicito João Carlos Rodrigues pelo seu artigo sobre Lima Barreto. Devo só acrescentar que para ele ser o escritor mais perfeito do Brasil, acima de Machado, só faltou uma coisa: se desprender do estóico marxismo moralizante (o bolchevismo, a Convergência de sua época) e dos condicionamentos deste subúrbio que ele tanto detestava. Porque, ao falar de Oscar Wilde, Lima Barreto reconheceu o valor do seu **De Profundis**, mas disse que Wilde "era um porco". Isso não parece dele, e sim, de um padre antigo de província, reprimido e que tem mau hálito quando faz suas pregações moralizantes. Ah, é mesmo: esqueci que, no Brasil, por mais que procuremos ter um pensamento flexível e livre, é difícil chegar à perfeição. De toda maneira, já que a maioria dos "participantes do movimento negro", os meus irmãos caríssimos, "preferem, ainda", deblaterar entre si do que "fazer um trabalho conseqüente", nada mais justo do que homenagear, como Rodrigues o fez, "toda a população afro-brasileira na figura de uma de suas maiores expressões: Lima Barreto". (**Celestino**)

Sex shops: pornôs ou farmácias?

1

Fotos: Francisco Fukushima

"Uma farmácia" — com a observação do Francisco Bittencourt — concordamos eu e Zé Henrique (meu companheiro nessa — e em outras, é claro — jornada). E a impressão à primeira vista é essa mesmo. Asséptica, bem comportada, extremamente bem arrumada, a primeira Sex's Shop (Bittencourt lembra o erro de grafia) do Rio mais parece mesmo uma farmácia. Não daqueles modernosas, tipo supermercado da saúde que andam por aí, mas as antigas farmácias, embora faltando as cadeiras de papo do interior/ que fizeram políticos e poetas.

Para quem conheceu as porno shops européus e americanas, organizadas dentro de um espaço descontraído, a Sex's Shop tupiniquim (que me perdoem os nossos nativos) deve representar uma decepção. Nada de membros de acrílico pendurados, nada de cabine para exibição privada de filmes pornôs, o paraíso dos punheteiros de Hamburgo e New York. A frente de nossa Sex's Shop parece a de uma butique: porta de vidro negro que impede saber quem está no seu interior e uma pequena tabuleta, em letras brancas, indicando a proibição a menores de 18 anos. Talvez o cuidado com a segurança seja um tanto exagerado: a nossa fotógrafa Cynthia Martins por pouco teve a sua máquina confiscada dias antes de minha ida. Talvez por isso os dois vendedores permanecem no corredor externo observando quem entra ou sai.

Por isso, vi-me na contingência de procurar a loja como um simples e potencial comprador, acompanhado do Zé Henrique, o que deve ter trazido alguma desconfiança ao primeiro vendedor que me atendeu — um moço baixo e bem apessoado, aparentando uns 30 anos, se tanto.

— Nossos artigos são estritamente heterossexuais — disse com um leve e sacana sorriso, certo de que não nos ofenderia.

Foi a primeira e significativa definição do que seja a minúscula loja, a primeira do Rio no gênero — já há três em São Paulo, todas de propriedade de uma tal Complement, que também oferece os seus produtos pelo reembolso postal (a revista carioca Close publica anúncio em duas páginas). Sim, a Sex's Shop é uma loja heterossexual e, mais que isso, machista. Seus produtos visam sempre agradar ao homem. À mulher é reservado algum prazer, evidentemente, mas desde que isso seja do interesse do seu parceiro.

Na loja figura todas as espécies de creme: o anal, para permitir uma melhor penetração — "próprio para pessoas com fimose", confidenciou-me o vendedor —; para melhorar o sexo oral — "há vários sabores, inclusive framboeza" —; para facilitar a penetração vaginal — "escorrega como ele só". Mas não são somente cremes que integram a extensa lista de produtos oferecidos: há calcinhas anatômicas, vibradores, daqueles usados nos cabeleireiros, filmes em super-8, slides, posters eróticos, cacetes de latex e uma série intermináveis de preservativos.

Mas caralhos e preservativos servem muito mais a mulheres que aos homens — afirmaria o leitor atento. Engano. O próprio vendedor se apressa em justificar, tentanto descontrair a conversa — e descontração para ele tem o sentido do tom picante, embora sem palavrões. Preservativos e pênis de latex visam garantir a segurança do cliente: os primeiros evitam filhos inconvenientes e os outros impedem à mulher solitária e mal-amada sair pelo mundo atrás do pênis de carne e osso. E não é necessário procurar muito para confirmar tal observação. É só consultar o anúncio publicado na revista **Close**:

"Super Dong — é aquele complemento sexual que vale por um homem. Sendo maciço e fabricado de um latex especial, tem a textura, o tamanho e a forma de um órgão sexual masculino grande. Só que ele não cansa nunca. Nem você."

"Oriental Preserv — Criado no Japão, feito de um latex especial e com desenho revolucionário, este preservativo é a solução para os seus problemas de segurança e higiene. Do tamanho certo."

Mesmo assim, 40 por cento da clientela é composta de mulheres — acena orgulhoso o outro vendedor, moreno, de bigode, com um baita sotaque paulista, um prato cheio para quem curte o tipo:

— Mulheres prafrentex. São as piores freguesas. Reclamam de tudo. Elas e os argentinos, que vivem a querer abatimento e reclamam quando não diminuímos os preços.

A Sex's Shop encontra nos argentinos, mesmo nos mais duros, os seus melhores clientes. No dia que fui, a loja estava vazia, mas Cynthia Martins garante que, no dia em que tentou fotografar e foi quase agredida pelo vendedor bigodudo, só havia argentinos por lá, ocupando quase todo o corredor — a loja está localizada no subsolo de uma galeria da Avenida Nossa Senhora de Copacabana.

O vendedor de bigode parece mais experiente que o o outro. Veio, sem dúvida,de São Paulo, e procura dar segurança e se tornar íntimo do comprador em potencial. E para isso se utiliza de qualquer recurso:

— Eu gostaria de lhe apresentar o nosso diretor, mas infelizmente ele não poderá atendê-lo. Entrei agora em sua sala e ele estava bêbado e cercado de mulheres. Você sabe, hoje é sexta-feira...

Ele parece muito orgulhoso do seu trabalho e da firma:

— Nós estamos aproveitando a abertura, mas não podemos exagerar. Temos todo o cuidado. Você vê alguma coisa agressiva aqui na loja?

Nesse caso, ele tem inteira razão. Nada é pesado ou agressivo. Não há sequer bonecas infláveis expostas, como nas pornoshops européias e americanas.

— Mas se o senhor quiser nós podemos conseguir. Temos bonecas em três temperaturas: fria, morna e quente. É só escolher. Mas não temos instrumentos sado-masoquistas porque a lei não permite. Nem um garrotezinho.

Segundo ele, a loja tem todos os recursos para quem deseja trepar bem. Ao fundo, há uma estante com revistas de sacanagem e livros — o mais visível tem capa branca e "O Pênis" por título e é o primeiro artigo visível quando se penetra na loja.

Mas o objeto mais curioso está meio escondido em uma das prateleiras de vidro do balcão. Semelhante a um objeto de confeitar bolo ou a um aparelho de injeção de tamanho gigante, é capaz de confundir o mais bem informado dos clientes, entre eles um senhor de 81 anos, o maior orgulho do vendedor bigodudo:

— Isso é próprio para pessoas com o pênis pouco desenvolvido. É capaz de fazê-lo crescer mais dois centímetros de volume. Funciona em sistema de ar-comprimido e exercícios diários.

E, dizendo-se sexólogo, completa:

— Não adianta tomar hormônios, meu jovem. O testoterona atinge apenas os testículos. Não adianta forçar. (**Alceste Pinheiro**, Rio).

2

Quando recebi a incumbência de fazer essa matéria sobre as **pornoshops**, fiquei pensando em como seria mais interessante se o repórter encarregado da tarefa já tivesse visitado outros países, vendo as lojas que vendem artigos pornográficos na Holanda, na Inglaterra, nos Estados Unidos ou então no paraíso escandinavo. Ele poderia fazer uma comparação, analisar as diferenças e ilustrar com esses dados a reportagem.

Essa impressão acabou quando comecei a ver as ditas **pornoshops** paulistanas, porque a desilusão é total até para quem nunca viu nenhum, no Brasil ou no exterior. Lojinhas pequenas e difíceis de se encontrar, geralmente em grandes galerias, mal cuidadas, com um ou dois sonolentos (e desconfiados) funcionários atendendo à escassa freguesia, oferecendo — não sem um certo grau de malícia — os poucos artigos disponíveis para o público brasileiro.

"É uma loteria" — diz um empresário do setor, numa espécie de desculpa para a discrição com que essas lojas foram montadas e a aparente falta de empenho em aumentar a divulgação e os negócios. Ele ainda esclarece: "A lei é omissa quanto ao assunto. Tudo depende de como as autoridades vão encarar aquele negócio de **atentado ao pudor público.** Mas o risco de um prejuízo ou até coisa pior é muito grande."

Isso ficou comprovado semanas atrás, quando Juan Carlos Capellan e Mario Teixeira de Morais Lages foram presos em sua lojinha na rua Oscar Freire, 506, acusados de atenderem ao pudor público por venderem artigos pornográficos. A desculpa de Juan, um espanhol, é de que não conhecia a lei brasileira, mas se ele e seu sócio forem condenados poderão pegar de 2 a 6 anos de reclusão e ter de pagar multa de 10 mil cruzeiros.

A divulgação dessa ocorrência provocou um corre-corre nas lojas, algumas das quais chegam a ser "visitadas" por comandos policiais. Informados da situação, os donos as fecharam. Foram reabertas depois que o ambiente "esfriou" um pouco.

Os riscos, porém, não impedem que o número de **pornoshops** aumente dia a dia, com grandes possibilidades de crescimento nas vendas e nos lucros, o que vem ocorrendo desde o começo do ano passado. A loja que existe em uma galeria na avenida Paulista, pertinho do MASP, por exemplo, vai completar um ano de bons negócios no próximo mês de abril. Discretissimamente...

E como são os clientes? Variam muito, segúndo os balconistas. A maioria são senhores, de terno e gravata, à procura daquelas calcinhas com desenhos e formatos sensuais ou o creme que — dizem — aumenta o tempo de ereção e até mesmo o tamanho do pênis. Entre as mulheres, de acordo com os balconistas, o que aparece mais são os **sapatões** pintosos que vão à procura daqueles gigantescos falos plásticos que podem ser acoplados com um elástico à cintura. Entre os homossexuais a preferência é por vibradores (antigamente eram massageadores faciais, à base de pilha. E ainda as bolas que as mulheres colocam na vagina.

Algo que os **pornoshopistas** não conseguem explicar convincentemente é o preço absurdo desses produtos. Um anel de borracha para se pôr ao redor do pênis e aumentar o prazer da companheira (segundo a propaganda) custa ao redor de 700 cruzeiros, embora tenha a mesma quantidade de matéria-prima que um mordedor de borracha para bebês em fase de dentição, vendido na farmácia por cerca de 50 cruzeiros. Um potinho do creme maravilhoso custa cerca de mil cruzeiros, mesmo preço em média cobrado pelos vibradores. Por sua vez, um pênis de plástico custa ao redor de 2.500 cruzeiros. Detalhe importante: não são artigos importados, nada **made in Hong Kong** ou **Denmark.** É tudo produto genuinamente nacional, com embalagens que chegam ao requinte de informar até mesmo o CGC das firmas fabricantes. Só não trazem o nome das ditas cujas, mas alguns balconistas informaram que os artigos são feitos pela empresa que está monopolizando o setor, com suas três **pornoshops** de São Paulo e a do Rio de Janeiro.

Mas até na questão de preço as bichas sofrem discriminação. Exemplo: fotos coloridas de gente trepando. Se forem de gente hetero, um pacote de seis custa cerca de 900 cruzeiros; se forem "gay", conforme o catálogo, o preço sobe para cerca de Cr$ 1.300, embora a gente possa imaginar que o custo dos modelos e material fotográfico, para heteros ou homos, seja a mesma coisa. Seria o preço do que é proibido?

Aliás, a noção do proibido e imoral esta presente em tudo que ser às **pornohops.** Basta ver o risinho maroto do zelador da galeria a quem se pergunta onde é a loja tal que você procurou e não achou, de tão enrustida; basta fingir que não percebeu o risinho meio safado que o balconista deu quando você — que não se identificou como repórter — pergunta o preço do vibrador que nem está exposto na vitrine; basta ver o desinteresse dos empresários em atender aos jornalistas. São Paulo, a capital social (e sexual?) do país, em matéria de **ponoshops**, ainda é uma provincias. (**Eduardo Dantas** São Paulo).

Cuba: dez anos de caça às bichas

Em certos setores vagamente progressistas, é muito comum considerar que toda crítica aos regimes denominados socialistas serviria apenas para favorecer a reação e o obscurantismo. Segundo esse raciocínio, é preferível calar. Foi assim que, durante uma geração inteira, criou-se o maior silêncio em torno dos crimes cometidos por Stalin. Mas é interessante notar como esse mesmo manto de silêncio se torna ainda mais espesso quando a repressão desaba sobre grupos sociais tradicionalmente condenados ao escárnio. Assim, não existe justificativa ideológica possível para evitar as denúncias a respeito da perseguição que os homossexuais sofrem em Cuba, onde o próprio Fidel Castro deflagrou uma campanha antiguei, por volta de 1966.

Num discurso pronunciado no aniversário da morte do herói da Revolução Cubana Echeverría, Fidel lançou um ataque aos homossexuais, comparando-os aos delinqüentes e proxenetas. Logo a seguir, a burocracia estatal armou uma verdadeira "caça às bruxas", em diversos setores, sobretudo nas universidades, onde professores e estudantes reconhecidamente homossexuais através de supostos tribunais populares, na verdade dirigidos por funcionários do Governo. A fúria anti-homossexual chegou ao ponto de organizar verdadeiros autos-de-fé medievais. Tal é o caso do conhecido escritor Virgílio Piñera que, junto com outros homossexuais, foi levado pelas ruas de Havana com um P nas costa — P de "pássaro", outro denominativo para homossexual, na gíria cubana. Em suas Memórias, Simone de Beauvoir faz referência a esse caso, sem mencionar o nome de Piñera.

Um ruidoso escândalo aconteceu quando o escritor americano Allen Ginsberg, abertamente homossexual, visitou Cuba a convite da Casa de Las Américas, em 1969. Depois de contactar bichas cubanas e ter notícia da perseguição que vinham sofrendo, Ginsberg, fez uma provocadora denúncia numa sessão do referido organismo cultural. Em conseqüência foi expulso do país. Seus informantes, muitos dos quais pertenciam ao grupo literário **El Puente**, foram ameaçados de igual expulsão; um de seus integrantes, o poeta José Mario, acabou emigrando para a Espanha. Por essa mesma época, um grupo de ativistas da Frente de Liberação Homossexual dos Estados Unidos foram mandados embora de Cuba, onde se encontravam integrando as famosas "Brigadas Venceremos". Na verdade, numerosas bichas americanas integraram muitas dessas Brigadas, que eram delegações de socialistas americanos (em sua maioria jovens), que iam voluntariamente cortar cana em Cuba, na época da safra, quando ainda viam a revolução cubana como símbolo de liberação.

Esse irracionalismo anti-sexual criou justificativas racionais e o preconceito procurou disfarçar-se em terapia social. Aqueles considerados suspeitos ou culpados de homossexualismo passaram a ser mandados para as UMAPS (Unidades Militares de Ajuda à Produção), sob cujo pomposo nome se ocultavam verdadeiros campos de concentração, com guardas sádicos e um regime de trabalho brutal onde, por exemplo, os prisioneiros a "serem reeducados" deviam trabalhar a terra sem ferramentas. Algumas informações acessórias sobre esses campos de trabalho forçado podem ser encontradas no livro En Cuba, de autoria do poeta revolucionário nicaragüense Ernesto Cardenal.

É irônico mas necessário lembrar, a propósito, que os primeiros campos de concentração foram criados justamente pelos nazistas, que neles misturavam judeus e comunistas com homossexuais e Testemunhas de Jeová. Mas também nós latino-americanos temos nossos antecedentes históricos, a esse respeito. No período da Colônia, a Inquisição espanhola castigava a homossexualidade dos índios atirando os culpados aos cães, para que fossem devorados, ou queimando-os em fogueiras. Aliás, o Museu de Lima tem uma sala com desenhos que mostram os costumes homossexuais dos incas; a sala está fechada ao público, até hoje. Esse ocultamento dos fatos permite que os puritanos de direita e de esquerda continuem afirmando, tranqüilamente, que a homossexualidade é um produto da corrupção de uma burguesia decadente e cosmopolita.

Os resultados da "reeducação" a que se propunham as UMAPS não demoraram em aparecer: muitos prisioneiros tornaram-se pele e osso, transformados em caricaturas morais do que eram, ou se suicidaram. Entre eles se incluíam familiares de altos dirigentes — e até mesmo o filho de um ministro. A repressão parece ter amainado graças à intervenção do escritor inglês Arnold Wesker. Em 1969, as UMAPS foram fechadas — não por uma mudança de posição, mas simplesmente porque se mostraram totalmente ineficazes. Prova disso é que a atitude dos dirigentes do regime não mudou. Entre 23 e 30 de abril de 1971, houve o Primeiro Congresso Nacional de Educação e Cultura, em Havana. Numa de suas conclusões, pode-se constatar claramente a decisão "de rechaçar e não admitir de forma alguma essas manifestações (homossexuais) nem sua propagação". Destacou-se aí o caráter anti-social da atividade homossexual, aconselhando-se o saneamento dos focos, assim como o controle e encaminhamento dos casos isolados. É evidente que este tipo de discriminação impedia que os homossexuais tivessem acesso ao mercado de trabalho, acabando por gerar verdadeiros párias sociais. Depois de arrancar os homossexuais do convívio social, o regime os acusava de anti-sociais.

Esse Congresso chegou a propor, numa de suas conclusões, o impedimento de conhecidos homossexuais representarem artisticamente Cuba no exterior, além de se evitar que ganhassem influência dentro do país, graças à sua "qualidade artística". Finalmente, solicitavam-se penas severas para os reincidentes ou irredutíveis. O tabu chegou ao ponto de isolar o escritor Norberto Fuentes de toda atividade intelectual, pelo fato de ter escrito um conto onde um guerrilheiro homossexual é levado ao suicídio pelo rechaço de seus próprios companheiros.

É útil lembrar que, de acordo com as resoluções do referido Congresso, a Cuba revolucionária acusaria de "patológicos sociais" gente como Serguei Eisenstein, Jean Genet, James Baldwin, Marcel Proust, André Gide, Luís Cernuda, Garcia Lorca, Daniel Guérin, etc. — que estariam impedidos de representar a cultura de seus países. Seria sem dúvida mal-visto o gesto de um Albert Einstein ou Thomas Mann, que intercederam publicamente pela anulação das leis anti-homossexuais na Alemanha de Weimar. Talvez os congressistas cubanos tenham esquecido também que, na Rússia revolucionária de 1917, Lenin assinou um decreto revogando as leis anti-homossexuais, consideradas herança do período czarista — e sua atitude era sem dúvida conseqüência das discussões e reivindicações reiteradamente veiculadas por parlamentares social-democratas, desde a época do império alemão. **A repressão aos homossexuais só se inicia, na URSS, a partir de 1934, juntamente com as grandes limpezas de caráter político comandados por Atolin.** Repressões anti-homossexuais desse estilo só ocorreram, sintomaticamente, em ditaduras de direita como as de Onganía e Videla, na Argentina.

Esses verdadeiros "judeus da sexualidade" geralmente estão impossibilitados até mesmo de abandonar Cuba. Para poder emigrar, é preciso pagar em dólares. Mas ter dólares é considerado delito. Portanto, só se pode sair do país através de um resgate pago do exterior. E mesmo supondo que todas essas dificuldades fossem superadas, faz-se necessário aguardar sua vez, já que existem aproximadamente 250.000 pedidos de saída, em virtude do que os aviões estão lotados pelos próximos seis anos. Durante esse período de espera, o futuro exilado naturalmente viverá como pária; além de ser considerado "verme contra-revolucionário", ele perde sua casa e seu trabalho; em seus documentos, passa a ostentar o carimbo de "sem pátria".

A opressão que os homossexuais sofrem em Cuba não é um caso isolado e específico. Ao contrário, deve ser interpretado no contexto do sistema. Antes de tudo, está ligado à opressão sofrida também pela mulher que, bem dentro do típico machismo hispânico, continua sendo uma cidadã de segunda classe, em plena Cuba revolucionária. O tabu da virgindade, já abandonado em quase todas as sociedades modernas, ainda vigora plenamente num país que se considera a vanguarda do mundo. Também o matrimônio é apoiado e incentivado pelo Estado; um detalhe significativo é que, se as cerimônias de casamento realizam-se diante de funcionários civis, as mulheres ainda devem comparecer vestidas de branco, conforme o tradicional rito católico.

A homossexualidade não é, como pretendem os ideólogos cubanos, um vício da sociedade burguesa. Ao contrário, pode-se dizer que sua anti-homossexualidade sim é um resquício da moral burguesa tradicional. Por quê? Porque a repressão e a não aceitação de formas diversificadas dentro da sexualidade e do erotismo humano nasceu, historicamente, do desenvolvimento econômico e social de classes antagônicas e, em conseqüência, da forçada constituição da família econômica patriarcal. Por outro lado, se a oposição ocorre supostamente entre oprimidos e opressores, entre proletários e burgueses, não existem razões ideológicas suficientes para determinar se tal ou qual forma de coito humano é revolucionário ou contra-revolucionário. Antes, deve-se perguntar se a perseguição à homossexualidade e ao amor livre nas sociedades auto-consideradas socialistas não estaria estreitamente ligada à circunstância histórica de serem países atrasados que se dão a um processo compulsório de acumulação de capital. Como se propõem a um crescimento econômico acelerado, a ordem aí é produzir e produzir. Então, provoca-se uma mobilização autoritária dos trabalhadores e considera-se o erotismo e o prazer como formas de ócio que atentam contra o trabalho. Daí as restrições.

Além disso, a perseguição aos homossexuais na sociedade cubana está também ligada à falta de intervenção direta das massas e à sua substituição por uma direção autoritária, vertical e hierarquizada. Para se manter no poder, a burocracia precisa controlar as liberdades individuais; e o gozo erótico é uma delas. Em resumo, a liberdade sexual não é incompatível com o socialismo — conforme pensam os cubanos — e sim com a burocracia e com toda forma de governo autoritário. Um socialismo incapaz de garantir o direito inalienável de todo ser humano dispor de seu próprio corpo será uma triste caricatura da liberação do homem. Um socialismo de fachada. (Este artigo foi preparado pela equipe de redação da revista argentina **Somos**, órgão da Frente de Liberação Homossexual da Argentina. A dissolução da Frente em 1976 e o consequente desaparecimento da revista impediram que a matéria fosse então publicada, deixando-a inédita até agora. **Tradução de Beatriz Madeira**

Um grupo de bichas cubanas num campo de refugiados Fort Indiantown Gap, Pennsylvania, nos Estados Unidos

CUBA: primeiro estado socialista das Américas.
Em 1959, um governo revolucionário toma o poder, desapropria as terras das companheiras americanas, introduz a reforma agrária e nacionaliza as usinas de açúcar. Em represália, os Estados Unidos iniciam total embargo ao país. A forma de governo está centralizada em torno do Partido Comunista. As Assembléias municipais e provinciais são eleitas em lista única pela população. O Comitê Central do PC é que decide sobre questões prioritárias, em política econômica e política externa __ e aqui sobretudo se atrela à União Soviética.
O número de estudantes universitários aumenta de 15.000 em 1958 para 145.000 dez anos depois. Graças a um esforço de política educacional, já não há mais analfabetos entre os 8.500.000 cubanos.

Histórias que Mãe-Revolução não contava

Com a Revolução, tudo. Contra a Revolução, nada. (Fidel Castro)

Quando do recente êxodo de cubanos em massa, uma bicha conhecida me acordou certa manhã, para comentar a presença notória de homossexuais entre os fugitivos. Antes de se despedir, ela observou, num tom insinuante mas indisfarçavelmente recriminatório: "O **Lampião** não vai falar disso, não é? Porque seria fazer o jogo da direita!" Patrulhagens à parte, este é o que se pode chamar um tema espinhoso: apontar chagas numa Revolução que me desperta simpatia e que ainda é o território sagrado de amplos setores da esquerda brasileira. Aliás, até nas frescas folhas deste mensário houve gente que, nomeando os bois, na realidade apenas fazia eco dessas cobranças que considero pusilânimes ou, no mínimo, burrinhas. Não vou apresentar atestado de "idoneidade ideológica", coisa que as ditaduras costumam pedir. Mas para evitar que os ovos se rompam sob meus pés, acho justo lembrar que só sou levado a essas análises e críticas pelo meu desejo (talvez demasiado insistente) de transformação das estruturas. Da minha vivência de esquerda, adquiri uma espécie de sadia descondiança (ou seria perplexidade?) em relação às definições políticas, que considero cada vez mais incertas, discutíveis. Por exemplo: o que são Direita e Esquerda? Fui aprendendo que essas designações geográficas dependem apenas do ponto nada objetivo onde o referencial se julga estar. Estariam à esquerda a pasteurizada Malu-Mulher e o burguês Bardella? Ou não seriam os métodos "proletários" do MR-8 e da Convergência Socialista que ficaram à direita? Não seria tão Direita o maquiavelismo de Golbery quanto o autoritarismo economicista (não é, Gabeira?) de certa parcela nacional definida como esquerda? Li uma vez, não sei onde, que tudo muda, menos a vanguarda. E eu acrescentaria: menos a vanguarda política, que se imobiliza no momento mesmo em que se define como vanguarda.

Lamento mas estas poucas palavras me parecem suficientes para introduzir algo assim como a narrativa de uma estranha e quase clínica obsessão revolucionária: a de caçar pessoas, por divergências sexual, em nome da Revolução.

1

Quem primeiro me chamou a atenção sobre as estranhas relações do governo cubano com os homossexuais foi Allen Young, que conheci nos Estados Unidos em 1974 e de quem me tornei amigo. Ativista da Nova Esquerda e do Movimento Guei americano, Allen visitou Cuba em 1969 e 1971, correndo o risco de, ao voltar para os Estados Unidos, ser processado por ato de espionagem ou traição, pois àquelas alturas seu país já cortara relações com a Cuba revolucionária. Em seu livro **Out of the closets**, Allen conta como percebeu um novo sentimento de dignidade no povo cubano que se encontrava entusiasticamente mobilizado dentro de um processo de transformação das estruturas do país. A preocupação do governo com a população era notória já no ritmo vertiginoso de construção de casas e na alfabetização em massa. Mas, num outro plano, o governo revolucionário parecia não só ter herdado o machismo latino dos velhos tempos como inaugurara uma explícita política de moralização dos costumes. Não se tivessem necessariamente criado leis específicas. Mas havia uma não coincidente repetição de atitudes que denotavam a firme determinação de, por exemplo, construir uma nova socidade **sem** homossexuais, sumariamente incluídos entre as aberrações do capitalismo. Estava óbvio que, com perdão da ingenuidade, um dos objetivos da revolução seria erradicar a homossexualidade da nova Cuba.

Em suas andanças pela ilha, Allen conta como foi notando detalhes aos quais não era possível se furtar — mesmo para um homossexual enrusticado como ele dizia ser, nessa época. Logo de saída, um membro do Partido Comunista local lhe informa que não se admitiam homossexuais em escolas e universidades (para afastá-los da juventude) nem em setores vitais como o Exército e o Ministério da Educação; um razoável número delas tinha também sido convidado a abandonar o Ministério das Relações Exteriores, para trabalhar em setores menos importantes — porque não se pode confiar em homossexuais, justificou o comunista. A própria imprensa cubana freqüentemente apresentava o homossexualismo como uma das características depreciativas dos reacionários; assim, a legalização dos atos sexuais entre adultos do mesmo sexo, na Inglaterra, foi noticiada como sintoma da decadência do império britânico. Visitando o acampamento de um batalhão de elite para jovens, Allen foi informado de que, em caso de emergência, o campo inteiro poderia ser mobilizado em três minutos; e ouviu, surpreso, um exemplo concreto de como isso já ocorrera, quando o batalhão foi reunido às pressas para julgar e expulsar um rapaz apanhado em ato homossexual. Por que a humilhação diante de todos e a expulsão? Os funcionários explicam: afinal o batalhão significava a nata da juventude cubana. E por que só um fora julgado e expulso? Porque o outro estava apenas "testando" o companheiro, informaram os burocratas. Ao conhecer eventualmente (atemorizada) bichas com quem gostaria de transar, Allen não conseguiu encontrar um lugar onde ir. Por um lado, os hotéis não permitiam visitantes nos quartos de hóspedes (para evitar a prostituição). Por outro lado, os famosos Comitês de Defesa da Revolução (organizações de quarteirão criadas para mobilizar e conscientizar a população) acabavam exercendo total vigilância e controle das atividades individuais, sobretudo aquelas consideradas, por um motivo ou outro, suspeitas; foi por temor a isso que uma bicha amiga preferiu não lhe emprestar sua casa. De um funcionário do governo, Allen ouviu também explicações de que era necessário acabar com a homossexualidade porque, para vencer o imperialismo, a Revolução precisava construir uma imagem de virilidade do novo homem cubano. Mas o motivo final, apresentado como indiscutibilidade, era de que o homossexualismo ligava-se estreitamente ao estilo de vida de Cuba do ditador Batista, considerada o paraíso das bichas simplesmente porque, naquele tempo, os cassinos e boates viviam cheios de mariconas e travestis que ali defendiam seu salário.

Dentro desse contexto de rejeição, não parecia estranho que existissem tantos homossexuais cubanos hostis ao novo governo e francamente alienados do processo revolucionário. Allen teve uma medida exata desse círculo vicioso ao visitar Cuba pela segunda vez. Convidado para um Congresso Internacional de Jornalistas em Havana, ele acabou sendo marginalizado porque se apresentara, desta feita, como membro do Movimento Homossexual em seu país. Movimento Homossexual? Para os cubanos essa era simplesmente uma outra faceta do "imperialismo cultural" do norte, mesmo que houvesse tantos partidários da Revolução cubana entre os ativistas homossexuàis. Aliás, deve ter sido por motivo semelhante que um grupo de gueis socialistas americanos — estando em cuba nas famosas **Venceremos Brigade**, para ajudar a cortar cana — foi probido de fazer uma palestra aos cubanos sobre libertação homossexual. Na Cuba revolucionária, infelizmente, a atividade homossexual acabou sendo tratada como um ato contra-revolucionário.

Os ecos disso que começava a me parecer uma fobia continuaram me perseguindo. No Natal de 1975, eu estava em Bogotá, hospedado em casa de uma bondosa mas aterrorizada bicha colombiana que vivia bêbada e se chamava Alejandro. Casualmente, acabei descobrindo que Alejandro fora expulso de Cuba, em 1967, ele que fora lá estudar, por conta de suas convicções marxistas. A verdade é que, juntamente com alguns colegas cubanos, Alejandro iniciara um grupo de discussões sobre a questão homossexual, dentro da Universidade de Havana, onde estudava. Um belo dia, foi chamado e sumariamente informado pelo reitor que todo seu grupo estava sendo expulso da univerdidade — e ele, paralelamente, do país — por perturbar a ordem revolucionária. Li a carta de expulsão, cuidadosamente guardada por Alejandro. O mais curioso é que nenhum momento se mencionava o motivo real; a homossexualidade aí em jogo tinha se diluído (bastante estrategicamente) na genérica questão da ordem pública. Depois disso, Alejandro foi se tornando um amargo beberrão. Sentia como um estigma o fato de o terem considerado inapto para erigir o homem novo que tanto idolatrava. E ainda assim, justificava seus perseguidores: contou-me o caso famoso de um guerrilheiro que, logo no início da Revolução, fora denunciado pelo próprio Fidel, julgado e fuzilado, sob acusação de ter entregue às forças de Batista um companheiro com quem rompera, parece que tempestivamente, um caso amoroso. Mesmo desconhecendo o nome dos dois amantes infelizes, Alejandro achava que esse julgamento público seria a causa traumática do generalizado ódio cubano aos homossexuais. Nem por isso ele deixava de manifestar certo sarcasmo ressentido em relação às inúmeras bichas soviéticas que continuaram estudando em Cuba. Segundo me disse, tratava-se geralmente de umas loucas desvairadas que não deixavam passar incólume nenhum macho latino (cuja impetuosidade adoravam). Só que — detalhe importante — elas tinham carregado para Cuba suas respectivas esposas e filhos.

Foto feita numa rua de Havana. Na inscrição no muro, o ódio aos homossexuais.

2

Dizem que se está criando o homem novo em Cuba, e eu também acho. Mas como é que homens velhos poderão criar o homem novo?

(um jovem poeta cubano, em entrevista a Ernesto Cardenal, quando de sua visita a Cuba, em 1970).

Faz algum tempo deram o prêmio David a um jovem poeta que depois descobriram ser homossexual. O livro já estava impresso, mas reduziram a edição inteira a polpa de papel, outra vez. Conheço um dos censores, implacável com os homossexuais. Ele próprio é homossexual. Essa perseguição toda me chateia e me deixa numa situação muito insegura. Não que eu seja homossexual. Mas a gente sempre tem medo de ser confundido, especialmente se tem cabelo comprido como eu, ou é poeta e artista.

(um jovem milicino, apud Cardenal).

As milícias agarraram todos os que tinham cabelo comprido, nos parques e nas filas, e raparam a cabeça deles à força. Até alguns combatentes de Sierra Maestra foram raspados. E tem essa história de Escambray: um jovem escritor escreveu um livro sobre coisas erradas que aconteceram lá. Não quiseram publicar seu livro e ele ficou dois anos sem conseguir trabalho. Se alguém faz críticas, é mal visto, chamado de divisionista. Aí chega Fidel e critica coisas erradas e então todos reconhecem os erros e louvam a crítica de Fidel. Aqui há muito controle de pensamento. Existem meio milhão de menores de 27 anos trabalhando à força. Jovens que fugiram do serviço militar, que não querem estudar, hippies, cabeludos e descontentes. Estão em granjas de reabilitação ou em acampamentos. Eu posso ir pra cadeia pelo que estou dizendo, mas estou com a Revolução.

(um visitante anônimo, apud Cardenal).

Começaram a levar as pessoas para a UMAP (Unidades Militares e Ajuda à Produção), onde recolhiam todos os tipos estranhos, não integrados à Revolução. Especialmente homossexuais. Os homossexuais estavam até felizes nos campos de concentração, porque para eles era um verdadeiro paraíso ter um lugar onde pudessem se encontrar. Ali eles se tornavam ainda mais homossexuais. Alguns se pintavam. Mas tinha gente que estava lá também por outros motivos. Me levaram porque eu era católico. E lá eu me tornei revolucionário, junto com outros amigos. A gente via cenas horríveis. Mortes, por exemplo. Eles se suicidavam. Uma vez vi um homossexual que tinha se enforcado. Os mais maltratados eram os testesmunhas-de-jeová. Lembro que estavam cavando umas latrinas e ficavam com água até a cintura. Trabalhávamos de 12 a 16 horas por dia. Aos domingos, só 12 horas. Estávamos rodeados por uma cerca de arame de dois metros e meio de altura. Três anos depois a UMAP acabou, por causa de um discurso de Fidel. No dia seguinte ao discurso, eles tiraram um metro da cerca, de modo que ela ficou com um metro e meio de altura. Seis meses depois, o campo acabou de verdade. Então saímos.

(um jovem católico "reeducado", apud Cardenal).

Nossa unidade se chama número 5.570, sob comando do Tenente Rebasa. É uma unidade de recuperação social, mas não se chama assim. Quando chegamos é que descobrimos o que era, porque começamos a conversar com os outros e verificamos que uns estavam ali por serem homossexuais, outros por serem maconheiros, outros ladrões ou gente que não queria trabalhar. Nós, simplesmente porque éramos militantes católicos, sendo quatro seminaristas. Atualmente, trabalhamos nas pedreiras. Cortamos o mármore com serras elétricas, tiramos os blocos e polimos. Também fazemos paredes de cimento para casas pré-fabricadas, colunas, escadas. O trabalho é duro porque quase sempre ficamos debaixo do sol. Trabalhamos onze horas diárias, das 7 da manhã às 7 da noite, com uma hora de descanso para almoço. Depois do trabalho a gente toma banho, janta e pode ir à vila. Às vezes há maratonas de trabalho voluntário, que na verdade não é voluntário. Então a gente trabalha sem parar das 7 da manhã às 11 da noite. Estamos nessa unidade de trabalho ao invés de fazer nosso serviço militar. Precisei interromper meus estudos por três anos. A gente fica aqui por três anos.

(um jovem católico internado num campo, apud Cardenal).

Em 1965 começou a "depuração" na universidade. Centenas de estudantes foram acusados de homossexualismo e expulsos. Em algumas faculdades a repressão foi implacável, numa campanha dirigida pela Juventude Comunista e pela Federação Estudantil Universitária. As acusações eram incríveis: "escreve poemas meio esquisitos", "tem cabelo comprido", "estão sempre juntos". As prisões e humilhações foram inúmeras entre escritores e artistas. Virgilio Piñera, Lezama Lima, Ballagas, Antón Arrufat, José Mário, Ana Maria Simo, Rodríguez Feo e dezenas de outros poetas e artistas plásticos foram parar na cadeia, alguns por breves horas ("para assustar") e outros por meses ou até anos. O pânico desabou sobre os homossexuais. Realizaram-se casamentos de conveniências. Aconteceram vários suicídios — Calvert Cassey, Acosta León.

(Carlos Alberto Montaner, **Informe Secreto sobre la Revolución Cubana**).

Havia um escritor que morava no exterior mas voltou quando a Revolução se tornou a única ilusão de sua vida. Trabalhou em jornalismo com

grande entusiasmo, com grande euforia, propagandeando a Revolução. Mas descobriram que era homossexual. Então, não o quiseram ferir com nenhuma punição nem o despediram do trabalho. Simplesmente lhe disseram que continuaria ganhando seu salário mas que se abstivesse de ir ao jornal. Ele entendeu o que queriam dizer e ficou profundamente deprimido, sentindo-se rejeitado pela Revolução que tanto amava. Foi embora de Cuba. Suicidou-se em Roma.

(narrado pelo escritor cubano Cintio Vitier, apud Cardenal).

3

A gente atravessa os anos ouvindo histórias assim. Mas sempre que um projeto ameaça escapar, lá vem o argumento: a revolução é um longo processo onde se faz cada coisa a seu tempo, porque afinal existem prioridades.

Até que num belo dia de abril de 1980, vinte e dois anos após a deflagração da Revolução Cubana, os jornais amanhecem estampando notícias alarmantes: aproveitando-se da ausência de soldados nas imediações, uma crescente multidão de cubanos invade os jardins da Embaixada do Peru em Havana, para solicitar asilo político. Em poucos dias, o número chega a 10.000 pessoas que se atropelam para garantir seu lugar. Castro discursa, chamando os refugiados de "delinqüentes, homossexuais e anti-sociais". Curiosamente, repetem-se até à exaustão as justificativas cubanas de que se trata de "delinqüentes e homossexuais", ou então de "traidores, parasitas, minorias revoltadas", no dizer da agência cubana Prensa Latina.

Não demora, o governo programa uma manifestação diante da Embaixada peruana. Milhares de cidadãos pró-Castro desfilam com cartazes onde se acusam os refugiados de "vermes" e "escória". Num deles se lê claramente: "**Los pájaros a sus jaulas**" — e basta dizer que, na gíria cubana, "pájaro" é o mesmo que viado. Outros setores diplomáticos estrangeiros são invadidos pelos candidatos ao êxodo, enquanto o governo do Peru manifesta seu temor, corroborando a idéia de que haveria "delinqüentes, alcoólatras e homossexuais" entre os refugiados. O governo americano manifesta idêntica preocupação — de maneira mais discreta, ja que pretende colher bons resultados políticos do acontecimento.

Logo a seguir, inicia-se um intenso movimento de barcos americanos particulares que atravessam o Golfo do México até o porto cubano de El Mariel e voltam para a Flórida, carregados de refugiados. Fidel Castro manda então abrir as prisões, de onde os condenados saem diretamente para os Estado Unidos. Assim, em pouco mais de um mês, 117.000 cubanos chegam ao exílio americano. De modo geral, são levados para campos de refugiados. A Agência de Imigração dos Estados Unidos registra, entre eles, 1.750 homossexuais declarados, mas fontes do governo calculam que o número global ultrapassaria os 10.000, considerando que a grande maioria não estaria interessada em se revelar. Várias entidades ligadas ao Movimento Homossexual dos Estados Unidos lançam uma campanha para que os gueis americanos hospedem essas bichas e lésbicas, ajudando-as a recomeçarem a vida. **Rafael Jordán foi expulso da Universidade de Havana. mesmo tendo terminado seu curso de engenheiro químico com grande distinção. Motivo: era homossexual. Proibiram-no de exercer sua profissão e de se matricular em qualquer outra área da universidade. Seu processo de expulsão deu-se através de uma assembléia geral de estudantes, onde a acusação leu em voz alta uma lista dos atos sexuais que ele praticara, com nomes e lugares. Por toda a universidade ocorreram julgamentos de estudantes acusados pela Juventude Comunista de serem "ideologicamente fracos". A campanha baseava-se no seguinte slogan: "a universidade existe somente para os revolucionários". Aconteceu em março de 1980.**

(Allen Young, **Os emissários de uma promessa quebrada**).

A verdade é que, entre profissionais liberais, presos comuns e até operários, desembarcam na Flórida bandos de inconfundíveis figuras masculinas maquiladas que deixam ver cicatrizes de cortes auto-infligidos nos braços (isso não parece familiar?). "No hospital", diz um deles, "a comida pelo menos era melhor que na cadeia." No campo de refugiados da Pensylvania, USA, a maioria das cem bichas entrevistadas pelo jornal **Advocate** disse ter passado pelas prisões cubanas pelo menos uma vez. Os delitos de que os acusavam podiam variar, segundo o novo Código Penal vigente a partir de 1979: desde o gravíssimo delito contra a Segurança do Estado (criticar o socialismo, de forma oral ou escrita, etc.) que é punido com um a quatro anos de cadeia; até o vaguíssimo delito de vagabundagem ou "peligrosidad social", que abrange atos, gestos ou frases "que ponham em perigo as regras da convivência socialilista" e são punidos com até nove meses de reclusão. Isso sem falar das medidas de segurança "pré-delituosas", mediante as quais o acusado pode pegar de um a quatro anos de internamento num estabelecimento de reeducação. Tais penalidades são aplicadas àqueles que têm "conduta anti-social": homossexuais, jogadores, bêbados, vagabundos, prostitutas — e várias delas também aportaram na Flórida, diretamente da cadeia, porque em Cuba a prostituição é ilegal. Quanto às bichas, eram presas simplesmente por sua postura afeminada ou por andarem agrupadas com outros homossexuais conhecidos.

Che Guevara visitava a embaixada cubana em Argel. Ao examinar os livros da exígua biblioteca local, encontrou a edição do Teatro Completo de Virgilio Piñera. Apanhou o livro, como para folheá-lo, mas ao invés, foi até o embaixador, que era um comandante inferior, e lhe dirigiu uma frase ácida: "Como é que você tem na embaixada um livro deste viado!" E sem mais palavras, o Che atirou o exemplar que, atravessando o cômodo, foi se chocar contra a parede, como um ovo choco, purulento, virulento. Pedindo desculpas o embaixador jogou o livro no cesto de lixo.

(Guilermo Cabrera Infante, **Vidas para serem lidas**).

Não acho engraçado o mundo em que vivo nem tenho motivos para me alegrar com as perspectivas. Ao ver os arquitetos do futuro tentando vender sua idéia de Revolução através de promessas paradisíacas, tremo justamente porque eles já estão programando o nosso **futuro**. Ao ser especialmente rigoroso com eles, não estou criticando nenhuma coisa abstrata mas um rótulo concreto que almeja o exercício do Poder antes de tudo. Honestamente, temo o amanhã que nos espera caso certa Esquerda consiga se instalar sobre nossas cabeças em nome do homem novo e sem perder seu maniqueísmo onde a Revolução é o Bem e os dissidentes o Mal. De uma coisa estou seguro: nenhum ato liberador pode justificar a destruição dos seus opositores (sejam homens, héteros, galináceos). Decretar uma Revolução jamais tornará o mundo mais justo, como prometem nossos mascates revolucionários. Aliás, após sessenta anos de experiência socialistas diversas, eu gostaria de não ter medo de perguntar ao meu espelho mais secreto: o que houve de errado com nosso querido projeto de Revolução?

(João Silvério Trevisan)

Go home, gay yankee!

Em 1965, o poeta Allen Ginsberg, uma das estrelas da geração **beat** e homossexual assumido, foi expulso de Cuba, onde estava como hóspede do governo, em circunstâncias misteriosas: colocado no primeiro **avião que saia** de lá, e cujo destino era Praga. Ginsberg sempre manteve discreção em torno do fato mas numa entrevista a Allen Young, em 1972, ele fez, sobre sua expulsão, um relato detalhado que aqui publicamos. Trata-se de um excerto do livro **Sexualidade & Criação Literária (vide anúncio em nossa Biblioteca Universal Guei)**, que reúne as entrevistas do Gay Sunshine, e que, no Brasil, foi publicado pela Editora Civilização Brasileira. (A tradução do livro é de Raul de Sá Barbosa)

Young — Há histórias sobre uma obscura viagem que você teria feito a Cuba em 1965, e sobre um reembarque forçado. Gostaria que contasse alguma coisa sobre o que fez e disse por lá, e por que acabou deportado.

Ginsberg — Bem, a pior coisa que eu disse foi que ouvira boatos de que Raul Castro era guei. A segunda pior foi que achava Guevara um doce. O mais substancial, porém, foi que eu andei por lá dizendo que a política deles de 1965 com relação à maconha era atrasada e pouco científica. Não aceitei a explicação que me deram: que os soldados de Batista queimavam fumo e passavam fogo em todo mundo; não creio que isso tenha acontecido. Olhando para trás, não me parece que isso fosse de fato relevante para as necessidades deles; mas, ao mesmo tempo, a privação de maconha também não me parece relevante para as mesmas necessidades.

Havia perseguição aos homossexuais do grupo teatral àquele tempo, embora o grupo tivesse sido primariamente de orientação guei. Ao invés de procurar enquadrar aquilo de algum modo, em algum lugar, procuraram simplesmente eliminar o grupo e mandaram todo mundo trabalhar nas plantações de cana. Isso era uma tentiva de humilhar os artistas, era usar a cana-de-acúcar para a humilhação e não para o bem da comunidade. E não saiu nada nos jornais. Era uma campanha secreta, em que tomaram parte os mocinhos radicais da Liga Comunista da Juventude, paus-mandados, de bandeirinha na mão como Nixonettes, mal comparando, que acusavam de veadagem todos aqueles de quem não gostavam.

Era considerado mau comportamento usar barba e cabelo comprido, a despeito de serem essas justamente as características de Castro e dos libertadores de alto coturno, de La Rampa. A polícia detinha na rua as pessoas de cabelos compridos e descia o pau nelas como "degeneradas" e "existencialistas". Um bando de garotos de um clube de poesia que eu conhecia muito bem, El Puente, estava na mira da polícia por causa disso; não podiam publicar nada e eram chamados bichas. Uma noite, todo o grupo de Escritores de Encuentro Inter-Americano, patrocinado pela Casa de las Américas, foi ao teatro assistir a um concerto de música **reeling**. Lá todo um numeroso grupo de poetas jovens foi confraternizar conosco. Pois a polícia os deteve, à saída. Disseram-lhes que não se metessem com estrangeiros. Ora, alguns dos meninos eram tradutores dos meus versos.

Havia, então, essa burocarcia policial em Cuba, pesadíssima, e caía em cima da cultura, mas em termos de barbas, de tendências sexo-revolucionárias, de sociabilidade, de homossexualidade. Em outras palavras, não havia nenhuma revolução cultural autêntica. Era ainda no fundo a mentalidade católica. E, com em muitos países comunistas, os burocratas profissionais do partido eram como os cabos eleitorais do Prefeito Daley: quadradões, de bunda gorda e bandeirinha abanando. Gente **straight**, sem nenhma ideologia comunista, que já se assenhoreava da polícia e da imigração e se punha diametralmente em oposição ao povo que fode de olho aberto e luz acesa, escuta os Beatles, e lê livros interessantes como os de Genet e luta contra os americanos na Baía dos Porcos. Mesmo gente que tinha estado com Castro em Sierra Maestra tinha de puxar fumo na moita. A imprensa era monoliticamente controlada e de uma monotonia atroz; e os repórteres me recordavam os repórteres farisaicos e bem pensantes do Daily News em teimosia e mania de discutir.

Eu simplesmente continuei a falar em Cuba, como falava aqui, contra o autoritarismo. Mas no fundo eu era simpático à revolução. Tinha amigos lá, fora convidado, era hóspede deles, tomava parte, como juiz, num concurso literário — e falava o que dava na cabeça! O pior era a minha posição sobre o homossexualismo e o desafio que isso representava à posição oficial. Castro tinha atacado pessoalmente a homossexualidade, como degenerada e anormal, num discurso na universidade. Via-a como uma espécie de cabala, uma conspiração, talvez. Penso que até louvou a Juventude Comunista por denunciar **maricones** à polícia. (...) Desperdiçavam uma enorme energia nessa bobagem. Alguns dos tais **maricones** eram revolucionários da melhor qualidade — gente que lutara na tal Baía dos Porcos, Playa Giron.

Dormi uma vez, secretamente, com um jovem poeta, fumei um raminho de maconha um dia, andando por uma rua escura com um cara barbudo, que me contou ter estado com Castro nas montanhas, e que todo mundo fumava maconha por lá. Mas nisso se resumia o meu comportamento "criminoso".

Penso que um dos resultados mais notáveis e interessantes do movimento de libertação guei foi a confrontação com a burocaracia policial conservadora e repressiva em Cuba. Penso que o choque da Brigada Venceremos com o **gay lib**, que pôs a nu o bloqueio mental dos cubanos em matéria de homossexualidade, foi um dos maiores serviços que o **gay lib** já prestou em escala internacional. Pelo menos, trouxe a questão à baila. Os membros do **gay lib** tinham ido lá para oferecer seus serviços, não para enfrentar a revolução ou descobrir como andavam as coisas. E como se tratava de um grupo guei, a ala direita, a imprensa capitalista, não pôde tirar vantagem da confrontação contra Cuba, pois teria sido obrigada a defender o **gay lib!**

Young — É que a brigada adotara uma política de exclusão do pessoal do gay lib. **Havia uma quinta brigada que não tinha um só elemento guei. Depois, o governo cubano saiu-se com uma declaração política detalhada e assaz específica sobre a homossexualidade, que denunciava como "patológica". (...) Os cubanos, a rigor, têm forçado grande número de pessoas a escolher entre revolução e** gay lib, **e ficam atônitos quando as pessoas optam pelo** gay lib.

Ginsberg — Quando Castro fez a revolução, ele disse que era uma revolução marxista, mas ainda assim uma revolução humanista. E se é uma revolução humanista, então não podem degradar os gueis. Creio que se deva dar apoio a tudo o que se aparte do imperialismo americano e do consumismo desenfreado, tudo que represente alguma espécie de independência do domínio psicológico dos Estados Unidos da América. Mas, por outro lado, a razão de fazer isso tem de voltar a ser humana e independente.

Em outras palavras, sinto que a revolução cubana é importante e deve ser apoiada. Eles aprenderão, a curto prazo. Vão ver o fim do mundo, de qualquer maneira, e vão acabar cabeludos e pansexuais. Vão ter de adotar tais coisas como política de estado mais dia meno dia, nem que seja para aliviar o problema de superpopulação. Penso que os gueis combatem numa posição de força, e que podem esperar. Sua posição se fundamenta em velhas normas de comportamento, boas para todos os mamíferos, e numa necessidade ecológica no que diz respeito ao futuro e ao reconhecimento da humanidade comum. Assim, penso que os gueis podem muito bem dizer: "Ahhhhh!"

Ginsberg e Peter Orlovsky

(...) Eu estava sossegado no meu quarto, uma bela manhã, já no fim da minha visita à Cuba, quando três soldados, uniforme verde-oliva e mudos como postes, entraran no quarto com um oficial. Ele se apresentou como chefe da Imigração. Disse que eu tinha que fazer as malas e que seria deportado, pelo primeiro avião, para Praga. Perguntei-lhe se comunicara isso à Casa de las Américas. Disse que não. Que haveria tempo para isso, mais tarde. Não me deixaram telefonar para a Casa, que me convidara, e levaram-me escada abaixo. Gritei, no **hall**, para Nicanor Parra, que estava sendo deportado, que entrasse em contato com a Casa de las Américas para avisá-los. Conduziram-me diretamente ao aeroporto. Em caminho, perguntei porque me deportavam. O oficial disse: "Por infração às leis cubanas". E eu disse: "Que leis?" Ele respondeu: "Faça tal pergunta a si mesmo". E essa resposta, pensei, era como a resposta que me dera o decano da Universidade Columbia, McNight, quando me expulsou por ter dormido com Jack Kerouak no meu quarto uma noite. E não tínhamos feito amor nenhum. Simplesmente, Kerouak não tinha onde passar a noite.

Não fui correndo queixar-me ao **Time** magazine que fora injustamente chutado de Cuba. Deixe-os na dúvida, a pensar, talvez, que eu era um simples peão. Vítima da luta entre os grupos liberais e os burocráticos-militares.

Os órfãos de Sierra Maestra

Durante anos circularam rumores, dentro e fora de Cuba, sobre o destino incerto do escritor cubano Reinaldo Arenas, nascido em 1943 e hoje considerado um dos expoentes da moderna literatura latino-americana. Falava-se de sua marginalização por parte do governo revolucionário e do seu envolvimento com a polícia, por causa de escândalos sexuais. Até que em maio de 1980 Arenas apareceu em Miami, como parte daquela enorme massa de refugiados cubanos que deixaram seu país em meio de circunstâncias dramáticas. Apesar de inteiramente desconhecido no Brasil (onde só se conhece a obra dos medalhões), Arenas tem publicados os seguintes livros de ficção: **Celestino antes del alba** (1967), **El mundo alucinante** (1969), **Con los ojos cerrados** (1972) e **El palacio de las blanquísimas mofetas** (1975).

Nesta entrevista, gravada em Miami a 8 de junho de 1980, Arenas conta pormenorizadamente sua situação em Cuba, os motivos do seu exílio e as circunstâncias que envolveram muitos de seus colegas escritores. O entrevistador, Enrico Mário Santi, é cubano de nascimento e leciona literatura hispano-americana na Universidade de Princeton. A revista mexicana **Vuelta** (dirigida por Octávio Paz) publicou integralmente a presente entrevista, aqui reproduzida em parte.

ENRICO MÁRIO SANTI — **Reinaldo, embora sua obra seja muito conhecida, pouco ou nada se conhece de sua biografia, começando pelas circunstâncias atuais.**

REINALDO ARENAS — Para falar de minhas circunstâncias atuais, vou contar exatamente como é que cheguei aos Estados Unidos. Quando ocorreu a invasão dos dez mil à Embaixada do Peru em Havana, isso criou uma situação peculiar na política cubana. Parece que por irritação, ou talvez para desviar a atenção, ou simplesmente porque não havia outro remédio, as autoridades decidiram permitir a partida tanto desses exilados na embaixada como de todos aqueles considerados elementos "anti-sociais", "imorais", "apolíticos", enfim aqueles que estavam desvinculados do sistema, quer dizer, a chamada "escória", gente que tinha antecedentes penais ou que não trabalhava. Quando isso começou a acontecer e eu vi que tinha gente na minha situação indo embora, resolvi me apresentar e solicitar licença de saída. Um dia depois que os grupos começaram a deixar a embaixada, preenchi um formulário com essa finalidade.

EMS — **Você já tinha solicitado essa licença anteriormente?**

RA — Não, oficialmente nunca. E explico por que. Em 1970, quando completei 28 anos (idade militar) e podia portanto solicitar essa licença, as autoridades fecharam a saída do país. Só ultimamente, por causa do "Diálogo" e outros acontecimentos, é que surgiu a possibilidade de que alguns políticos deixassem o país, já que a maioria deles estava reabilitada e solta, ao lado de um pequeno número que ainda estava preso. Era essa fundamentalmente a possibilidade de saída que houve em Cuba, nos últimos anos, e eu não caía dentro dessas categorias. É verdade que me convidaram várias vezes do exterior. Por exemplo, uma vez a Editoria du Seuil me convidou para ir a Paris dar umas conferências sobre minha obra; e também a Universidade de Princeton me convidou uma vez, mas esse convite nem sequer chegou às minhas mãos.

— Houve um momento em que comecei a pensar em partir de maneira ilegal, como se diz por lá, do mesmo jeito como tinham feito milhares de outras pessoas. Como foi impossível fazer isso, a gente tentava aparentar uma adaptação ao regime, para sobreviver. Então, quando essa oportunidade se apresentou, eles me levaram um formulário. Me apresentei a um quartel da polícia, com esse formulário e minha carteira de identidade, ao lado de outras pessoas que pretendiam declarar-se anti-sociais ou imorais para poder ir embora. Recebi um papel marcado com um P e me mandaram entrar numa fila onde já havia umas 500 pessoas. Em seguida me tomaram os dados para um passaporte, me tiraram fotografia, mas não me entregaram nada. No dia seguinte de madrugada, um policial me trouxe outro formulário para assinar e me disse que eu tinha meia hora para me apresentar no mesmo lugar onde fui fotografado. Saí correndo, sem saber o que era aquilo tudo. Quando cheguei, já havia uma série de ônibus estacionados. Recebi o passaporte com o número designado na fotografia, mais o papel que o policial me pedira para assinar, e que era um salvo-conduto. Ou seja, iam me deixar sair do país como se eu tivesse pedido asilo à embaixada. Subimos nos ônibus e fomos levados ao famoso Mosquito, um centro de detenção antes do porto. A seguir fomos para o porto de El Mariel e daí viemos para cá.

EMS — **A saída ocorreu em que dia?**

RA — Tudo aconteceu no dia 3 de maio. Três dias depois, chegamos a Cayo Hueso, Flórida.

EMS — **Você esteve três dias no mar?**

RA — Não, foram dois dias de travessia, numa embarcação muito pequena de um cubano que se arriscou para buscar a família. Na viagem, a gente se perdeu e o barco quebrou. Um navio guarda-costeiro americano nos salvou, quando nos encontrou a 50 milhas de Cayo Hueso. Sem eles, acho que jamais teríamos chegado. Éramos doze pessoas dentro de um bote muito pequeno.

EMS — **O que te levou a sair de Cuba? Por que foi impossível pra você, como escritor, continuar vivendo lá? Você aludiu à necessidade de simular uma certa adaptação à situação política. Fale das circunstâncias que provocaram essa situção.**

RA — Olha eu sou uma pessoa de recursos humildes, no sentido de que (evidentemente, por azar) nunca tive nenhuma fortuna. Mas também não vim aos Estados Unidos pensando em fazê-la aqui. Só tenho a esperança de poder fazer uma obra de paz. Comecei a me sentir muito mal quando percebi que em Cuba jamais poderia obter essa paz. Em 1965, ganhei um prêmio da UNEAC (União Nacional dos Artistas e Escritores Cubanos). Tinha 21 ou 22 anos vivia em Havana e trabalhava na Biblioteca Nacional. Ali pude me relacionar com escritores que indiscutivelmente me ajudaram a penetrar no mundo da literatura. Escrevi **Celestino antes del alba**, meu primeiro romance, enquanto trabalhava na Biblioteca. **Celestino** foi premiado em 1965 e publicado em 1967.

— Desde o princípio nunca fui um escritor que eles pudessem considerar como seu. Quer dizer, a UNEAC nunca depositou muita confiança em mim. Esse romance não chegou a receber o primeiro prêmio porque disseram que não tinha conteúdo político, que era pura fantasia, pura invenção e que portanto não se situava politicamente dentro do contexto da revolução. Houve alguns membros do jurado favoráveis a premiar meu romance. Mas seus ideólogos, como José Antônio Portuondo e Alejo Carpentier, comunicaram que se deveria premiar um romance de sentido político, sobretudo sendo esse o primeiro concurso literário da UNEAC. Além disso, dos premiados, meu romance foi um dos últimos a ser publicado e numa única edição de 2.000 exemplares. Mesmo assim, eu me sentia mais ou menos bem, naquela época. Trabalhava na Biblioteca Nacional, o que me deixava certo tempo para escrever, publicava um ou outro artigo em jornais, ensaios críticos sobre literatura. Mas já aconteciam coisas que me deixavam preocupado. Por exemplo, os próprios campos da UMAP, para onde eram mandados todos aqueles acusados de "perversões" sexuais, morais, de ideologia religiosa, etc.

EMS — **Você esteve num desses campos?**

RA — Nunca, mas quase diria que escapei, porque naquela época eu levava uma vida peripatética que me impedia de ser facilmente localizado; vivia em hospedagens, por poucos dias. Também não era conhecido no plano policial a ponto de ser identificado ou detido. Se escapei a tudo isso, não aconteceu o mesmo com muitos dos meus amigos, que estiveram nesses campos. Houve alguns que inclusive escreveram livros sobre essa experiência. Enfim, eu não podia mais me identificar com o regime, como de fato nunca me identifiquei. Sabia que ocorriam coisas muito positivas no plano popular, como a campanha de alfabetização, entre outras coisas. Mas eu achava também que tudo isso sempre era conduzido para um uso ruim. Quer dizer, o preço que se pagava por esses benefícios era um pouco alto: alfabetizava-se uma pessoa para que lesse somente o que lhe impingiam ou aquilo a que pudesse ter acesso, e não aquilo que quisesse.

EMS- **Em que ano você entrou na UNEAC e que funções passou a ocupar?**

RS - Foi em 1969, mas isso aconteceu após uma mudança na Biblioteca Nacional que também me deixou bem preocupado. No ano anterior, a diretora, que era muito competente e revolucionária, foi removida em menos de 24 horas por um indivíduo que não tinha nada a ver com a cultura. Então a Biblioteca começou a fechar às 6 da tarde, coisa absurda já que impedia a frequência de leitores que trabalhavam durante

Em 1971, um congresso decide o que é pecado

Neste texto oficial, uma súmula do que o governo cubano pensa sobre o sexo. Trata-se do capítulo das resoluções relativas à sexualidade, conforme decididas no Primeiro Congresso Nacional de Educação e Cultura de Cuba, realizado em abril de 1971, e que parece ter sido decisivo para a estalinização da política cultural cubana.

A Comissão analisou a questão social da sexualidade e, dentro dele, as idéias e conceitos sobre o tema. Estudou as relações sexuais em geral, analisando o fenômeno especialmente na adolescência e na juventude. Fez-se um retrospecto das transformações ocórridas na situação das relações sexuais da sociedade pré-revolucionária. Essas relações achavam-se condicionadas ao sistema de exploração, à profunda desigualdade social e à violência, produzindo prostituição e outras formas de mercantilização do sexo, com as aberrações decorrentes.

As transformações estruturais e o desenvolvimento de nossa sociedade erradicaram definitivamente essas manifestações, próprias de sociedades de exploração. Porém — como acontece em todo processo revolucionário — essas mudanças ocasionaram novas contradições, que exigem um esforço constante para renovação criadora nas condutas, hábitos sociais e idéias.

Deliberou-se que, como norma geral, a educação sexual deve ser ministrada também fora da escola, exceto em alguns tipos de ensino que, por suas características, o impossibilitem; que se deve fornecer informações oportunas e suficientes sobre as relações sexuais no processo de procriação, dando respostas corretas e científicas às perguntas das crianças e jovens, tanto na escola como no lar. A fim de combater a ignorância e os preconceitos que existem sobre o assunto, sem necessidade de instituir cursos especiais, deve-se oferecer conhecimentos sobre o assunto dentro do ensino geral.

Também se concluiu ser necessário situar corretamente a importância das diversas contradições e das diversas frentes de atividade revolucionária. Consequentemente, deve-se dar prioridade à defesa material e ideológica e ao desenvolvimento sócio-econômico, tradicionalmente campos de antagonismo fundamental. As mudanças no plano das relações sexuais emanam da sociedade, à medida que esta se desenolve nos campos econômicos, social e cultural e adquirem uma ideologia mais consequentemente revolucionária. Finalmente, enfatizou-se a atenção a ser dispensada aos sentimentos e opiniões dos jovens e ao conhecimento de seus pontos de vista. Deve-se possibilitar a discussão e a reflexão profunda, com vistas à criação de uma concepção do significado do amor na formação de um casal e dos motivos que devem presidí-la, não meramente biológicos, mas com toda uma idéia de plenitude humana, que inclua a admiração e a estima recíprocas, em função de valores vitais e estéticos, mas expressando, fundamentalmente, valores sociais, políticos e morais.

Analisou-se a prostituição em sua origem sócio-econômica dentro da sociedade burguesa, sua liquidação total ao longo destes anos de trabalho revolucionário, no contexto das transformações operadas em nossa sociedade. As manifestações residuais em microlocalizadas que existem atualmente, situam-se, mais propriamente, dentro do campo da delinqüência.

A respeito dos desvios homossexuais, definiu-se seu caráter de patologia social. Estabeleceu-se o princípio de rechaçar e não admitir de forma alguma essas manifestações, nem sua propagação, destacando-se, de qualquer forma, que seria o estudo, a pesquisa e a análise profunda do problema que determinariam sempre as medidas a tomar.

Estabeleceu-se que o homossexualismo não deve ser considerado como um problema central ou fundamental de nossa sociedade, mas que é necessário solucioná-lo. Discutidas profundamente a origem e a evolução do fenômeno, assim como sua dimensão atual, definiu-se o caráter anti-social dessa atividade e as medidas preventivas a serem implantadas. Deve-se sanar os focos, bem como providenciar o controle e encaminhamento dos casos isolados, sempre com interesse educativo e preventivo. Concordou-se que existem diferentes graus de deterioração sendo necessárias atitudes distintas frente aos diversos casos.

Com base nessas considerações, chegou-se à conclusão de que é conveniente colocar em prática as seguintes medidas: a) extensão do sistema educacional, reconhecendo a importância na formação de crianças e jovens; b) educação sexual para pais, professores e alunos. Esse trabalho não deve ser feito no âmbito de uma disciplina especial, mas na programação do ensino regular comum (Biologia, Fisiologia, etc.) ; c) promover um entendimento correto da sexualidade. Realizar um trabalho de esclarecimento junto a adolescentes e jovens que contribua à aquisição de um conhecimento científico da sexualidade, eliminando preconceitos e inseguranças que determinam sua hierarquização inadequada; d) promover discussões com os jovens nos casos em que seja necessário um aprofundamento no aspecto hamano das relações entre os sexos.

Ainda neste campo, a Comissão concluiu que não se pode permitir que por seus "méritos artísticos", reconhecidos homossexuais influenciem na formação de nossa juventude. Como conseqüência, é necessário analisar como se deverá encarar a presença de homossexuais nos diversos organismos da frente cultural. Sugeriu-se o estudo de medidas que permitam o encaminhamento para outros organismos daqueles que, sendo homossexuais não devam ter participação direta na formação de nossa juventude a partir de atividades artísticas ou culturais. Deve-se evitar que nosso país seja representado artisticamente no estrangeiro por pessoas cuja moral não corresponda ao prestígio de nossa Revolução.

Finalmente, concordou-se em solicitar penas severas para casos de corruptores de menores, depravados reincidentes e elementos anti-sociais incorrigíveis.

Por outro lado, a repressão aumentava a cada dia.

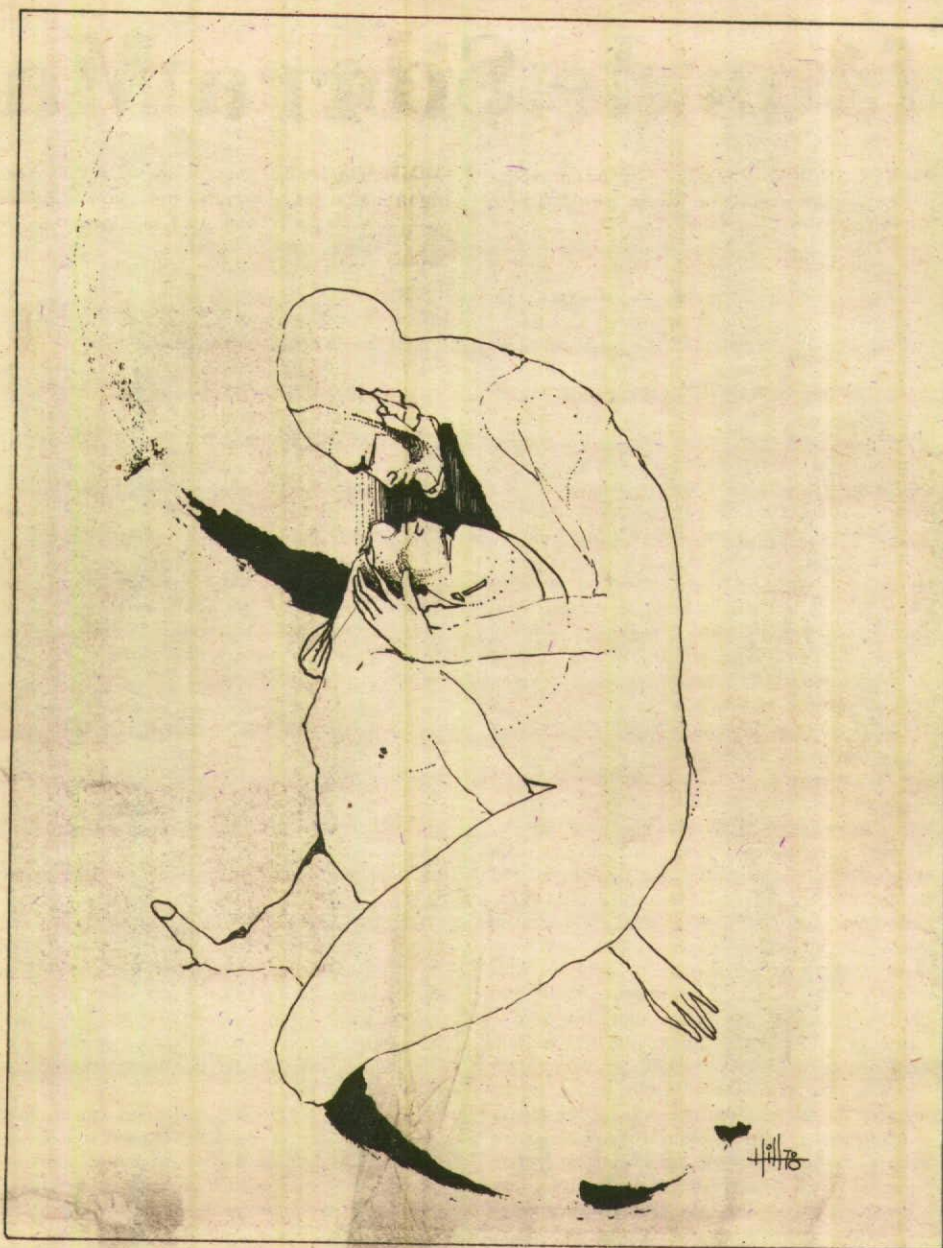
o dia e somente podiam vir à noite. De fato, aquilo deixou de ser um centro de cultura para se converter num centro de informação para estudantes de primeiro e segundo graus. Quer dizer que a cultura já se tornava algo marginal. Tudo isso coincide com o primeiro caso Padilla, em 1968. Dois anos depois, viria o discurso onde Fidel atacou abertamente os escritores, ao tirar-lhes os direitos de autor. Isso já foi um ataque direto, coisa que nunca tinha acontecido na União Soviética e acontecia em Cuba. Eu, por exemplo, depois que publiquei **Celestino** nunca mais pude reclamar nada, pois já não existia o direito de autor. Justamente por isso, e porque a UNEAC precisava de escritores para continuar publicando suas revistas é que nos contrataram a mim e a um grupo de outros. Comecei fazendo um artigo sobre Lezama Lima, depois publiquei oito sobre Marti. Essas foram as únicas coisas que fiz, porque depois de 1970 todos os que tínhamos sido contratados não pudemos publicar mais nada .

EMS - **Aliás, em 1969 você já tinha publicado seu segundo romance (El mundo alucinante) no México, não é?**

- Exatamente. Em 1966, **El mundo alucinante** ganhou uma menção honrosa em outro concurso da UNEAC, que foi declarado sem ganhadores. Segundo as regras da UNEAC, o prêmio incluía publicação mas a menção tornava a publicação apenas optativa. Mesmo assim, o conselho de redação da UNEAC aprovou à publicação do livro. Mas passaram-se três anos e nada de ser publicado. Finalmente, em 1969, fui informado de que o romance não seria publicado pelo fato de conter passagens eróticas. Alegaram, como pretexto, que tinham acabado de publicar **Paradiso** (de Lezama Lima), livro que foi muito combatido em Cuba e acusado e de imoral e homossexual (o famoso **capítulo 8**, etc.), apesar de ser salvo pela crítica internacional. Inclusive me recomendaram apresentar outro livro para que publicassem outra coisa minha. Concordei então e apresentei uma novela chamada **La vieja rosa**. Isso foi por volta de 1970. Ou seja, eu já tinha então publicados um livro em Cuba e outro no México.

EMS — **Segundo a política oficial, você teria direito de publicar livro fora do país?**

RA — Sim. Acontece que 1970 foi um ano decisivo para a radicalização da política cultural cubana. Imediatamente depois do fracasso da safra dos 10 milhões, todos nós acabamos indo para diferentes centros açucareiros — tanto Padilha, Reynaldo Gonzáles quanto eu (da experiência de Gonzáles saiu seu recente livro **La fiesta de los tiburones**). Para mim, realmente, não foi um sacrifício ter que ir para o campo. Vivi muito tranqüilo em Pinar del Rio, onde pude encontrar um pouco de paz. Bom, nessa tentativa havia um pouco da coisa da revolução cultural chinesa, quando o escritor era mandado para o campo a fim de escrever a respeito. Eu pessoalmente adorei o campo, mas nunca escrevi nada. Simplesmente não podia sentir nada a respeito de um canavial. Ou seja, eu preferia cortar cana do que escrever um romance sobre como cortar cana. **La vieja rosa** tinha sido censurado, **El mundo alucinante** não seria publicado e éramos pagos para não escrever nada.

— Por outro lado, a repressão aumentava a cada dia. Começaram outra vez a apanhar pessoas na rua e levá-las para campos de concentração. Na prática, a gente podia ir preso por qualquer motivo. Além disso, pelo fato de receber um salário para não fazer nada, eu corria o risco de perder o emprego e sei lá onde iria parar. Quase todos os escritores estiveram nessa situação, nesse inferno. Alguns até fomos presos, todos numa situação muito incerta onde éramos atacados por qualquer motivo, por diferenças morais, questões ideológicas, abertamente nas revistas e até no órgão das Forças Armadas (revista **Verde Olivo**). Naquela época, criam-se uma série de delitos na nova constituição, sob a denominação ambígua de "desvio ideológico". Tudo aquilo que nós já tínhamos feito era um

"delito", segundo os novos decretos. Escrever um romance que não se ajustasse ao marxismo, por exemplo, era "desvio ideológico". Muita gente foi presa simplesmente por causa disso. Quer dizer, a partir de 1970 passei a viver uma situação de verdadeira **perseguição** política. Inclusive, sei através de amigos meus que a polícia ia perguntar-lhes sobre mim, dizendo que eu tinha enviado coisas para o exterior.

— A partir de 1970 eu já me sentia extremamente marginalizado. Não me publicavam nada, praticamente não me davam nenhum trabalho, nem a mim nem a ninguém desse famoso grupo, apesar de todos recebermos salários. Continuei sendo pago até 1974. Comecei e cheguei a terminar o terceiro romance de uma tetralogia. Tudo isso é parte de uma história muito sinistra. O livro tinha umas 500 páginas. Mas um indivíduo, supostamente muito amigo meu, se encarregou de fazer a revisão do romance. Dei-lhe então os originais e todas as minhas cópias. Um belo dia ele me disse que tinha perdido o romance e todos os meus papéis. Confiando em sua responsabilidade, eu não tinha guardado nenhum exemplar. Vivi uma situação praticamente de loucura: não podia fazer nada, nem sequer ir à polícia, porque quando fui preso pouco depois, acontece que encontrei o romance nas mãos da própria polícia. Essa pessoa, supostamente tão amiga, tinha entregue o romance a eles. E foi exatamente por isso que eu vivi sob ameaça policial, a partir de então.

— Fui preso em 1974. As circunstâncias da minha detenção foram as seguintes: eu e um amigo estávamos tomando banho na praia de Guanabo, quando roubaram nossas roupas e uma série de papéis que tínhamos deixado na beira da praia. Fomos fazer denúncia na delegacia. E acontece que as pessoas que tinham roubado nossos objetos pessoais já se encontravam no distrito. Quando vimos essa gente com o que era nosso, avisamos à polícia, que no entanto começou a nos acusar de imorais e de estar fazendo manifestações públicas. Fomos acusados e denunciados por escândalo público. Nunca pensei que essa acusação tivesse a menor importância, especialmente porque eles deixaram a gente ir embora pra casa, logo depois. Mas no dia seguinte, quando cheguei à UNEAC, senti um clima estranho. Belkis Cuza, uma colega de trabalho, me disse: "Rapaz, o que é que houve? Estão dizendo que você pegou 30 anos, que surpreenderam você no meio de uma orgia na praia, lendo uns manuscritos contra-revolucionários, e que o administrador da UNEAC precisou ir à polícia acompanhado de dois outros funcionários..."

EMS — **Que papéis contra-revolucionários eram esses?**

RA — Simplesmente alguns poemas que eu tinha escrito e costumava ir ler na praia ou no Parque Lênin, dois lugares onde tinha mais tranqüilidade e sossego. Mesmo assim, não dei a menor importância àquilo tudo, mas fui procurar um advogado e o nomeei para me orientar no caso de acontecer alguma coisa. Tudo isso aconteceu em junho de 1974. Dois meses depois, ele me telefonou para dizer que estava muito preocupado com o meu caso, e marcou encontro em seu escritório. Quando cheguei, ele me mostrou a acusação que o governo fazia contra mim. Era uma coisa tétrica e monstruosa, citando entre outras coisas aquele romance que tinha sido "perdido", os poemas, um relatório do administrador da UNEAC me acusando de imoral e de ter mandado três livros para o exterior, e dizendo enfim que eu era um contra-revolucionário. Também havia mais duas declarações, que respaldava as acusações do administrador. Me pediam oito anos de cadeia. Alguns dias antes de me levarem preso, ainda sem ter havido julgamento, deram uma batida em minha casa.

EMS — **Por que a batida e a prisão sem julgamento?**

RA — Depois de falar com o advogado e tomar conhecimento da acusação, eu sabia que minha situação estava complicada. Então comecei a maquinar um modo de deixar o país legalmente, já que me esperavam oito anos de cadeia. Aquele mesmo amigo que tinha estado comigo na praia (e que misteriosamente não fora acusado de nenhum crime pela polícia) era o único a saber que eu estava tentando ir embora, porque queriam me botar na cadeia, e eu já sabia que tudo tinha sido planejado pela polícia, as fotocópias, as declarações, etc. Depois que revelei minhas intenções a esse "amigo", no dia seguinte a polícia bateu à porta de minha casa, às seis da manhã. Carregaram tudo e me levaram pra cadeia. Por lei, a penalidade máxima era um ano de prisão se tivesse antecedentes penais — coisa que obviamente eu não tinha. E foi isso o que acabei cumprindo, mais alguns meses.

EMS - **Você foi acusado especificamente de que delito?**

RA - Primeiro, de desacato ou alteração da ordem pública. Depois, ficou tudo como escândalo público, uma acusação muito ambígua, pois podia significar qualquer coisa. Peguei um ano de cadeia, embora a sentença só fosse emitida seis meses depois. Durante todo esse tempo, me ameaçaram com dez e vinte anos de prisão. Estive preso e incomunicável em El Morro. Houve dias em que inclusive eu perdia o conhecimento, pois nunca tinha estado preso. Mas tentei sobreviver ali. Até que, passados seis meses me levaram aos tribunais. A sentença só foi pronunciada dois meses depois, ou seja, oito meses após minha prisão. Realmente tudo aquilo foi um pedaço muito difícil para mim. A gente tem que se submeter às ordens deles. Quer dizer, tinha que confessar aquilo que eles quisessem. É claro que nada disso impediu que me condenassem a um ano de prisão e que depois eu ficasse em liberdade condicional até praticamente chegar aqui. "**Eles**" nunca me devolveram o meu livro que tinham confiscado. Porque de fato eu era como um refém e fiquei nas mãos deles até minha partida. Vou te dizer a verdade: depois que saí da prisão, em 1976 (saí em janeiro de 1976, depois de um ano inteiro na cadeia, e nem sequer sabia que já tinham publicado a tradução francesa de **El palacio de las blanquísimas mofetas**), eu não tinha nem onde viver em Cuba. Já tinham tomado o lugar onde eu morava. Além disso, eu tinha perdido todos os meus livros. Ir à UNEAC era impossível, pois eles é que tinham me botado na cadeia.

Quer dizer, estive nessa situação desde meados de 1975 até 1980. O primeiro ano passei meio perambulando. Algumas pessoas me hospedavam, já que eu não tinha onde morar. A única opção era voltar para Holguín, para casa de minha mãe. Mas regressar depois de tanto tempo me parecia um tanto sinistro. E além disso, lá não havia nem lugar pra ficar. Estive assim perambulando durante um ano, até que um amigo que tinha um quarto grande num hotel da Havana Velha me recebeu. Ali estive a partir de 1977, tentando melhorar o lugar que era inabitável. Foi um trabalho quase heróico fazer um banheiro no quarto e também uma cama. Morei nesse lugar até chegar aqui.

EMS - **Você conseguiu escrever alguma coisa durante esses três anos?**

RA - Não, praticamente não voltei a escrever **mais. O que fiz foi me deixar morrer e manter as aparências. O que fiz foi dar a impressão de que** eu tinha desistido da literatura, que mais ou menos sobrevivia dando plantão no CDR (Comitê de Defesa da Revolução) e que já não tinha nenhuma divergência fundamental com o sistema. Que estava adaptado.

EMS — **Isso é irônico, Reinaldo. Ao mesmo tempo que você se convertia numa espécie de não-pessoa dentro de Cuba, a divulgação de suas obras no exterior tornavam você conhecido.**

RA — É, tudo isso é muito estranho. Por exemplo, que eu saiba, escritores como Cortázar nunca perguntaram por mim, nem qual era minha situação. Nem Garcia Marquez. Todos eles foram muito amigos de Lezama Lima quando ele usufruía da aprovação oficial e publicava suas obras. Mas logo depois que Lezama caiu em desgraça, esses senhores deixaram de mencioná-lo e nunca mais foram visitá-lo em casa.

EMS — **Por que você acha que Lezama caiu em desgraça?**

RA — Nós todos éramos pessoas não ajustadas à política cultural cubana, a partir do momento em que ela se estaliniza, em 1970. Desde essa época, passamos a integrar uma espécie de lista negra de gente impedida de ser publicada — pelos mais diversos motivos, mas no fundo porque não éramos escritores "oficiais", nem adictos ao regime, ou simplesmente porque não escrevíamos o que o regime queria.

— Eles nos comunicaram as normas a seguir: obedecer a uma política cultural totalmente submetida ao sistema, não criar uma literatura que pudesse colocar tendências contrárias ao sistema e que o apoiasse explicitamente. Toda obra que não fizesse isso entraria no terreno da censura. Depois de 1970, nenhum de nós conseguiu publicar mais, nem sequer autores de renome como Lezama ou Virgilio Piñera. A verdade é que estávamos todos debaixo do mesmo rótulo. A morte de Lezama (em 1976 foi como se eu tivesse morrido, como de fato morreu Virgilio Piñera (em 1979): numa situação horrível, de obscuridade e completo ostracismo...Eu vivi aquilo tudo com muita intensidade. (**tradução de Jorge Schwartz e J.S. Trevisan**).

—Yo soy cubana; da terra de Fidel

Nas noites mornas da boate Casanova, desde que houvesse um auditório atento, Ly Ribanchera costumava contar como fugira de Cuba, anos após a revolução, "dentro de uma barrica, remando com as mãos até Cayo Hueso", na Flórida. As outras bichas do cabaré, despeitadas com o **status** que a história daquela fuga lhe dava, contra-atacavam: "Ly não é nem cubana; ela não passa de uma bicha peruana". E Ly, aceitando a provocação, recorria a Luiz Garcia, seu **arquivista** oficial, que exibia as fotos colecionadas por ela ao longo de sua vida: nos cabarés cubanos de antes de Sierra Maestra, com suas mesas lotadas de americanos, onde ela se apresentava ainda vestida de homem, mas já espantosamente bichada. Personagem pronto e acabado a merecer um livro (aparece apenas de passagem no meu "Primeira Carta aos Andróginos"), Ly morreu, em meados da década de 70, à mesma época que duas outras figuras eternas da Lapa: Dona Maria, a hierática proprietária da boate Casanova, e Madame Satã. Mas quem viu uma única vez o seu grande número não esquece jamais: Ly vestida de cacatua, a imitar Yma Sumac. Tão profissional que, para reproduzir melhor os sons exóticos emitidos pela **cantante** peruana, não hesitava em se apresentar sem a dentadura. E sempre declarando, como se isto fosse o seu cartão de visitas, quando entrava no palco: "Yo soy cubana, da terra de Fidel". **(AS)**

A Égua

Um conto de Norberto Fuentes

Norberto Fuentes recebeu o Primeiro Prêmio em Contos, no concurso da Casa de Las Américas, em 1968, com o livro **"Condenados de Condado"**, que logo depois lhe trouxe sérios dissabores com o governo. Os relatos se passam durante a rebelião deflagrada por grupos de guerrilheiros contra-revolucionários que, de 1960 a 1966, atuaram na Serra de Escambray. Desse livro faz parte o conto **A ÉGUA**, cujos personagens são soldados castristas em luta contra os rebeldes. **A tradução é de Glauco Mattoso.**

Era noite de chuva, e nessas noites as fêmeas ficam no cio, se alvoroçam e pedem macho com o olhar, e do corpo lhes sai o apetite como o orvalho da madrugada.

O comandante havia paralisado as operações desde a tarde, embora mantivesse o cerco, que era de vinte quilômetros, pois de qualquer modo Juan Gerónimo estava agarrado.

A casa do Venão era um bom lugar e nós, os mavimbes, decidimos não nos molharmos tanto. Dentro da casa havia um rádio RCA e um altar com muitas velas que nos dava luz. O chão era de terra. O Venao distribuiu café. O comandante quis um pouco de arroz que restava no fundo da caçarola e o Venao serviu-o num pratinho de doce. Depois veio a Willys da segurança e levou o Venao. A casa tinha boas vigas e teto de zinco.

Antes de dormirmos, o capitão Bayamo distribuiu uma dúzia de charutos e contou outra vez a do fuzilado que acreditava que iam furá-lo de mentirinha com essas balas que se usam nos filmes, e ficou muito surpreso quando sentiu os chumbos entrando.

O comandante quis esclarecer melhor as operações da manhã e disse ao topógrafo que mostrasse o mapa. O topógrafo abriu o mapa no chão e a cartolina soou gorda e bonita. Cercamos o mapa com as velinhas do altar. O topógrafo tinha lutado junto conosco, vira os ñampitis com a cabeça destampada e os pedaços de cérebro espirrados para fora como se fossem fatias de cebola. Assim, acreditávamos que era um durão igual a todos.

Mas quando se sentou no tamborete e o comandante falava, cruzou as pernas bem juntinhas. Eu reparei no seu nariz. Ele abria muito as narinas e eu pensei: Que é que há com esse topógrafo, que não tem sossego?

Dormirmos todos na casa, e de fato estava apertada. No meio da noite o capitão mandou que lhe trouxessem as velinhas para perto porque alguém havia agarrado sua braguilha.

O comandante emburrou, deu dez socos na parede e outros dez pisões no chão, e disse que parecia incrível pensarem isso do topógrafo, que tinha sido um esbarrão, um atropelo do sonho, que éramos muitos num lugar tão pequeno e que todos ali eram machos comprovados.

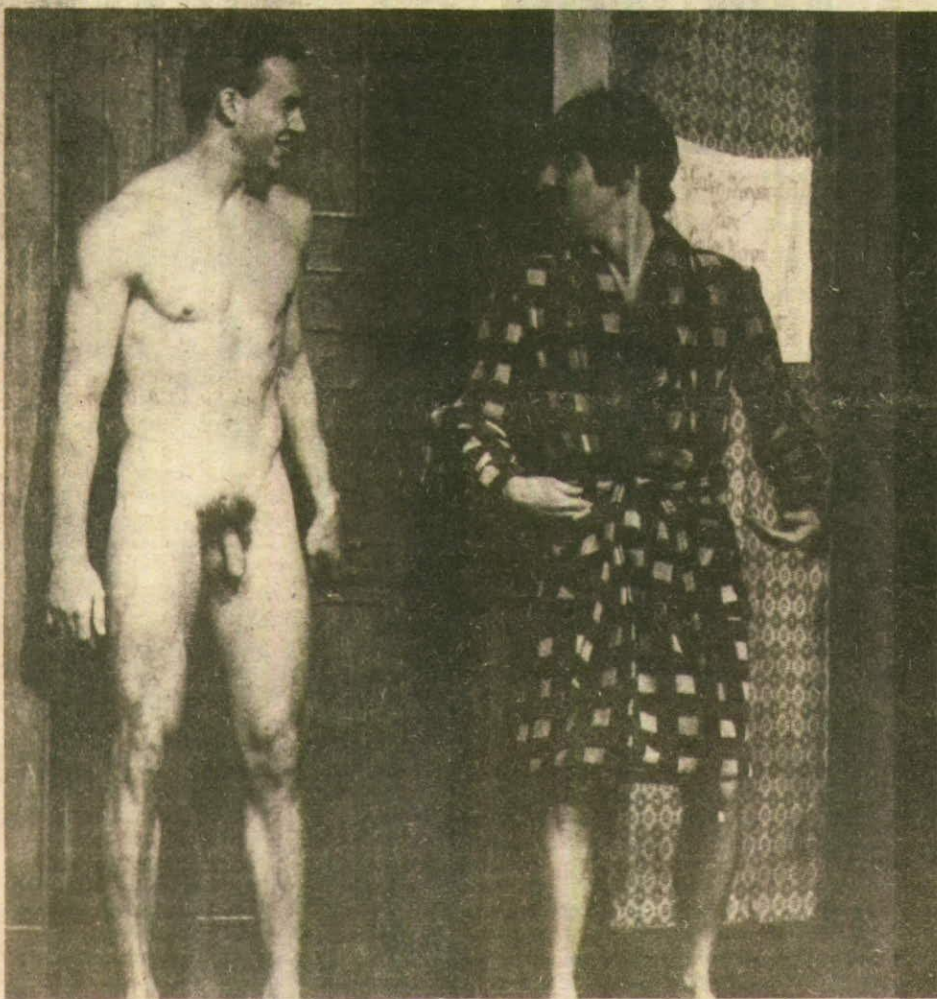
Acontece que a noite era de chuva e a fêmea estava no cio. No meio da noite deu outro esbarrão daqueles e o capitão arrancou os galões do pescoço e gritou: Por causa destas três listras eu tenho Buick grande, pistola de vinte tiros, casa no Nuevo Vedado e mulher ruiva que nunca fede a potreiro! — e assim desfiou uma grande lista de coisas que eu não sabia que se podia ter por causa de três divisas, e ao final da lista agarrou o topógrafo pelo pescoço e bufou quando disse: Esta égua encarnou em mim, gosta de mim, que desgraça a minha, veja só, comandante, que me veio pegar nela outra vez!

O comandante ficou vermelho porque era a segunda vez que o despertavam e porque ele não queria éguas ali. A manhã veio boa, como se a chuva não tivesse caído, embora continuasse úmido e os cigarros estivessem moles. O mais chato foi dali a três dias, quando chegaram a mãe e a noiva, que vinham de preto, e eu não sabia o que dizer a elas para explicar por que o rapaz havia metido o cano da metralhadora na orelha, gastando toda a carga de balas.

"Bent": curvado, frouxo, passivo; bicha morta

Bent corresponde a "passivo" em inglês, embora seu uso não seja muito corrente. Em cartaz em Londres e Nova Iorque, essa peça do autor americano Martin Sherman estreou em São Paulo e está fazendo enorme sucesso. Ela documenta a perseguição aos homossexuais na Alemanha nazista a partir de 1934, e o seu confinamento nos campos de concentração onde, devido a sua sexualidade, eram eles tratados com crueldade ainda maior que os judeus e os prisioneiros políticos. No campo de Dachau dois deles se amam: Max (Kito Junqueira) e Horst(Ricardo Petraglia); um amor quase impossível, uma vez que era proibido se tocarem ou até mesmo se olharem discretamente.

Reivindicando os sofrimentos e mortes ocorridos nos campos nazistas, os os judeus obtiveram o direito a uma pátria. Em contraposição, até bem recentemente o mundo se constrangeu de falar nos homossexuais que foram igualmente vítimas do nazismo. Sem ser demagógica ou paternalista, Bent mostra com honestidade um fato dramático acontecido. Mais do que uma peça teatral, é um libelo e um giro de alerta.

Bent está em cartaz no Teatro Anchieta, em São Paulo. A tradução é de Madeleine Nicol e Luiz Tofanelli. A direção é de Roberto Vignati. Elenco: Kito Junqueira, Ricardo Petraglia, Carlos Silveira, Carlos Capeletti, Josmar Martins, Sérgio Miletto, Chico Martins e Paulo César Grande. Aqui, além das fotos da peça, publicamos um trecho do texto de Martin Sherman, e comentário de Darcy Penteado

Qualquer tema polêmico cria a desconfiança de um tratamento a priori consumista; e em arte a discussão será sem fim, desde que os estereótipos não estejam por demais óbvios. Porque nem todo sucesso significa o uso consumista de um tema. O fato de **Bent** ter sido escrita por um homossexual não é o que o livraria dessa culpa, é claro. Mas acontece que Martins Sherman conhece muito bem teatro para não pecar em paternalismos ou em excessiva demagogia, passando-nos um texto preciso, absolutamente decorrente dos fatos que vão acontecendo. A emoção então advém da própria ação, culminando num final que poderia parecer demagógico, se não fosse a solução teatral mais exata.

Não cabe a mim comentar detalhes, uma vez que, democraticamente, decidiu-se fazer em dupla a crítica da peça: eu falando da produção propriamente dita, e o Zezé, meu colega lampiônico, cuidando das interpretações e etceteras

Aqui vai a minha parte: boa tradução, usando os correspondentes certos do vocabulário entendido brasileiro. Vignati, por sua vez, demonstrando ser um diretor criativo e seguro, principalmente na parte dos atores (aguardem entrevista no próximo Lampião). Irênio Maia obtendo resultados excelentes de movimentação dos cenários e de aproveitamento do espaço cênico. A transcrição da cena 4 para a 5, por exemplo, em que um amontoado de casebres transforma-se num trem em movimento, é surpreendente (uma única restrição as plantas de plástico da cena 1, identificáveis das primeiras filas).

Fica evidente, nos menores detalhes, o cuidado e, mais que isto, o carinho em fazer de **Bent** uma produção de alto nível. Para os homossexuais e para espectadores em geral, mais do que obrigação existe uma absoluta necessidade de assistir **Bent** um espetáculo emocionante e humano.

(P.S.1) Uma estréia mencionável é a de Paulo César Grande, um garotão louro, belíssimo de cara e corpo, que além de estudante de engenharia ainda prática judô, natação e vôlei (Troféu 1980 de melhor atleta universitário), e que para júbilo dos nossos fatigados e poluídos olhos, surge em cena, à plena luz, totalmente despido (vide foto), isto é, em nu frontal, lateral, **traseiral**, etc... Nem precisaria abrir a boca mas, além das qualidades visuais, ele diz bem as falas e move-se com naturalidade em cena, o que deve ser difícil para um estreante que não tem bolsos onde enfiar as mãos.

(P.S.2) Idêntico destaque para a bunda rechonchuda e peludinha do Carlos Capeletti (que faz o travesti Gretta). Consta que, por causa dela (a bunda), aconteceram na platéia, na noite de estréia, várias ereções simultâneas (Darcy Penteado).

Fotos: Thereza Pinheiro

MAX — Cale a boca, só isso. (Para Greta). E daí, Greta, continua.

GRETA — Daí que Hitler mandou prender Rohm ontem à noite.

MAX — Não acredito. Você ficou louco. Rohm é o braço direito de Hitler.

GRETA — Era. Está acabado. Quase todas as pessoas importantes do alto comando da S.A. estão mortas. A sua linda performance em cima daquela mesa não foi o grande acontecimento da noite, meu caro Max. A noite foi sangrenta. A cidade toda está em pânico. Você não reparou nos soldados pelas ruas? Os SS? Como foi que conseguiram chegar até aqui de roupão? Tiveram sorte pra caralho. Bom, isso é tudo. Corre o boato que Rohm e toda a sua tropa, Von Holldorf, Ernst e seu amiguinho Wolfgang Granz estavam planejando um golpe. Eu não acredito nisso. Mas tanto faz. Que se mantem, que se devorem. Pouco me importa. Fico puto porque o clube vai ter que fechar. Enquanto Rohm estava no poder, um clube de homossexuais não precisava temer nada. Os viados eram tolerados. Agora não sei mais nada. Em todo caso, você agora já sabe quem levou pra cama — Wolfgang Granz. Espero que pelo menos tenha sido uma boa foda! Ele não passava de um falso. Também, que diferença faz? A verdade é que você escolheu o cara errado. Só isso.

RUDY — Mas nós podemos explicar tudo. A gente nem conhecia ele. Não éramos amigos dele, Max.

GRETA — É claro. Expliquem. Imbecis. Aos SS não se explica nada. Não agora. Não sabem que vocês, viados, não desfrutam de grande popularidade atualmente? Só Rohm dava alguma segurança pra vocês. Por causa dele, vocês continuavam livres. Mas agora são iguais aos judeus. Tão odiados quanto os judeus, meus queridos cabecinhas de merda.

RUDY — E você?

GRETA — Eu? Ora! Todo mundo sabe que eu não sou homossexual. Eu me casei. Tenho mulher e filhos. É claro que isso não significa muito hoje em dia, mas acontece que não sou considerado viado. Eles pensam assim. (Greta, alisando o vestido). Quanto a isso... Faço o que dá mais dinheiro.

MAX — (levantando-se). Dinheiro.

GRETA — É o que conta.

MAX — Quanto?

GRETA — O quê?

MAX — Quanto eles te pagaram? (Greta ri)

GRETA — Ah! (tira um maço de notas) Isto.

MAX — E bastou isto pra você contar pra eles onde estava Wolfgang Granz?

GRETA — E, porra! Eu mesma mostrei o prédio pra eles.

RUDY — Não acredito!

GRETA — E por que não? Não se pode enganar os SS. Seu amigo aqui teria feito a mesma coisa. Ele também gosta de dinheiro. Só que não conhece tão bem certos truques pra consegui-lo como eu. Olha. (estende o dinheiro) Tome. Pegue!

RUDY — Não.

GRETA — Vocês vão precisar.

RUDY — Não queremos.

MAX — Cale a boca, Rudy.

RUDY — Pare de implicar comigo.

MAX — Cale a boca. (para Greta) Esse dinheiro não dá.

GRETA — Foi tudo o que eles me deram.

MAX — Precisamos de mais.

GRETA — Arranjem mais.

MAX — Se eles nos pegarem, o negócio vai ficar preto pro seu lado.

GRETA — É uma ameaça?

MAX — Precisamos de mais.

GRETA — Está bem. Vou fazer esse favor pra vocês. (dá mais dinheiro) Aqui tem mais algum. Afinal, já ganhei muito dinheiro com gente de sua laia. Não me custa dar um pouco de volta. Tome!

RUDY — Não aceite, Max!

MAX — (pegando) Eu agradeço o favor!

GRETA — Agora vão embora.

MAX — (pra Rudy) Vamos.

RUDY — Pra onde? Eu não quero sair de Berlim.

MAX — Não temos outra saída. Eles estão à nossa procura.

RUDY — Mas é aqui que eu moro, Max.

MAX — Vamos, Rudy.

RUDY — Eu já paguei duas semanas de aulas de balé. Duas semanas adiantadas, Max. Eu não posso ir embora assim. Abandonar as minhas plantas.

MAX — Por Deus, vamos, Rudy!

RUDY — Se você não tivesse ficado tão bêbado...

MAX — Nada disso teria acontecido, eu sei...

RUDY — Por que você teve que levá-lo pro apartamento?

MAX — Eu não sei. Não me lembro.

RUDY — Foi você que estragou tudo

MAX — Está certo. Eu sempre estrago tudo. E por isso agora você vai bancar o louco? Está bem. Volte pra suas aulas de dança. Eles vão acabar te matando bem no meio de um arabesque. (dando-lhe dinheiro) Tome, a metade é sua.

RUDY — Eu não quero nada

MAX — Então foda-se (vai sair)

Glauco Mattoso: um marginal à margem

Fotos: Yoshito Yhi

"Merdre", Ubu Roi

"On se dit merde de tous les coins de 1 'univers", Blaise Cendrars

O **Jornal Dobrabil (JD)** do Glauco Mattoso (ou GLAUCO Maluco, ou Glauco Espermattoso, ou Pedro o Podre, ou Pedlo o Glande, ou Matozo Guirauko e outro sem fim de pseudônimos), não tem nada de "amassábil rasgábil cortábil sujábil" e outros "ábils" por ele proclamados no cabeçalho do jornal. Muito pelo contrário, todo mês recebo pelo correio um adorábil exemplar. O envelope vem lacrado com uma etiqueta vermelha e incitante: "passe a mão": verdadeira Caixa de Pandora (ou Cu de Pandora, como diria Pedro o Podre), onde invenção e tecnologia encontram um lugar comum.

Qual o espaço ocupado por Glauco Matheux na história de nossa literatura marginal? Acreditem ou não, ele se configura como produto-síntese de quase três décadas de poesia experimental. Descendente direto do grupo concretista da década de 50, o **JD** abunda em poemas concretos como "Tolice no país das maravilhas", "depor o poder", "o ismo a esmo" e outros. Também os nomes de Augusto de Campos e Décio Pignatari, entre outros, são uma constante. Após o "poema-processo" dos anos 60 e 70, começam a surgir produções isoladas, já mais caracterizadas como imprensa alternativa. No Rio, as enriquecedoras experiências de **Navilouca, Anima**, grupo **Nuvem Cigana**, etc. Em São Paulo **Muda, Código, Artéria, Qorpo Estranho.** Nenhuma destas publicações ultrapassou o segundo ou terceiro números. Seu caráter efêmero é típico da produção literária considerada marginal. Dentro deste contexto, e pela sua longevidade, o **Jornal Dobrabil** é um marginal à margem. Iniciado em 77 no Rio, desloca-se para São Paulo a partir de 78, e chega hoje aos quase 50 números — todos eles numerados "número hum, ano xiii". Uma proeza no gênero. Sobre o seu quase indescritível formato, escreve o próprio Glauco: "Cada número resume-se a duas folhas de 33x44cm, dactylographadas numa Olivetti 88 typo paica, reduzidas ao tamanho officio e reproduzidas frente-e-verso, numa copiadora Xerox ou similar."

Influências. Ao meu ver, Glauco é um **enfant terrible** de **Oswald** de Andrade. Do fechadíssimo clube da Antropofagia, ele revela-se um dos membros mais devoradores da tribo. O **JD** encontra-se hoje a mais de meio-século do Ano 374 da Deglutição do Bispo Sardinha, quando foi lançada a **Revista de Antropofagia.** O "Manifesto Coprofágico" (que como suas próprias fezes) e o "Manifesto escatológico" (sobre excrementos), são dois textos chaves do **JD** que mostram a exaltação da merda como síntese residual do grande gesto de devoração. DEGLUTIR é a palavra de ordem. "Encaixo tudo, somo, incorporo" afirma Oswald, e é esta atitude de **bricoleur** que o Glauco adota. Fruto do já decantado "maior parque industrial da América Latina", o **JD** vira a mesa da tecnologia. Estamos perante um projeto anarco-poético por excelência, onde o sistema é criticado através das armas tecnológicas oferecidas pelo próprio sistema: uma Olivetti & Xerox. Feito samurai letrado, Guirauco dá estocadas rápidas e fatais contra o establishment.

Vejamos a organização: definitivamente, há método na loucura do **JD.** Na frente, a sigla **jornal do Dobrabil** parodia a grande imprensa: o **JB** do Rio. Nele, o esperado "curreio", que o próprio **Lampião** já qualificou de "verdadeira Bixórdia de cabo a rabo". Ali entrecruzam-se cartas — ou Epístolas, como as chamaria Glauco —, impossíveis de citar pela quantidade. Num conhecido poema de Apollinaire, o poeta francês divide em duas colunas denominadas "Rosa" e "Merda" os nomes que passam ou não pelo seu crivo. As preferências antropofágicas do Glauco conseguem diluir a rosa na merda: um verdadeiro **who's who** da cultura contemporânea, onde se misturam Alfonso Reyes com Rita Pavone, Walt Disney com Che Guevara, James Joyce com Carlos Gardel, Erasmo Dias com Chomsky. Somente as dicas do próprio Glauco para saber que as colaborações do Millôr Fernandes, Augusto de Campos, Jorge Amado, e outros pertencem aos próprios autores. Também nesse espaço surgem pequenas obras primas de síntese narrativa, são os "Contos Fulminantes" (nenhuma coincidência com os **Contos Fluminenses** de Machado de Assis), impossíveis de transcrever por falta de espaço. Também a incorporação dos **graffitti,** recolhidos em banheiros do N. ao S. do país, vêm a representar a memória da nossa "w c culture": Exemplo: "O futuro do Brasil está saindo de dentro de você" (quartinho nº 1 do sanitário masculino da rodoviária de Salvador).

O malabarismo tipográfico dá ao jornal um caráter inusitado: verdadeiros arabescos da era tecnológica, com um **design** de fazer inveja a qualquer projetista gráfico. Olhado de perto, um labirinto de letras; de longe, aquilo que Oswald recomendava no seu Manifesto da Poesia Pau Brasil": "pelo equilíbrio geômetra e pelo acabamento técnico".

No verso da página encontramos o **Jornal Dadarte,** palavra **portemanteau** que reúne o **Jornal da Tarde** ao movimento Dadá. Este último reaparece nos diversos textos assinados por Tristan Tzara (líder do movimento dadaísta), e em especial a reprodução, no segundo número um, da famosa "Receita de Poema". De fundo dadaísta é a negação a tudo e ao nada, o caráter polêmico-niilista, a sátira, a paródia, o plágio, a autoirrisão, o sarcasmo. Nele aparecem os manifestos já mencionados, inúmeros experimentos de poetas de vanguarda (adorei o Braulio Tavares!), os próprios poemas do Glauco, epigramas, haikais, etc. O que distingue o **Jornal Dadarte** é o fato dele ser um texto **dadalógico,** onde se cruzam o experimentalismo aos meios tecnológicos.

Ainda no verso da página há espaço para a coluna "Zero a la izquierda", assinada por Marx Zwei (Karl Marx & Mark Twain?), onde se concentra a maior parte das manifestações "políticas". Exemplo de investida crítico-humorística, é o poeminha "infiltrações":

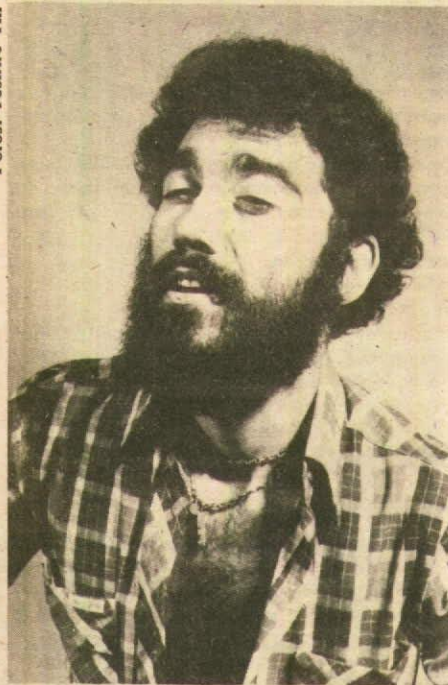
CONVERGÊN

CIA

SO LISTA

A desmontagem crítica do sistema surge pela ruptura provocada no seio (ou no pinto) da própria linguagem. É o caso do poema construído a partir da palavra PODER, cuja diagramação especializada permite a leitura "pode por" e "poder de depor". Sem nos esquecermos do contexto cultural de 77, anterior à "abertura", vemos na subversão da linguagem a capacidade crítica dada pelo embricamento do ideológico com o sexual.

Ainda na parte de trás do jornal (onde mais poderia estar?), encontramos a seção "GALERIA ALEGRIA: orgam de grande penetração no meio, membro de muitos movimentos e ativista de várias posições, um trabalho picante e comiconzinho de glauco espermattoso & pedlo o glande / supplemento inseparabil do jornal dobrabil". O título, de evidente influência tropicalista (alegria, alegria), alude e também homenageia à já tradicional Galeria Alaska do Rio.

O lambda repetido já é símbolo consagrado do gay power internacional. Fraes como "Abaixo a luta maior! Pinto menor também sobe!", Glauco entrevistando Pedro o Podre, a Gazela Esportiva e outros, fazem de "Galeria Alegria" um dos cantos mais fascinantes do jornal. Sempre a par dos acontecimentos da nossa seita, Glauco diagrama um belo poema: partindo da palavra CROMOSSOMOS, chega finalmente ao SOMOS. De olho nos eventos, não escapa um espaço que registra e ridiculariza certos fatos e personagens: "Entrei no setenta e sete/procurando um namorado/achei só o doutor Richetti/namorando um procurado". Colabora neste setor Massashi Sugawara, **alter ego** nipônico do Glauco. Não é à toa que surge nos últimos números mais uma coluna: GAYJIN, ilustrada com incrementados e enigmáticos ideogramas. O "Gay Male" é a versão às avessas do "Curreio". Uma espécie de "Troca-troca" inventivo, invertido e divertido.

Queremos ainda ressaltar dois traços que marcam o estilo do **JD:** são eles o **plágio** e a **paródia.** Baseado no plágio como forma de recriação poética, Glauco recupera (via Millôr), a famosa sentença de T.S. Eliot: "O poeta imaturo imita. O poeta maduro plagia." E para aqueles que o acusam de plagiar Millôr, nada "milhor" do que plagiar o Glauco: "Estão me comparando ao Millôr Fernandes. Isso não é injusto, porém encerra um equívoco. Claro que o Millor é um autêntico gênio do plágio inteligente, e eu seu discípulo, mas ele se considera um humorista, e eu apenas um artista. A diferença está em nós, não no que fazemos. Pois, para todos os efeitos, o humor só pode ser trazido a sério, e a arte é ridícula." Vemos como o próprio Glauco procura estabelecer os limites do processo plagiatório, onde as diferenças entre um e outro ficam marcadas pelo humorismo vs. experimentalismo. Isto lhe dá coragem para afirmar mais adiante: "Há títulos tão bons que não deveriam ter livro. E há plágios tão bem feito que o original não deveria existir. Mas já que têm e existem, o jeito é plagiar os títulos e intitular os plágios."

Para aqueles leitores que acham excesso de merda ou de referências anais no **JD,** é meu dever alertá-los que não há motivos para pânco, muito pelo contrário. Por um lado, o erotismo anal como forma de contestação aos valores de uma moral sexual repressiva, atinge no **JD** o próprio delírio. O último gesto antropofágico (ou coprofágico) realiza-se na síntese do ato da defecação. (Perdão, custa-me escrever cagar). Nada melhor então do que erotizar este gesto, e torná-lo um ato de poder: a **libido dominandi.** É isso aí Glauco. Se já Freud achava que a merda equivale ao ouro, nada mais valioso no seu gesto subversivo do que a apologia anal, que rima e coincide com o vil metal. **(Jorge Schwartz)**

Escolha Seu Grupo

LAMPIÃO — Rua Joaquim Silva, 11, s/707, Lapa, Rio de Janeiro. C. Postal 41.031. CEP: 20.400.

GRUPO TERCEIRO MUNDO — C. Postal 10.350: Porto Alegre, RS. CEP 90.000.

BANDO DE CÁ — Rua Gavião Peixoto, 100, sobrado, Icaraí, Niterói, Rio de Janeiro. CEP: 24.000.

SOMOS/RJ — C. Postal 3.356, Rio de Janeiro, RJ. CEP: 20.100

AUÊ/RJ — C.Postal 25.029, Rio de Janeiro, RJ. CEP: 20.000, (em férias).

LIBERTOS/Guarulhos — C. Postal 1032, Guarulhos, SP. CEP: 07.000.

SOMOS/Sorocaba — C.Postal 294, Sorocaba, SO. CEP: 18.100.

GOLS/ABC — Grupo Opção à Liberdade Sexual. C.Postal 426, Santo André, SO. CEP: 09.000.

LÉSBICA-FEMINISTA/SP — C.Postal 293, São Paulo, SP. CEP: 01.000.

EROS/SP — C.Postal 5.140, São Paulo, SP. CEP: 01.000.

SOMOS/SP — C.Postal 8.906, São Paulo, SP. CEP: 01.000.

COLETIVO ALEGRIA, ALEGRIA — C.Postal 58.095, São Paulo, SP. CEP: 01.000.

TERRA MARIA: OPÇÃO LÉSBICA — Cartas a/c Coletivo Alegria, Alegria. C.Postal 58.095, São Paulo, SP. CEP: 01.000.

FRAÇÃO HOMOSSEXUAL DA CONVERGÊNCIA SOCIALISTA — Av. Afonso Bovero, 815, Vila Pompéia, São Paulo, SP. CEP: 05.019.

COLIGAY — Av. Paraná, 824, aptº 31, Navegantes, Porto Alegre, RS. CEP: 90.000.

TERCEIRO ATO/BH C.Postal 1.720, Belo Horizonte, MG. CEP: 30.000.

BEIJO LIVRE/DF — C.Postal 070.812, Brasília, DF. CEP: 70.000.

GRUPO GAY DA BAHIA — C.Postal 2.552, Salvador, BA. CEP: 40.000.

GATHO — Grupo de Atuação Homossexual/PE. Centro Luiz Freire, Rua 27 de Janeiro, Carmo, Olinda, PE. CEP: 53.000.

AUÊ/Recife — Rua Francisco Soares Ganha, Quadra 2, Bloco 5, aptº 301, 2º andar, Curado III, Jaboatão, PE. CEP: 54.000.

NÓS TAMBÉM/PB — Rua Orris Soares, 51, Castelo Branco, João Pessoa, PB. CEP: 58.000.

Jogaram bosta no II EGHO

Mesmo sabendo que a grande maioria dos homossexuais está à deriva dos grupos organizados, tenho algumas considerações a fazer sobre alguns fatos que ocorreram recentemente no Movimento Homossexual do Rio de Janeiro. Fatos estes lamentáveis.

Vamos a eles: após a reunião prévia para o 2º Encontro de Grupos Homossexuais Organizados, que se realizou no mês de dezembro aqui no Rio, a Comissão Pró-EGHO deixou de se reunir por quase um mês e voltou a se encontrar no dia 15 de janeiro, na casa de membros do grupo AUÊ. Notei nesta reunião uma total dispersão dos membros do grupo anfitrião que nem permaneceram na sala durante o encontro (Devo esclarecer primeiro que a Comissão Pró-EGHO era formada por cinco membros do Somos e cinco do Auê). Inclusive um dos membros do Auê disse que iria se retirar do local, pois não participava mais da tal Comissão.

DESISTÊNCIA

A partir de sua saída e de outras pessoas que estavam no local, a reunião continuou com apenas cinco membros do grupo Somos, que deliberaram o prosseguimento do trabalho de organização do 2º Encontro, **que se realizará em abril próximo,** aqui no Rio de Janeiro. Os membros se mobilizaram em conseguir local para as reuniões, estadia para os que viessem de outros estados e local para a impressão dos documentos do Encontro. Achei estranha a falta de participação dos membros do grupo Auê, mas guardei as dúvidas para mim mesmo. Neste mesmo dia, uma outra reunião foi marcada para o dia 29 de janeiro, na minha residência.

As coisas começaram a degringolar no meio da semana seguinte, quando recebi um telefonema de um amigo informando que o grupo Auê tinha desistido de organizar o Encontro, e que o Somos também havia tomado esta decisão. Disse-me ainda que seria marcada uma reunião extraordinária no dia 22 de janeiro, na casa de um membro do Somos, e que tal reunião seria secreta para que eu, membro da Comissão Pró-EGHO e atual colaborador do jornal Lampião, não soubesse da mesma e, conseqüentemente, não participasse.

BOICOTE

Ou seja, estava configurado assim um boicote ao jornal e a mim diretamente, que optei pelo trabalho no Lampião ao invés de permanecer nos grupos. Sabendo da tal reunião, me dirigi ao local no dia marcado e, antes de subir ao apartamento, pedi ao meu amigo para me informar se a reunião serviria para tratar de assuntos da Comissão Pró-EGHO, da qual participo. Ele voltou dizendo que seria uma reunião da Frente Única Somos/Auê, mas não foi. Ele mesmo me informou, no dia seguinte, que a tal reunião serviu para que os grupos tirassem uma carta aos grupos do Brasil, anunciando a desistência de organizarem o Encontro.

Espero que esta história não tenha cansado vocês, mas ela precisava ser contada para mostrar quão autoritárias e facistas são as bichas que lutam pelo poder dentro do MH. Mas um consolo nos resta: O Lampião assume a organização do 2º Encontro Brasileiro de Homossexuais, em abril, no Rio, e contamos com a colaboração dos membros dos grupos para conseguirmos realizar este trabalho nos dois meses que nos restam (Aristides Nunes).

Hambre de sexo en Argentina

Há três anos, quando começou a invasão de argentinos no Rio de Janeiro, venho tentando descobrir os efeitos do terrorismo anti-sexual e da repressão política na Argentina, desde o golpe militar. Tive oportunidade de **hablar** com vários deles que aportaram no Brasil e a impressão que deixaram é a de que o povo argentino se acostumou à situação e não vê perspectivas de mudanças.

Meu tesão pelos argentinos pintou no dia em que vi um pela primeira vez, mas confesso a grande dificuldade de satisfazê-lo. Extremamente machistas e muito moralistas, são ao contrário do que se poderia imaginar, um pouco receptivos. Andam pelas ruas da cidade aos bandos e falam alto, como se ninguém os notasse: são os c' ..mados "visigodos".

DIFICULDADES.

Apesar de maravilhosos, trepam mal, não tenham dúvidas. Minhas poucas experiências me deixaram decepcionado, diante do vigor físico que aparentam. Muitos dos que conversei, neste verão, relataram suas dificuldades em transar no Brasil, mesmo no relacionamento heterossexual: "Já tivemos chance de conhecer garotas e a brasileira nos parece ser mais sensual. O problema é que quase todas cobram para transar. Aqui a prostituição é muito comum, mas na Argentina ela não é legal. Se você tem **plata** não tem dificuldades com as garotas brasileiras. Ainda não conseguimos transar sem dinheiro, pois é muito raro aparecerem **ticas** que não cobram", lamentou para mim o jovem Leonel, de 21 anos e universitário em Buenos Aires. Mal sabia ele que eu não cobraria nada para lhe dar prazer.

Outros têm alguma consciência da repressão sexual que assola seu país de origem, mas não conseguem entender quais as razões como diz o jovem Sérgio, 20 anos e universitário: "Chegamos há cinco dias e estamos gostando muito do Rio. Ainda não conhecemos garotas brasileiras, mas já notei que a mulher argentina é um pouco mais elegante. A brasileira é mais solta e mais liberal. Uma **chica** brasileira de 15 ou 16 anos tem o corpo de uma argentina de 18 anos. Mas são todas iguais, se bem que a brasileira tem mais liberdade sexual. Na Argentina existe mais censura, mas é uma censura sem muito sentido, eu acho".

PARAISO TROPICAL

As levas de "visigodos" que aterrizam por aqui todo o verão, vêm em busca de uma coisa que parece ser difícil na Argentina: o prazer. Maravilhados com os encantos naturais do Rio, eles perambulam pelas ruas de Copacabana, principalmente pela Av. Atlântica, na busca de alguma aventura amorosa. Os bandos de rapazes portenhos comentam a cada garota que passa, seus atributos naturais e ridicularizam as bichas pintosas que circulam dia e noite pelas ruas deste bairro "gay".

Invadem todas as casas noturnas e os bares a beira mar, mas as prostitutas da Av. Atlântica, já calejadas pelo tempo, não dão mais bola para a presença deles: "são todos uns duros e difíceis na queda", disse uma antiga freqüentadora do ponto próximo ao Othon Palace. O encanto causado pelo paraíso tropical chega ao ápice quando centenas deles sobem ao Morro da Urca, nas noites de sexta e sábado, para bailar no Noites Cariocas. Passam a noite inteira grudados uns nos outros,

Daniel (à direita): __ Uma semana sem transar

bebem tudo que encontram e saem de lá invariavelmente sozinhos. Não porque a oferta de garotas seja pequena, mas porque muitas vezes não conseguem convencê-las a um programa mais prolongado num motel da cidade.

MEDO DE ASSALTO

Na saída do bondinho que leva ao Morro da Urca, pode-se encontrar o rescaldo da festa: grupos de argentinos embasbacados com a situação, a espera de alguma gatinha que queira acompanhá-los no fim da noite. Muitos andam a pé cerca de dois quilometros para não pagarem os preços abusivos que os motoristas de táxi cobram. Mas vão sempre juntos, pois temem os assaltos e a onda de violência que assola o Rio de Janeiro. Desistem logo de conseguir uma companhia e voltam para os respectivos hotéis ou para os apartamentos alugados, em média, a Cr$ 7 mil de diária, em Copacabana.

Alguns deixam bem claro a decepção que sentem ao chegar aqui, como o universitário Adrian, 21 anos: "Estou no Brasil há seis dias apenas e esperava um pouco mais, sobretudo em termos de gente. Acho que não voltarei mais ao Brasil, pois Buenos Aires é muito melhor. As brasileiras são simpáticas, mas fisicamente são iguais às outras. Só têm uma diferença, possuem mais peito, mas gosto mais das argentinas. **Hai** muitas prostitutas no Rio e o que vejo é que há mais libertinagem aqui e não mais liberdade do que na Argentina. Ainda não tive nenhum relacionamento sexual com brasileiras, pois todas que eu tentei conversar pediram muito dinheiro. Eu não pago na Argentina e não vou pagar aqui. Não vi tantas mulheres como se diz lá e como eu esperava encontrar. Tive apenas um relacionamento social com garotas brasileiras".

A paranóia machista que ronda a cabeça dos "visigodos" chega ao cúmulo de reprimir bichas brasileiras em seu próprio campo de atuação: não ouse olhá-los profundamente, pois um palavrão pode soçobrar no seu ouvido. Aproveite a situação para se tornar indiferente e dar mais pinta, pois é isto que amaina a reação. Já os "entendidos" portenhos, também correm atrás de prazer nas terras tupiniquins e dão pinta até na Av. Rio Branco (local onde circulam diariamente homens sizudos, vestidos de paletó e gravata e pessoas apressadas). Outro dia passando ao lado do Teatro Municipal, uma bicha portenha resolveu subir as escadarias e posar para uma fotografia imitanto Carmem Miranda. Foi um sururu. É a tal história, não podendo dar pinta no local da repressão, elas se soltam aqui.

MAIS BABAQUICE.

Outro argentino entrevistado disse que "tanto a mulher argentina quanto a brasileira são bonitas e têm um corpo legal. A diferença é que as garotas brasileiras têm mentalidade diversa das argentinas. As daqui são mais europeizadas e as argentinas são muito religiosas. A mulher na Argentina tem a religião muito incutida na cabeça. Já as brasileiras têm outra forma de vida e pensam igual às mulheres européias." Esta é a opinião do Flávio, um gatinho de 18 anos que atualmente presta serviço militar (cruzes!!!)

A nível de homossexualismo, os machões argentinos parecem ter o máximo de desconhecimento e o mesmo grau de aversão, se bem que eu já fiz um operário de Rosário que não deve nada aos brasileiros, a não ser na perplexidade. É como demonstra Vitor Hugo, artesão que trabalha vendendo bugingangas na Av. Atlântica, 25 anos (de bigode e tudo mais): "Estou no Brasil há menos de um mês e gostaria de conhecê-lo de ponta a ponta. Já passei pelos locais de diversão do Rio, mas não gosto de vida noturna. Conheci algumas **chicas** brasileiras, mas em geral toda mulher é mesma coisa. A única diferença é a forma de pensar. A mulher brasileira é mais direta, enquanto que a argentina é mais complicada. Na Argentina não existem barreiras morais, mas sim a hipocrisia. No Brasil a mulher fala a verdade e o que sente. Já os homossexuais para mim são um problema. No Brasil é muito comum vê-los pela rua, mas me molestam muito. Não quero ir para cama com um homossexual, mas não tenho preconceitos contra eles".

Os **maricones**, nossos irmãos de lá, pouco aparecem. No máximo frequentam os guetos dos homossexuais brasileiros. Alguns travestis argentinos já foram vistos na Galeria Alaska e as boates ficam cheias deles, principalmente o Sotão. Poucos se arriscam a ir à Cinelândia, temendo qualquer tipo de represália durante a noite, devido ao pouco conhecimento do local. Ficam mais em Copacabana mesmo, passeando pelo "Bichódromo".

PARECEM INGÊNUOS

"Estou gostando muito do Brasil, mas ainda não consegui garotas. Cheguei há uma semana e só fiz conversar ou tomar alguma bebida com elas. As brasileiras têm um belo corpo, mas as argentinas tem um linda cara", declarou para mim o Daniel, um rapaz de 23 anos. Mas, apesar da idade, me pareceu de uma ingenuidade atroz. Este, disse para mim mesmo, não vai arrumar nada antes de voltar para a Argentina. Coitado!

Passeando pela Avenida Atlântica, não foi difícil identificar os grupos de argentinos. O primeiro contato era amistoso ao saberem que se tratava de um jornalista, mas diante do fotográfo muitos reagiam: "fotos não se pode tirar, perguntas respondemos todas", afirmou um deles diante do Othon Palace. A própria forma de falar, um modo arrogante dava arrepios ao ver tanto autoritarismo. Um deles, Ramirez 23 anos e universitário, disse-me que "o Rio é uma cidade linda e tudo aqui é mais livre que em Buenos Aires. Estou há oito dias e já tive contato com garotas que levei para tomar drink e dançar, mas não chegamos a manter um relacionamento sexual. Aqui as garotas são mais simpáticas e muito mais espontâneas, mais natural para o amor. Chego até a sentir muitas inibições".

OPULENTAS

Muitos não sabem absolutamente nada de sexualidade, como um jovem senhor de nome Roberto (35 anos, casado): "As mulheres são iguais aqui como em todo o lugar. No Brasil elas são mais opulentas, mas não **hai** diferenças". Perguntado se gostaria de ter relação homossexual, disse apenas uma frase lapidar: "não, porque com as mulheres eu posso fazer amor e com um maricon posso orgasmar apenas". **(Aristides Nunes)**

Veja as fotos dos entrevistados na página 20.

LAMPIÃO

LAMPIÃO da Esquina é uma publicação da Esquina — Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda.; CGC (MF) 29529856/001-30; Inscrição Estadual: 81.547.113.

Editores — Aguinaldo Silva e Francisco Bittencourt (Rio); Darcy Penteado e João Silvério Trevisan (São Paulo).

Redação — Adão Acosta, Alceste Pinheiro, Antônio Carlos Moreira e Aristides Nunes. (Rio), Eduardo Dantas, Emanoel Freitas, Francisco Fukushima, Glauco Mattoso, Paulo Augusto (São Paulo); Alexandre Ribondi Brasília).

Colaboradores — João Carlos Rodrigues, Luiz Carlos Lacerda, Agildo Guimarães, Frederico Jorge Dantas, José Fernando Bastos, Aristóteles Rodrigues, Dolores Rodrigues e Leila Míccolis (Rio); Carlos Alberto Miranda (Niterói); Mariza e Eduardo McRae (Campinas); Celso Curi, Cynthia Sarti, Jorge Schwartz e Zezé (São Paulo); Aylton de Almeida (Vitória); Zé Albuquerque (Recife); Paulo Hecker Filho (Porto Alegre); Wilson Bueno (Curitiba) e Edvaldo Ribeiro de Oliveira (Jacareí).

Fotos — Cynthia Martins e Ricardo Fragoso Tupper (Rio); Francisco Fukushima e Dimas Schitni (São Paulo) e Arquivo.

Arte — Antônio Carlos Moreira (Artefinal); Mem de Sá (Capa); Nélson Souto (Diagramação); Levi e Hartur (Charges).

Endereço — Rua Joaquim Silva, 11 — sala 707, Lapa, Rio, RJ. Correspondência: Caixa Postal M41031, CEP. 20.400, Santa Teresa, Rio.

Composto e impresso na Gráfica e Editora Jornal do Comércio S.A. — Rua do Livramento, 189, 4º andar, Rio, RJ.

Distribuição — Rio: Distribuidora de Jornais e Revistas Presidente Ltda — Rua da Constituição, 65/67; **São Paulo** — Paulino Carcanhetti; **Campinas**: Distribuidora Constanzo de Jornais e Revistas Ltda; Curitiba: J. Chignone e Cia Ltda; **Londrina**: Livraria Reunida Apucarana Ltda; **Florianópolis e Londrina**: Amo Representações e Distribuição de Livros e Periódicos Ltda; **Jundiaí**: Distribuidora Paulista de Jornais e Revistas Ltda; **Porto Alegre**: Coojornal; **Campos**: R.S. Santana; **Belo Horizonte**: Distribuidora Riccio de Jornais e Revistas Ltda; **Divinópolis**: Agência Souza; **Juiz de Fora**: Ercule Caruzzo e Cia Ltda; **Goiânia** — Agrício Braga e Cia Ltda; **Brasília**: Anazir Vieira de Souza; **Vitória**: Norbin — Distribuidora de Publicações Ltda; **Salvador**: Literarte — Livros, Jornais e Revistas Ltda; **Aracaju**: Wellington Gomes Andrade; **Maceió** Gesivan R. de Gouveia; **Recife**: Livro Sete, Empreendimentos Culturais Ltda e Diplomata, Distribuidora e Publicações e Representações Ltda; **João Pessoa**: Henrique Paiva de Magalhães; **Campina Grande**: Livro Sete, Empreendimentos Culturais Ltda.

Assinatura anual (12 números): Cr$ 600 (Brasil) e US$ 25 (exterior). Números atrasados: Cr$ 60.

Fotos: Ricardo Fragoso Tupper

Hambre de sexo en Argentina

Leonel (à direita): — Brasileña só con plata...

Sérgio: — Pra mim, são todas iguais...

Victor Hugo: — Los maricones me molestan mucho!

Adrian: — Brasileiros possuem mais peito

(des) aventuras de brasileiros em "Baires"

Os argentinos no Brasil sonham com meninas fáceis e só conseguem prostitutas (o mesmo é válido para as bonecas portenhas, às voltas com os michês). E os brasileiros em Buenos Aires, ou "Baires", como dizem os argentinos?

— Durante quatro anos eu fui à Argentina duas vezes por ano (era um consolo para quem não podia ir à Europa sem pagar depósito compulsório), e sempre me hospedava no mesmo hotel, o Itália Romanelli. Tinha um homem na recepção, de uns 40 anos, que era sempre muito gentil, conversava muito, mas dava sempre a impressão que pretendia, com tanta gentileza, conseguir uma gorjeta a mais. Um dia, meu dinheiro estava guardado no cofre do hotel, numa sala do subsolo. Aí, eu precisei de algum, pedi na portaria, e este homem foi comigo pra abrir o cofre. Lá, de repente, ele me agarrou, foi logo ficando excitado, mas era uma coisa meio assustadora, porque ele gritava, "tenho mulher e filhos, vou perder meu emprego, eles vão descobir!", e aí me deu uma paranóia de que ele podia ser da polícia, estava me testando, sei lá. Aí foi uma coisa terrível, porque em menos de um minuto o homem teve um orgasmo, ele estava terrivelmente excitado, e ficou aparvalhado, com aquela mancha horrível na calça. Não queria mais sair do cofre, de tanto medo. Ele só fazia repetir que todo o mundo, no hotel, ia saber... (**Arnaldo Souza, empresário**)

— Um dia eu ia andando pela Calle Suipacha, no centro de Buenos Aires, eram nove horas da noite e estava muito frio, e aí eu entrei num café pra tomar um **submarino** (leite quente com uma barra de chocolate dentro). Foi então que, pelo vidro da **confiteria**, vi que um homem, na porta de um prédio em frente, me observava. Acostumado com a rapidez das **pegações** brasileiras, em cinco minutos eu estava lá, na porta do prédio, conversando com o homem. Ele disse que naquela noite não podia, mas que na noite seguinte, à mesma hora, eu podia aparecer, e tudo bem. Fiz exatamente como ele disse, mas na noite seguinte, quando cheguei no tal prédio da Suipacha, além do homem, quem me esperava era a polícia. Me interrogaram durante mais de meia hora no **hall** do prédio, falaram em me levar para a Polícia Federal, mas depois me deixaram ir embora. Foi terrível. Durante todo o tempo, o tal homem só escutou — não olhou pra mim, nem disse uma só palavra. (**Zeno de Melo, programador visual**)

—Era uma loura vistosa, muito branca, acho que nunca tinha levado sol em sua vida. Eu a conheci numa casa de couros, tinha ido lá pra comprar umas malas, naquela época era tudo muito barato em Buenos Aires. Aí a gente conversou, se enturmou, marquei com ela pra logo mais, prum jantar numa **parrillada**. Eu tinha alugado um carro, um Ford pesadão, e depois do jantar a gente foi dar um passeio. Aí eu parei numa rua escura, como a gente faz no Rio, e ataquei. A loura deixou dar uns beijinhos, mas quando eu botei uma mão no seu decote ela teve um ataque. Começou a se contorcer e a dizer umas coisas que eu não entendia, e começou a me arranhar e me bater, espumava, parecia que ia ter um troço. E no meio daquela agonia toda eu percebi que ela falava dos seus **hermanos**, eu acho que era por isso que ela me batia, porque tinha medo dos irmãos, sei lá. Deixei ela no primeiro táxi. Passei quinze dias em Buenos Aires depois disso; não consegui trepar com ninguém. (**Walter C., importador**)

—Eu vinha voltando com o meu caso de uma viagem de carro a Buenos Aires. Aí, numa estrada deserta lá no fiz do mundo, em Curuzu Cuatiá, perto de Passo de Los Libres, um policial fardado nos pediu uma carona. Viajou com a gente uns quarenta minutos e, antes de descer do carro, fez uma confissão: "Os senhores não se **ofendam, mas o sonho da minha vida é trepar** com uma **brasileña**; dizem que elas são **muy calientes". (José Marques, joalheiro)**

— A minha experiência na Argentina ocorreu há uns poucos anos. Estava em trabalho — pois se não estivesse para lá não tinha ido — em Córdoba, no interior da Argentina. Estava hospedado em um hotel de três estrelas, cercado de guarda-costas, alguns muito bonitos (aliás, o argentino é muito bonito). Comecei a paquerar um deles, não o mais bonito porque o achava inacessível. Minha paquera não progrediu muito, mas certa noite, quando voltava ao hotel, bêbado, sentei-me no **hall** a conversar com um grupo de escoceses. Lógico que atrás de alguma transa. O bonitão estava lá, em pé, com a aliança de casado bem exposta e de cara amarrada. Uma hora depois, aproximadamente, fui ao banheiro, que ficava no andar superior. Qual não foi o meu espanto, quando ele pôs-se ao meu lado a me examinar. Iniciei um conversa, e ele, tenso, disse que passaria no meu apartamento. Subi imediatamente e ele chegou minutos depois.

— Estava certo de que seria o passivo na história. Afinal, estava diante de um bofe argentino, mau encarado. Nem deu tempo de deitar. Ele foi logo me agarrando, me beijando, me chupando. E eu ali parado, sem saber como fazer e, o que é pior, de pau mole. Talvez por causa da bebida, talvez por causa da surpresa, por sinal agradável, talvez por não dominar aquele código. Não demoramos muito. Um ou dois minutos depois ele saiu. Aborrecido porque eu não conseguia comê-lo. Pediu-me sigilo absoluto e chegou a ameaçar lágrimas. É claro que não falaria nada, mas no dia seguinte lá estava ele na portaria do hotel. Parecia que nada tinha acontecido. A aliança voltava a reluzir, a cara continuava dura, os olhos mais pareciam olhar o mundo, sem se fixar em ninguém especial, e a metralhadora permanecia imóvel em sua mão direita. (**Pedro Siégel, arquiteto**).